

Róbi Jair Schmidt

Cenas da constituição de um mito político

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná como requisito para a obtenção do título de Mestre em História, sob a orientação do Prof. Dr. Luis Carlos Ribeiro.

Curitiba

2000

“O historiador não é o que sabe, mas o que procura”.

Lucien Febvre

Dedico a:

Arbílio Schmidt

Sílvio Galvão de Queirós

(In memoriam)

“Faz um tempo eu quis, fazer uma dissertação, para vocês viverem mais. Deixei que tudo desaparecesse, mas o amor ainda estava lá”.

Paráfrase de “Canção prá você viver mais” do grupo Pato Fu.

Agradecimentos

Estes agradecimentos, apesar de muitos, são prazerosamente necessários:

À CAPES, pelo auxílio financeiro que tornou possível a realização deste trabalho;

Aos professores do Curso de Mestrado em História da Universidade Federal do Paraná;

Ao professor Marcos A. Lopes, interlocutor em discussões que apontaram importantes caminhos para o desenvolvimento da pesquisa;

Aos professores e amigos Marcos L. Ehrhardt e Neiva S. Maccari, por terem indicado o estudo deste objeto de pesquisa e pelas demais discussões feitas sobre o trabalho;

À equipe de funcionários do Museu Histórico Willy Barth e aos membros da Família Barth, sempre prontos em auxiliar nesta pesquisa;

Ao C. Ivan "Mano" Schneider, amigo de todas as horas;

À Carmen pelo apoio;

À toda minha família, em especial à Joana, à Lilian, à Ani e à Haide;

Cabe falar também da Ilse, Ana Leticia, Nica, Lia, Márcia, Luiza, Nino, Onédio, Paulo K., Mancha, Marli, Lori, Marisa, Norma, entre outros (as);

Aos entrevistados pela imensa ajuda;

Ao Antônio Paulo, Rafael e Leandro, amigos do curso de pós-graduação;

Ao amigo Paulo Cezar Konzen, pelo constante diálogo, pela leitura rigorosa e crítica, apresentando perspectivas que auxiliaram imprescindivelmente na elaboração da pesquisa;

À banca de qualificação pelas críticas e sugestões;

Ao professor Dr. Luiz Carlos Ribeiro, pela atenção e caminhos indicados. Mostra de sua capacidade de orientar e apresentar possibilidades que serão de grande contribuição para o alcance de pesquisas futuras.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS E FOTOGRAFIAS	III
RESUMO.....	IV
ABSTRACT.....	V
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – MEMÓRIAS E MITO: REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	15
1.1 MEMÓRIAS	15
1.2 MEMÓRIAS E MITO: DIÁLOGOS	24
1.3 MOMENTOS E MOVIMENTOS DO MITO POLÍTICO.....	27
1.4 APONTAMENTOS METODOLÓGICOS PARA A ANÁLISE DAS FONTES	32
CAPÍTULO II - PERCURSO DAS PRÁTICAS DE WILLY BARTH.....	38
2.1 ADMINISTRANDO MOMENTOS DE TENSÃO.....	43
2.2 O ASPECTO RELIGIOSO NAS FALAS DE BARTH.....	52
2.3 EM DIREÇÃO AO PROGRESSO E A LIBERDADE ATRAVÉS DO TRABALHO.....	57
2.4 UM DISCURSO REVELADOR DE AÇÕES POLÍTICAS	66
2.4.1 <i>O discurso de Barth e as instituições de ensino.....</i>	<i>77</i>
CAPÍTULO III - MEMÓRIAS QUE LEMBRAM WILLY BARTH.....	87
3.1 DA MORTE NASCEM OS HERÓIS MÍTICOS.....	88
3.2 O GRANDE PAI CARISMÁTICO	104
3.3 CULTURA DO TRABALHO: ESSÊNCIA DA PROSPERIDADE.....	118
3.4 A POLÍTICA NA “ÉPOCA DE BARTH”	128
3.5 MONUMENTOS: LUGARES DA MEMÓRIA DE BARTH.....	139
CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	160
ANEXOS	168

LISTA DE FIGURAS E FOTOGRAFIAS

FIGURA 1 – Localização da Fazenda Britânia no Oeste do Paraná.....	2
FOTO 1 – Willy Barth: caixeiro viajante(08/05/1932).....	9
FOTO 2 – Willy Barth: chegada à cidade de Toledo (1948).....	10
FOTO 3 – Solenidade de posse de Willy Barth como Prefeito de Toledo (14/12/1960).	55
FOTO 4 – Inauguração da Balsa Britânia (1957).	60
FOTO 5 – Campanha política (Setembro de 1959).....	68
FOTO 6 – Solenidade de posse do prefeito de Mal. C. Rondon (1961).....	135
FOTO 7 – Praça e busto que homenageiam Willy Barth (Mal. C. Rondon, 1996).....	142
FOTO 9 - Busto construído na Praça Willy Barth, localizada em Toledo (1962).....	147
FOTO 10 – Placa que homenageia Willy Barth (Mal. C. Rondon, 1965).....	150

RESUMO

O presente trabalho concentra suas discussões sobre o estudo das pressões socioculturais existentes entre o personagem Willy Barth e as comunidades do Oeste paranaense, durante os anos iniciais de sua colonização: 1945 a 1965. Neste espaço, busca-se visualizar variados ângulos que moldam a constituição de um mito político que integra elementos relacionados aos mitos modernos. Com isso, evidenciam-se aspectos que circulam em torno de questões culturais e poderes que referendam sensibilidades políticas, apresentando este sujeito enquanto um significativo componente da memória coletiva. Tal característica destaca Willy Barth e o universo de suas ações, inseridas no contexto das comunidades desta região.

ABSTRACT

The present work concentrates its discussions on the study of the existent sociocultural pressures between the character Willy Barth and the communities of the West "paranaense", during the initial years of its colonization: 1945 to 1965. In this space, it is looked for to visualize varied angles that mold the constitution of a political myth that integrates elements related to the modern myths. With that, aspects are evidenced that circulate around cultural subjects and powers that referring political sensibilities, introducing this subjects while a significant component of the collective memory. Such characteristic highlights Willy Barth and the universe of its actions, inserted in the context of the communities of this area.

INTRODUÇÃO

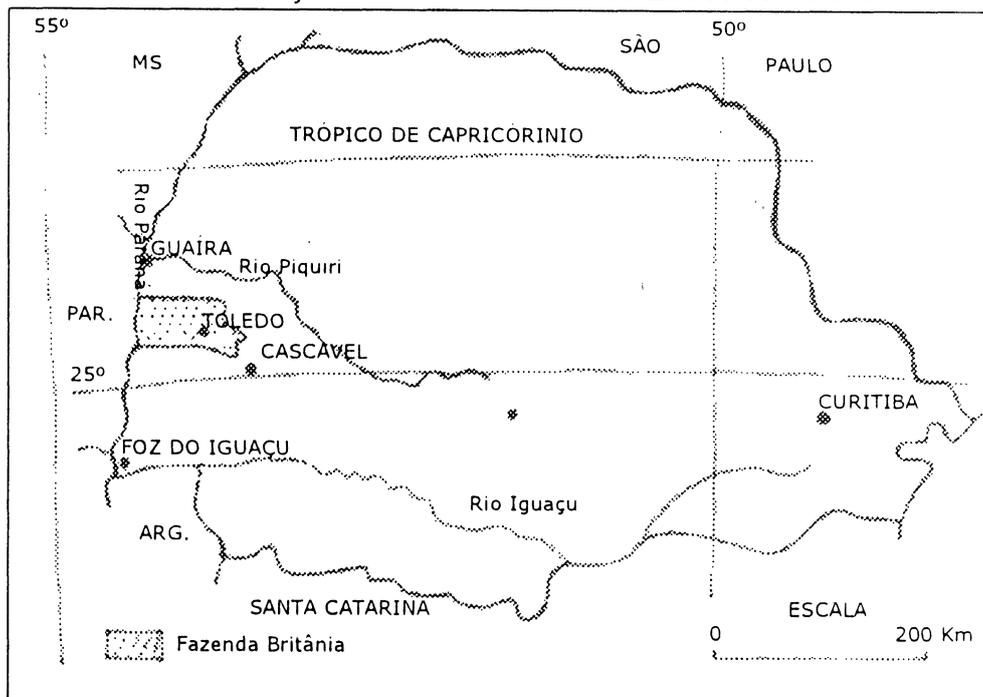
O presente trabalho concentra suas discussões no estudo das narrativas que envolvem o colonizador Willy Barth, tendo como indicativo temporal os anos de 1945 a 1965. Este período corresponde ao auge da colonização e ocupação da microrregião do Oeste paranaense, mais especificamente dos municípios de Toledo e Marechal Cândido Rondon, pois é neste espaço que se estabeleceu a *Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A – MARIPÁ*¹, após a compra da Fazenda Britânia (ver FIGURA 1). Esta empresa foi fundada através da associação de comerciantes gaúchos interessados na obtenção de benefícios provenientes da venda de madeiras e terras. Entre estes comerciantes destaca-se o nome de Willy Barth, um dos principais mentores desta transação comercial.²

Para colaborar na compreensão do presente estudo, faz-se necessário abordar alguns aspectos do processo histórico que culminou na ocupação e colonização do Oeste do Paraná. Estas informações são significativas, pois dizem respeito tanto à peculiaridades que envolvem a formação e constituição dos municípios desta região quanto a elementos da trajetória pessoal de Willy Barth.

¹Daqui por diante, esta empresa colonizadora será denominada apenas pela sigla MARIPÁ.

² A aquisição da Fazenda Britânia ocorreu no ano de 1946. Esta “fazenda” abrangia uma extensão de terras equivalente a 290.000 hectares – pertencente anteriormente a *Maderas del Alto Paraná*, companhia madeireira inglesa com sede em Buenos Aires –, sendo sua escritura lavrada nas folhas 14 e 15 do livro n.º 03 do Cartório de Imóveis de Foz do Iguaçu, sob o número 1.460. Cf.: SILVA, Oscar [et al] *Toledo e sua história*. Toledo: Prefeitura Municipal, 1988 e FERREIRA, Vicente. *O Paraná e seus municípios*. Maringá: Memória Brasileira, 1996.

FIGURA 1 – Localização da Fazenda Britânia no Estado do Paraná.



FONTE: GUTHS, Lia Dorotéia. *Do mapeamento geo-ambiental ao planejamento urbano de Marechal Cândido Rondon (Pr): estudo de caso (1950-1997)*. Dissertação (Mestrado em Geografia) Florianópolis – UFSC 1999. Adaptado por: Róbi Jair Schmidt, maio de 2000.

Destarte, até meados do século XX, a região Oeste do Paraná não obteve investimentos consideráveis por parte do poder público no que se refere principalmente à exploração e à colonização de suas terras. Isto se deve ao fato de que, durante um longo período, a ocupação das terras brasileiras restringiu-se à faixa litorânea, sendo que as incursões para o interior do país passaram a ter maior intensidade a partir do início deste século.

Deste modo, a história do Oeste do Paraná, do século XVI até o final do século XIX, foi marcada pela inexpressiva atuação de espanhóis, portugueses e outros povos estrangeiros. Em geral, o interior do Brasil recebia atenção quando a integridade territorial encontrava-se ameaçada. Esta questão possui implicações com a microrregião em estudo, devido ao fato desta integrar a Região Platina que,

durante o século XIX, foi palco de disputas territoriais entre Brasil, Argentina e Paraguai.

Neste contexto, a história do Oeste do Paraná apresentou novas características ainda no século passado através de iniciativas que visavam a segurança nacional. Entre estas iniciativas, destaca-se a fundação de uma colônia militar, em 1889, que deu origem ao atual município de Foz do Iguaçu, que nesse momento também integrava os atuais municípios de Toledo e Marechal Cândido Rondon.

Poucos anos após a fundação desta colônia militar, comerciantes ingleses obtiveram, por parte do governo brasileiro, concessões de terras para a exploração sistemática de riquezas naturais. Com isso, passam a ser implantados projetos extrativistas, a exemplo da *Companhia Maderas del Alto Paraná*, empreendimento sustentado por capital inglês e mão-de-obra, na sua maioria, oriunda da Argentina e do Paraguai.³

Toda a faixa de terras vendida aos ingleses recebe destes o nome de Fazenda Britânia, que passa a dispor de um ancoradouro às margens do Rio Paraná denominado de Porto Britânia. Apesar de realizarem investimentos na região, tais como a construção de uma estrada de ferro ligando a Fazenda Britânia à cidade de Guaira, os ingleses não priorizaram ações em prol da colonização desse espaço, pois estes esforços concentraram-se na ampliação das atividades de extração de

³ A concessão aos ingleses é feita através “da Lei n.º 610, de 06 de abril de 1905, [correspondente a] uma area de terras devolutas à margem esquerda do Rio Paraná. No ano seguinte surge a Companhia de Maderas del Alto Parana, que em 1907, pelo Decreto n.º 6.569, de 18 de julho, é oficialmente autorizada a funcionar em territorio brasileiro”. Cf.: SILVA, Oscar [et al]. Op. cit., p. 33.

riquezas naturais (madeira, erva-mate, erva-cidreira e extrato de laranja) que eram comercializadas com o resto do mundo através da sede administrativa da companhia, localizada em Buenos Aires. Além disso, ainda visando maior exploração econômica, e diante de uma atitude de indiferença por parte do governo brasileiro, os empreendimentos ingleses efetivaram a “expulsão” das tribos indígenas da região⁴.

A situação de exploração efetivada pelo capital estrangeiro no Oeste paranaense tornou-se mais clara para as autoridades brasileiras a partir da década de 1920, por ocasião da passagem de revoltosos tenentistas ligados ao movimento denominado Coluna Prestes⁵, que no ano de 1924, nesta região, entram em atrito com os militares brasileiros e com as próprias empresas estrangeiras instaladas nesse espaço.

Em consequência deste fato, no decorrer da década de 1930 passou a ser evidenciada a situação precária desta região de fronteiras – composta por extensa área de terras – que, na visão do governo federal, em concordância com a iniciativa privada nacional, poderia ter melhores finalidades econômicas e políticas. Além disso, a região era habitada por um reduzido número de brasileiros, que mantinham residência nesse espaço devido à postura de adequação às exigências das empresas de capital internacional, sobretudo argentinas e inglesas.

⁴ Segundo Venilda Saatkamp, “os índios no início desse século foram ‘aproveitados’ como mão-de-obra – para o trabalho nos portos e nas lavouras, principalmente na extração de erva-mate – pelos exploradores espanhóis, argentinos, ingleses e portugueses que atuaram na região. No ano de 1956, o restante de uma tribo indígena localizada na região foi ‘transferida’ para a reserva de Laranjeiras do Sul, pelo então Serviço de Proteção ao Índio” (Cf.: SAATKAMP, Venilda, *Desafios, lutas e conquistas: história de Marechal Cândido Rondon* – Cascavel, Açoeste, 1984, p. 74). No entanto, considerando as tradições culturais cultivadas pelos remanescentes indígenas do Oeste paranaense, pode-se supor que estes não se adequaram a idéia de serem “aproveitados” enquanto mão-de-obra, sendo por isso “substituídos” por paraguaios e argentinos, o que corrobora a hipótese de que para uma maior exploração econômica, as tribos indígenas que habitavam esse espaço foram expulsas, e não “transferidas” da região.

⁵ Este fato diz respeito ao grupo de rebeldes dirigidos por Luis Carlos Prestes, oriundos de Santo Ângelo, Rio Grande do Sul. A passagem da Coluna Prestes pela região Oeste do Paraná faz parte das atividades desenvolvidas pelos revoltosos do movimento tenentista dos anos 20.

Getúlio Vargas, logo após assumir o governo através da “Revolução de 1930” – com o efetivo apoio dos militares, sendo que muitos deles tinham participado nos combates contra a Coluna Prestes nas fronteiras do Brasil – em meio a esse processo, assinou um decreto que “adotava medidas drásticas do ponto vista nacionalista. Este decreto exigia que as empresas tivessem, em seus quadros de empregados, no mínimo, dois terços de trabalhadores brasileiros”⁶. Esta ação do governo federal envolveu o Extremo Oeste paranaense, dificultando o acesso e o estabelecimento de grupos estrangeiros, principalmente paraguaios, argentinos e as próprias companhias inglesas que ocupavam as terras da região, impondo obstáculos para os mesmos permanecerem neste espaço.

Além disso, Vargas criou o Território Federal do Iguaçu, abrangendo as terras do Oeste de Santa Catarina, Sudoeste e Oeste do Paraná. Esta medida integrava as estratégias de colonização e ocupação das fronteiras do território brasileiro, interligando-se ao projeto conhecido como a “Marcha para o Oeste”, que contava com a adesão do governo estadual e do capital privado nacional, além de personagens de expressão junto à sociedade brasileira da época⁷.

Portanto, a “Marcha para o Oeste” trazia em seu bojo a noção de exploração e domínio das fronteiras brasileiras, sendo que a legislação e o encaminhamento político adotados pelo governo federal criaram dificuldades para a manutenção da exploração estrangeira⁸. Além disso, países, tais como a Inglaterra, estavam tendo

⁶ A lei instituída por Vargas refere-se ao decreto n.º 19.842, de 12 dezembro de 1930. Cf. GREGORY, Valdir. *Os euro-brasileiros e o espaço colonial: a dinâmica da colonização do Oeste do Paraná nas décadas de 1940 a 1970*. Niterói, 1997. Tese (Doutorado em História) – UFF, p. 115.

⁷ Cita-se como exemplo destes personagens nomes como os de Silvio Romero, Tristão Araripe, Paulo Prado, General Cândido Rondon, entre outros. Cf.: SILVA, Osear [et al.]. Op. cit., p. 52.

⁸ Cf. *DIÁRIO Oficial do Estado do Paraná* – (E. U. do Brasil), n.º 2041, ano 9. Curitiba, 30/03/1939, p. 01

problemas advindos das instabilidades provocadas pela Segunda Guerra Mundial, o que contribuiu para a desestruturação das companhias instaladas na Bacia do Prata. Sendo assim, " a conjuntura mundial em crise e as incertezas das companhias estrangeiras que operavam no Oeste do Paraná fizeram com que fossem desativados seus empreendimentos ou entrassem em falência, abrindo fabulosos espaços para o investimento de capitais nacionais"⁹.

É neste contexto que a Maripá adquiriu, em 1946, a Fazenda Britânia.¹⁰ O projeto da referida empresa colonizadora foi estruturado na região Oeste paranaense levando em consideração seu potencial econômico visualizado na comercialização de madeiras e lotes rurais. Além disso, o estabelecimento de uma infra-estrutura – que privilegiava grupos étnicos descendentes de imigrantes alemães e italianos (protestantes e católicos), oriundos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina –, possibilitaria a exploração econômica dos excedentes da produção agrícola destas famílias de migrantes.¹¹

Neste sentido, as prioridades do projeto de colonização da Maripá podem ser observadas a partir do seu plano de ação, onde são apresentados sinteticamente os seguintes pontos:

A) ELEMENTO HUMANO: A fim de ter êxito no empreendimento, povoar densamente a Fazenda Britânia, com agricultores que mais se adaptem a região; B) PEQUENA PROPRIEDADE: Proporcionar a todo o agricultor que vier residir na 'Fazenda Britânia', a faculdade de se tornar proprietário, livre e independente, das terras por ele cultivadas para si e sua família. Estas terras divididas em glebas de 10 alqueires ou 25 hectares, trariam para a região, maior quantidade de gente; C) POLICULTURA: Garantir o perfeito equilíbrio econômico da região, dirigido à produção agrícola, sempre que possível, no sentido da policultura; D) ESCOAMENTO DA PRODUÇÃO: Na

⁹ GREGORY, Valdir. Op. cit., p. 117.

¹⁰ A Maripá foi fundada em "13 de abril de 1946, segundo consta no livro de Contratos n.º 39, do Primeiro Cartório de Notas de Porto Alegre". Cf.: NIEDERAUER, Ondy H. *Toledo no Paraná: a história de um latifúndio improdutivo, sua reforma agrária, sua colonização, seu progresso*. Toledo: Grafo-Set, 1992, p. 35

¹¹ MACCARI, Neiva. *Migrações e memória: a colonização do Oeste paranaense*. Curitiba, 1999. Dissertação (Mestrado em História) – UFPR.

medida em que as terras forem vendidas e cultivadas auxiliar os agricultores na colocação de seus produtos nos grandes centros consumidores: E) INDUSTRIALIZAÇÃO: Para industrializar a região na proporção do desenvolvimento do Brasil, evitando que o ritmo normal da produção agrícola dependa de determinadas indústrias mantidas no litoral e evitando o desperdício de tempo e despesas de transporte e outros prejuízos com longa viagens¹².

Como se pode notar, o projeto da Maripá buscava antecipar os encaminhamentos a serem efetivados durante a execução das atividades relacionadas à ocupação e colonização deste espaço. Sendo assim, os administradores da empresa organizaram sistematicamente as diretrizes que iriam orientar todo o processo: seleção dos grupos humanos; divisão das terras em pequenos lotes; cultivo de produtos diversificados; e industrialização e comercialização dos excedentes agrícolas.

Como um dos personagens principais na configuração e execução das diretrizes acima descritas, Willy Barth, a partir de 1949, assumiu a direção da Maripá. No entanto, merecem ser destacados alguns aspectos de caráter biográfico deste personagem que remontam ao período anterior ao projeto de colonização da Maripá, na medida em que estes aspectos auxiliam a compreensão da trajetória de Barth.

Nascido na cidade de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, no dia 20 de junho de 1906, Willy Barth era descendente de alemães protestantes, empresários do setor industrial: Adolfo Barth e Maria B. Schilling Barth (ver ANEXO 1). Até a idade de onze anos, permaneceu na casa de seus pais, na cidade de Santa Cruz, onde cursou os primeiros anos escolares. Posteriormente, seu pai financiou sua ida para a cidade de Porto Alegre, capital do Estado, para continuar a estudar.

¹² NIEDERAUER, Ondy H. *Relatório de atividades da Maripá*. Toledo: Museu Histórico Willy Barth, 1955 (mimeo), p.03.

Por dois anos morou, então, na casa do professor Karl Händler, até o momento em que seus pais também transferiram-se para Porto Alegre. Neste período, passou a estudar no antigo e tradicional Colégio Farroupilha.

Wilson Carlos Kuhn, advogado da colonizadora Maripá, que exerceu suas atividades junto à empresa durante o período que esta foi dirigida por Barth, ressalta que Barth "mais tarde, freqüentou o curso preparatório para o ingresso no ensino superior, sob a direção do professor Emilio Mayer, um dos maiores educadores gaúchos, sendo contemporâneo de Curt Bercht, empresário de renome nacional, Egdio Michaelsen, extraordinária expressão política, e Ruy Cirne Lima, um dos maiores valores da cultura jurídica do Rio Grande do Sul"¹³.

Apesar de estar cercado de "colegas ilustres", Willy Barth abandonou as cadeiras das salas de aula antes de ingressar no ensino superior, aos dezessete anos, iniciando, a partir de então, suas atividades profissionais como balconista na *Loja Brasileira* e posteriormente como caixeiro viajante da empresa *Bier & Wilmann Ltda.*, dois tradicionais estabelecimentos do comércio de Porto Alegre.

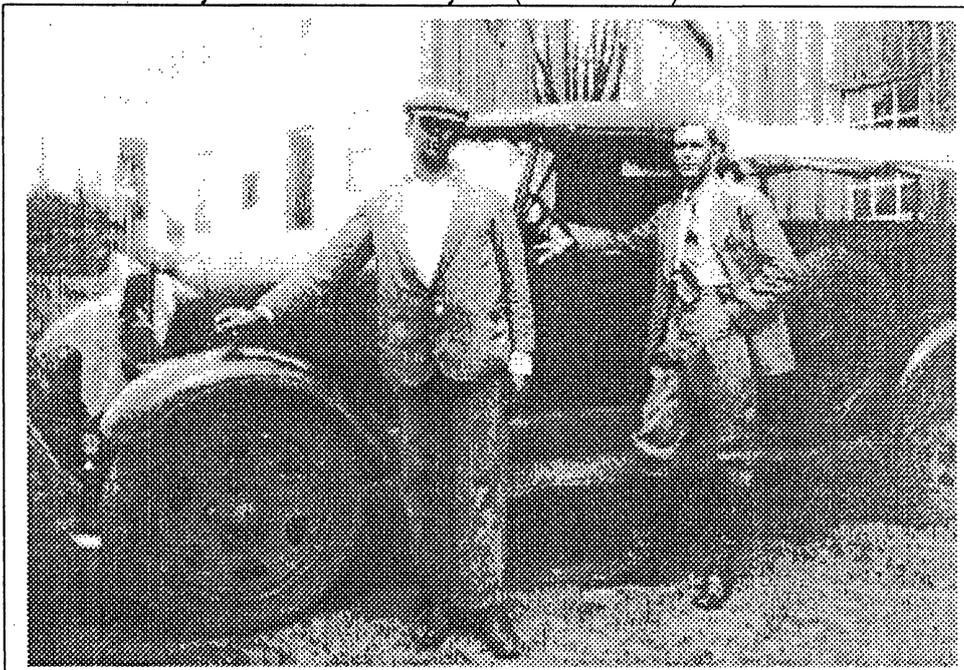
Nesta época, como vendedor de tecidos passa a conhecer o interior e os centros urbanos do Estado, instalando-se na cidade de Caxias do Sul, cidade denominada então de "pérola das colônias", por ter sido a cidade-foco de vários empreendimentos de colonização de novas regiões, sendo o local onde eram fundadas várias empresas colonizadoras por empresários e comerciantes da região e da capital gaúcha.

Assim, em Caxias do Sul, Willy Barth associou-se a comerciantes de expressão regional, constituindo a firma Barth & Benetti Ltda., que mais tarde passaria por reformulação interna, sendo denominada por fim como Barth & Anoni

¹³ KUHN, Wilson Carlos. *Biografia de Willy Barth*. Toledo: Museu Histórico Willy Barth, 1978, p. 01

Ltda., vindo a ser a empresa fundadora e colonizadora da localidade conhecida como Vila Oeste, posteriormente nominada São Miguel do Oeste, hoje um município de relevante importância, tanto econômica quanto política, do interior do Estado de Santa Catarina.

FOTO 1 – Willy Barth: caixeiro viajante(08/05/1932).



Willy Barth (à direita) e um auxiliar de vendas realizando a comercialização de tecidos na cidade de São Marcos - RS. Fonte: Museu Willy Barth, Toledo – PR.

A sede da Barth & Anoni Ltda. localizava-se na cidade de Carazinho, Santa Catarina, mas sua efetiva atuação na venda de terras e exploração madeireira se estabelecia na Vila Oeste, tendo como titular dirigente dos negócios da empresa o próprio Willy Barth. A empresa dedicou suas atividades principalmente à comercialização, com a Argentina, de madeiras "serradas", transportadas através de "balsas" pelo Rio Uruguai.

Em meio à agitada vida empresarial, no ano de 1941, Willy Barth casou-se com Diva Paim Barth, filha de fazendeiros de Vacaria, cidade do interior do Estado e desse casamento nascem quatro filhas.

Em 1946, já com toda a experiência em negociações comerciais, Barth participou da fusão de dois grupos econômicos do Rio Grande do Sul, constituindo, assim, a "Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná, S. A.", mais conhecida pela sigla "Maripá", com sede em Porto Alegre. Neste mesmo ano a empresa adquiriu a Fazenda Britânia, localizada junto ao Extremo Oeste do Paraná, onde passou a exercer atividades através da instalação de uma filial.

Como visto anteriormente, no final da década de 1940, Barth foi nomeado o diretor desta filial. Neste período, transferiu sua residência para a cidade de Toledo, onde passou a morar, juntamente com sua família.

foto 2 – Willy Barth: chegada à cidade de Toledo (1948).



Willy Barth (segundo da direita para a esquerda) e amigos em sua primeira viagem às terras da Fazenda Britânia. Fonte: Museu Willy Barth, Toledo – PR.

Sua atuação na Maripá, é caracterizada da seguinte forma por Wilson C.

Kuhn:

De gênio dinâmico, alegre e extrovertido, compreensivo e afável. Willy Barth mudou a feição da incipiente colonizadora da nascente cidade de Toledo. Organizou a exportação das madeiras, implantou novas indústrias (cerâmicas, fundição, serrarias, marcenarias, oficinas mecânicas, etc.) e motivou o comércio, até então praticamente inexistente. Estimulou a construção de boas casas, o ajardinamento dos terrenos, chamando a atenção dos moradores da cidade e dos funcionários da Maripá para a necessidade de melhores condições de vida¹⁴

Além disso, Barth foi, no Paraná, fundador de várias cidades e povoados, tais como "Toledo, Marechal Cândido Rondon, Dez de Maio, Novo Sarandi, Quatro Pontes (em 1951), Vila Margarida, Nova Concórdia, Vila Mercedes e Nova Santa Rosa (1952) e Vila Maripá (1953), além de mais de uma dezena de povoados e pequenas localidades."¹⁵

Com relação à atuação política, já na sua juventude Barth simpatizou com os "maragatos"¹⁶, facção pertencente às fileiras do Partido Libertador (PL) do Rio Grande do Sul. Na cidade de Toledo, instalou um diretório deste partido, sendo membro integrante do mesmo até 1958, quando ingressou junto ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), sigla através da qual se elegeu prefeito em 14 de dezembro de 1960. Ainda como político teve papel principal na "articulação" de situações e instituições partidárias da região, através do apoio a candidatos tanto a cargos do poder executivo (prefeitos e vereadores) quanto do poder legislativo (deputados federais).

¹⁴ *Idem.* pp. 02-03.

¹⁵ *Idem.* p.03.

¹⁶ Maragatos eram os integrantes de um grupo político, também conhecidos no Rio Grande do Sul como "federalistas", que no ano de 1923 constituiu a Aliança Libertadora, tendo como líder político Assis Brasil, opositor ao Presidente do Estado Borges de Medeiros (considerando a atual legislação brasileira, este cargo refere-se ao governo estadual). Os maragatos eram identificados como "rebeldes", porém a historiografia contextualiza esta versão, argumentando que a "Revolução de 1923", transcorrida no Rio Grande do Sul, foi uma disputa entre as oligarquias locais. Os maragatos tiveram relevante inserção no contexto político desse espaço, pois já se faziam presentes desde o final do século XIX como efetivos participantes da Revolução Federalista ocorrida no ano de 1893.

Deste modo, Willy Barth chegou ao Oeste do Paraná no final dos anos 40, permanecendo nessa região até 1962, ano de sua morte. Durante esse período dirigiu a Maripá, foi o segundo prefeito do Município de Toledo e no ano de sua morte estava concorrendo a uma cadeira no senado. Além desses cargos, teve outras ocupações enquanto homem público que tiveram efetiva inserção junto às comunidades locais, constituindo-se numa das maiores expressões políticas no seu espaço de atuação. Foi identificado como o “colonizador timoneiro”¹⁷, aspecto perceptível quando é estudada a história da microrregião, onde a figura de Willy Barth é denominada como “símbolo da colonização”¹⁸.

Desta forma, tornou-se um líder de muito carisma, estabelecendo relações com a vida política, cultural, social e econômica do Oeste paranaense. Seus empreendimentos tiveram efeitos tão marcantes na região a tal ponto que as pessoas identificavam a Maripá à figura de Willy Barth, ou seja, muitas das atividades desenvolvidas pela Maripá eram atribuídas às ações de Barth.

Neste contexto, as práticas de Barth possuem estreitas implicações com o processo histórico que envolveu a colonização do Oeste paranaense, apresentando aspectos que se evidenciam a partir da observação das narrativas desse personagem e dos discursos que foram elaborados sobre o mesmo.

Esta região vem sendo estudada por outros historiadores, que todavia, seguem diferentes caminhos, no que diz respeito às opções metodológicas e à escolha do objeto de pesquisa.

Diante destas considerações, a pesquisa se desdobra da seguinte maneira:

¹⁷ SILVA, Oscar [et al]. Op. cit., p.82.

¹⁸ RIBEIRO, Ivan de O.; CEZAR, Paulo B.; BESANOSIK, Roberto I. *Modernização e diferenciação social na agricultura brasileira: um estudo no Extremo Oeste do Paraná*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/Fundação Getúlio Vargas, 1981, p. 11 (Projeto de Evolução Recente e Situação Atual da Agricultura Brasileira – PERSAGRI II).

O primeiro capítulo, *Memórias e mito: reflexões teórico-metodológicas*, aborda reflexões teóricas sobre memória e mito, enfocando algumas de suas inter-relações que auxiliam no debate que envolve o mito político. Em seguida, as discussões vinculam-se à opção metodológica adotada no tratamento das fontes que, tendo em vista sua tipologia, colaboram na compreensão e interpretação da figura de Willy Barth, através da apreensão da diversidade e complexidade de fragmentos que a compõe.

O *Percurso das Práticas de Willy Barth*, abordado no segundo capítulo, analisa fontes impressas que integram as narrativas de Barth, tendo como perspectiva conhecer as práticas deste personagem e indicar quais são os elementos que atuam na construção de sua memória. Neste sentido, busca-se fazer uma leitura de seus discursos, tendo em vista a compreensão da arte, tanto política quanto empresarial, de colonizar esta região.

No terceiro capítulo, *Memórias que lembram Willy Barth*, a preocupação maior residu no estudo das memórias, tanto impressas quanto orais, que apresentam discursos que falam sobre Barth. Neste capítulo, são analisadas manifestações que gradualmente caracterizam o mesmo enquanto “mito colonizador”, buscando compreender a nostalgia e o ufanismo expressos nas fontes e que revelam aspectos vinculados ao impacto das práticas de Barth junto às comunidades da região.

Desta forma, as fontes são estudadas tendo em vista a rerepresentação da multivocalidade que circula em torno de Willy Barth, objetivando a compreensão da configuração e permanência desse personagem. O estudo se desdobra sobre um personagem que deve ser analisado sob ângulos diversos buscando apresentar características religiosas, políticas, econômicas, étnicas e culturais presentes no

cotidiano das comunidades que ocuparam esse espaço social, estabelecendo relações de poder que tiveram expressivos reflexos em meio ao processo de colonização do Oeste paranaense.

Em síntese, este estudo não pretende fazer uma biografia de Willy Barth, direcionada apenas à história de vida pessoal, mas apresentar aspectos das pressões socioculturais que envolveram tal agente colonizador, por possuírem significativos valores que se relacionam com os movimentos que envolveram as comunidades deste espaço nas duas primeiras décadas da ocupação desta região.

CAPÍTULO I – MEMÓRIAS E MITO: REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

*A compreensão do mito se
contará um dia entre as mais
úteis descobertas do século XX.*⁷

Mircea Eliade.

Neste capítulo são apresentadas reflexões que se referem às concepções de diversos autores sobre memória e mito, objetivando perceber relações existentes entre ambos. Deste modo, estes conceitos são enfocados tendo em vista a instrumentalização do trabalho empírico no que concerne à exploração das fontes, pois entende-se que as concepções de memória e mito devam ser examinadas a partir de sua inserção no contexto do objeto a ser analisado.

1.1 Memórias

Primeiramente, como o trabalho aborda variadas fontes, de diferentes períodos e locais, torna-se necessário entender o conceito

⁷ ELIADE, Mircea. *Mitos, sonhos e mistérios*. Lisboa: Edições 70, 1981, p. 26.

de memória no plural: memórias. Além disso, há uma diversidade de fatores que agem na constituição de cada fonte, perceptível a partir do momento em que serão analisadas particularmente. Esta constituição integra vários elementos de seu meio, mostrando-se enquanto fruto da produção coletiva e direcionando as reflexões sobre memória neste trabalho que passam a estar associadas ao conceito de memória coletiva.

Maurice Halbwachs, já no início do século XX, apresenta considerações que enfatizam o fato de que a memória deveria ser analisada como um fenômeno social, construída coletivamente e passível de constantes transformações, o que contraria as hipóteses de que a memória apresenta-se como fenômeno puramente individual.

Halbwachs enfatiza que a memória “é resultado do movimento do sujeito no ato da memorização como também é ação dos diversos grupos sociais em suas histórias, o passado e presente.”¹ Assim, o autor considera a memória enquanto um fenômeno social que ultrapassa questões pessoais, concentrando as relações rotineiras dos indivíduos e apresentando significados para as ações correspondentes ao tempo presente mas também tendo efetiva relação com as raízes do passado.

O autor compreende a memória coletiva como um elemento fundamental para a vivência social – tanto na permanência quanto na continuidade das transformações – por realizar reinvenções do passado através das quais fornece fundamentos para que os homens interpretem e

¹ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990, p. 39.

vivenciem o presente, visualizando a partir de então a construção de projetos que preservem ou modifiquem o futuro.

Nas palavras de Ecléa Bosi, “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo”².

A autora, sob uma perspectiva da psicologia social, observa que qualquer alteração do ambiente atinge a qualidade íntima da memória, atrelando a memória de uma pessoa à memória do grupo, pois ambas não se dissociam por estarem imbricadas pela situação social a qual as pessoas estão expostas, estabelecendo um constante diálogo entre indivíduo e grupo.

Neste sentido, Ecléa Bosi apresenta ainda argumentos que enfatizam a relação existente entre memória e linguagem, evidenciando que a memória coletiva interfere inclusive no sonho, considerado enquanto criação aparentemente individual. Segundo a autora:

O instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem. Ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual. Os dados coletivos que a língua sempre traz em si entram até mesmo no sonho (situação-limite da pureza individual). De resto, as imagens do sonho não são, embora pareçam, criações puramente individuais. São representações, ou símbolos, sugeridos pelas situações vividas em grupo pelo sonhador: cuidados, desejos, tensões.³

Portanto, a linguagem é compreendida como elemento fundamental na socialização da memória. Esta relação entre linguagem e memória

² Bosi, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979, p.17

³ *Idem*, pp.18-19.

acarreta a formação de discursos carregados de imagens vivenciadas pelo grupo e a configuração de um abrangente quadro de ações sociais.

Desta maneira, a memória diz respeito também a uma reconstrução social que, segundo Michael Pollak, constitui sentimentos de continuidade ao formar identidades durante seu transcorrer histórico. Nas palavras de Pollak, "podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletivo, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si."⁴

Este sentimento de continuidade revela-se em meio aos cultos relacionados às tradições, caracterizadas enquanto um fenômeno social, evidenciando-se em espaços específicos e revelando aspectos de uma vida social que projeta identidades e constitui sujeitos históricos.

No entanto, as memórias que serão analisadas devem ser observadas sob vários ângulos, pois expressam múltiplos aspectos caracterizadores de identidades sociais. Com relação a tais preocupações, Pollak enriquece as discussões supracitadas, argumentando que:

A memória é seletiva (...) sofre flutuações (...) é fenômeno construído(...). Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada podemos dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade⁵.

Pollak apresenta reflexões referentes à organização e à diversificação da memória, caracterizando-a como sendo seletiva porque

⁴ POLLAK, Michael. "Memória e identidade social". *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n.º 10, 1992, p. 204.

nem tudo pode ser registrado no transcorrer histórico. As flutuações correspondem às implicações do presente com o passado, ocasionando a alteração de sua forma devido ao fato de a memória movimentar-se socialmente. Já a memória construída segue tal classificação por se tratar dos registros e exclusões que os indivíduos ou grupos preservam.

Esse conjunto de ações, interferindo na formação das memórias, constitui identidades sociais que constantemente sofrem mutações, caracterizando os homens enquanto sujeitos socialmente construídos, fazendo do seu presente um momento de passagem com traços do seu passado.

Neste sentido, enfatiza Norberto Luiz Guarinello:

A memória é uma reflexão sobre a mudança, como dimensão inerente do tempo das sociedades humanas (...) uma negação do mesmo pelo reconhecimento de sua inevitável transformação em outro. Ela traz em si a possibilidade de vermos o presente, não como uma realidade fixa e imutável, como algo eterno, mas como um produto humano, como um momento de passagem, uma ponte através da qual o passado constrói o futuro. E é para o futuro que se volta, assim, essa memória ativa, afirmando o poder e a força da ação humana sobre sua própria história⁶.

Diante desse diálogo envolvendo mutação e flutuação da memória, percebe-se sua imbricação com a força da ação humana para a configuração das relações de poder. Assim a memória é um meio fundamental da ação coletiva e um veículo de poder. Para Jacques Le Goff, a memória é não somente uma conquista, ela "é também um instrumento e objeto de poder. São as sociedades cuja memória social e sobretudo oral ou

⁶ *Idem*, pp. 203-204.

⁶ GUARINELLO, Norberto Luiz. *Anais do I Congresso de Ciências Humanas das Universidades Federais de Minas Gerais*. São João del Rei, maio de 1993, pp. 188-189.

que estão em vias de construir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição.”⁷

Le Goff analisa a memória coletiva como elemento intimamente relacionado às disputas pelo poder que prevalecem em espaços específicos. Esta relação pode ser evidenciada a partir da imposição de determinadas leituras da memória coletiva, podendo recriar, reforçar ou destruir determinadas identidades sociais, direcionando os objetivos dos atos coletivos através do envolvimento com particularidades dos membros que integram um grupo. Assim, o autor afirma que a memória coletiva foi um importante elemento da luta das forças sociais pelo poder, pois tornar-se “senhor da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.”⁸ Neste sentido, a memória coletiva pode ser tomada pelo cientista social como uma ferramenta para a análise das relações de poder.

Uma das formas pelas quais os grupos ou instituições tentam controlar a memória é a partir das tradições ou, como assinala Eric Hobsbawm, através da “invenção das tradições”, que podem estar envolvidas com determinados personagens históricos, tendo similitudes étnicas respaldadas por afinidades ideológicas expressas através dos cultos

⁷ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas. Editora da Unicamp. 1992. p. 476

⁸ LE GOFF, Jacques. “Memória”. In: *Enciclopédia Einaudi*. V. I. Porto. Imprensa Nacional. 1984. p. 13.

às tradições. A noção de tradição, nesse caso, segue as observações de Hobsbawm no que se refere à sua construção social, pois

na medida em que há referências a um passado histórico, as tradições inventadas caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase obrigatória.⁹

As tradições, entendidas como elementos integrantes da memória, auxiliam a modelação de determinados personagens, enfocando lembranças ou ainda criando lembranças referenciadas através de vinculações ideológicas e heranças culturais.

Como visto acima, um aspecto relevante no que se refere à memória são as lembranças perdidas e silenciadas, enfocadas nas observações feitas por Pierre Nora, principalmente no que se refere ao conceito de "lugares da memória"¹⁰. Estes lugares se diferenciam porque normalmente são apresentados enquanto versões históricas, onde há interesse dos grupos que detêm uma certa posição política quando determinadas lembranças são criadas em detrimento de outras.

Sendo assim, falar sobre os lugares da memória pressupõe considerar suas especificidades, pois estes apresentam-se como locais selecionados por instituições e/ou grupos sociais que podem utilizá-los como um mecanismo de ação que configura novas lembranças, possibilitando a ruptura ou a conservação do poder.

⁹ RANGER, Terence; HOBBSAWM, Eric. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 10

¹⁰ Cf. NORA, Pierre (Org.). *Les lieux de la Mémoire*. Paris: Gallimard, 1984

Assim, percebe-se o eixo condutor da memória como sendo a formação e constituição das lembranças, sempre enfocadas na dinâmica de seus movimentos. Este fato pode ser identificado na análise de um determinado personagem quando este pode ser lembrado de diferentes formas. Contudo, em sua reconstituição é perceptível o reflexo dos valores próprios das relações socioculturais expressas em seu espaço.

Para Michael Pollak, "a memória é constituída por pessoas, personagens"¹¹, porque estes são os criadores de circunstâncias que marcam a memória com acontecimentos, revelando lembranças e fazendo com que determinados momentos históricos não sejam caracterizados como atos efêmeros.

Posicionando-se neste debate, Ecléa Bosi diz que "uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição."¹² Assim, a lembrança é uma imagem construída pela situação do presente, ou seja, é um conjunto de representações que se estabelecem em nossa consciência atual. Desta forma, o lembrar apresenta-se como um trabalho de reconstituição das experiências do passado com imagens e idéias de "hoje".

Como a maior parte das lembranças surge a partir das pressões existentes no convívio dos indivíduos com o seu grupo, as avaliações do passado apresentam dificuldades pois a memória é um conjunto de

¹¹ POLLAK, Michael. Op. cit., p. 200.

¹² BOSI, Ecléa. Op. cit., p. 81.

experiências de quem a viveu. Portanto, para o cientista social, reescrever o passado implica buscar diferentes versões, o que, se por um lado possibilita uma explicação histórica, por outro, não consegue reconstruir o passado tal como foram seus acontecimentos.

Entretanto, a “verdade histórica” não é o objetivo deste trabalho de pesquisa, pois o que se pretende é estudar e compreender as relações que moldaram determinado aspecto da memória de uma comunidade e, tendo em vista esta finalidade, faz-se necessário recolher e observar lembranças perdidas ou até mesmo silenciadas durante o processo histórico a ser analisado.

Nessa perspectiva, os argumentos expostos acima tornam-se elementos pertinentes na problematização que se estabelece no decorrer desta pesquisa, embasando as concepções de memória adotadas na análise das práticas discursivas, entendidas enquanto estratégias vinculadas ao fazer político de Barth no que se refere à legitimação de suas ações – o termo *práticas discursivas* está intimamente ligado ao poder da linguagem, tanto verbal quanto pictórica, pois na medida em que se faz o uso da linguagem são praticadas ações que expressam determinados comportamentos sociais, tais como, impor, ordenar, solicitar, prometer, explicar, etc.

Além da definição do conceito de memória, outro aspecto importante para as discussões deste trabalho são as relações estabelecidas entre a memória coletiva e a constituição do mito político.

1.2 Memórias e mito: diálogos

O mito integra os aspectos que acompanham o percurso histórico da memória dos grupos sociais. Deste modo, o ponto de associação entre memória e mito, estabelecido em circunstâncias peculiares, reside no exercício reiterativo de transmissão social da lembrança. Sendo assim, o mito deve ser entendido como um dos vários elementos que compõem a memória coletiva, onde a lembrança é caracterizada como momento que une dialogicamente estas manifestações socioculturais.

Tal característica se deve ao fato de que a memória se apresenta como algo que, além do mito, engloba outros movimentos que acompanham a humanidade em seu deslocamento histórico.

Nesse sentido, as reflexões aqui apresentadas vinculam-se às propostas de Peter Burke que mostram o papel da recordação do passado como sendo responsável pela constituição do mito, na medida em que esta recordação esteja ancorada em “estereótipos retirados do repertório de estereótipos presentes na memória social de uma dada cultura”¹³. Portanto, inseridos nesta discussão, tanto a memória quanto o mito estão relacionados à reaparição de lembranças ligadas aos “tempos de antes”. De acordo com Raoul Girardet, a regressão aos tempos de antes apresenta “horizontes esperados de um outro tempo [que] tendem, contudo, a confundir-se com as imagens de um aqui desaparecido, a procura do alhures com a busca do outrora.”¹⁴ Desta forma, antes de constituir-se em

¹³ BURKE, Peter. *O mundo como teatro, estudos de Antropologia Histórica*. Lisboa: Difel, 1992, p. 244

¹⁴ GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 102

narrativas, estes “tempos de antes” sofrem mutações durante o processo de transformação do fato em lembrança, pois ocorre a interferência de circunstâncias relacionadas ao presente.

Ainda de acordo com Peter Burke, o mito está relacionado com a “memória social”¹⁵, sendo composto por versões que nem sempre são consideradas como parte integrante da história oficial¹⁶. Para tanto, o autor utiliza o termo mito “não no sentido positivista de ‘história imprecisa’, mas no sentido mais rico e mais positivo de história com significado simbólico, composta a partir de incidentes estereotipados e envolvendo personagens de forma exagerada em relação à realidade, quer se trate de heróis quer do seus opositores”¹⁷.

Diante destas considerações, pode-se indicar determinadas características que interagem na constituição de personagens míticos. Na opinião de Burke “existe um elemento central para a explicação da mitogênese: é a percepção (consciente ou inconsciente) da existência de uma ‘parecença’, em algum aspecto ou aspectos, entre um indivíduo particular e um estereótipo corrente de herói”¹⁸.

Deste modo, a parecença tem como propriedade fundamental, em relação ao grupo, estabelecer semelhanças entre um indivíduo e uma visão estereotipada de herói, estimulando a imaginação das pessoas e construindo formas de normatização. Esta heroicização faz com que circulem histórias sobre determinados personagens, primordialmente

¹⁵ BURKE, Peter. Op. cit., p. 239

¹⁶ O termo “história oficial”, neste caso, é compreendido como a história produzida com base em documentos de instituições públicas e privadas que não envolvem determinados aspectos do convívio social

¹⁷ BURKE, Peter. Op. cit., p. 243

através de relatos orais, que passam a sofrer modificações, agrupando estereótipos que constituem um repertório de informações presentes na memória, pois, de acordo com Everaldo Rocha, “o mito é uma narrativa. É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações”¹⁹, objetivando sintetizar as características necessárias para a adoção de modelos a serem seguidos pela comunidade.

Entretanto, o mito não pode ser visto como uma fala qualquer, pois apresenta-se como uma narrativa especial, que se distingue das demais narrativas humanas, revelando funções sociais específicas e garantindo assim sua existência. Caso contrário, o mito perderia-se diante da imensidão dos discursos humanos.

Neste contexto, a permanência do mito se dá, entre outras formas, através da apresentação não-linear da realidade social – compreendida enquanto conjunto de caracteres (culturais, religiosos, morais, econômicos, políticos, etc.) de determinado grupo – pois a constituição do mito integra interpretações de fatos que buscam enfatizar aqueles aspectos que transcendem a dado momento histórico. Como enfatiza Michael Pollak, “a memória (...) pode sobreviver a seu desaparecimento, assumindo em geral a forma de um mito que, por não poder se ancorar na realidade política do momento, alimenta-se de referências culturais, literárias ou religiosas.”²⁰

Desta forma, no estudo de um mito, lança-se um olhar sobre parte integrante das memórias de dada comunidade, tendo como objetivo

¹⁹ *Idem*, pp. 243-244

²⁰ Rocha, Everaldo P. G. *O que é mito*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 175

visualizar elementos do seu ambiente sociocultural e de seu contexto histórico. Neste sentido, torna-se relevante ressaltar o papel exercido por estas memórias na constituição do mito político, compreendidas como *fio de Ariadne* que orienta os passos da presente pesquisa.

1.3 Momentos e movimentos do mito político

Para iniciar as discussões sobre mitologia política, torna-se necessário esclarecer que as considerações aqui apresentadas abordam esta categoria tendo em vista conceituações de mito vinculadas principalmente ao mundo moderno, possuindo características que se estruturaram a partir do estabelecimento das sociedades capitalistas. Esta abordagem tem como justificativa o fato de que na análise dos mitos que se constituíram nos “tempos modernos” faz-se necessário considerar as implicações políticas, sociais e culturais surgidas neste contexto, ou seja, no mundo moderno as novas situações históricas estabelecem especificidades que passam a integrar as manifestações mitológicas.

Contudo, isto não quer dizer que os mitos contemporâneos não carreguem consigo traços dos mitos da antigüidade, pois, “não se pode dizer que o mundo moderno tenha abolido completamente o comportamento mítico”²¹.

²¹ POLLAK, Michael. Op. cit., p. 11

²² ELIADE, Mircea. Op. cit., 1981, p. 26

Em outras palavras, por mais “dessacralizado” que o homem moderno tenha se tornado, este não conseguiu abandonar conjuntos de símbolos que constituíram os mitos da antigüidade. O que ocorre é “uma revalorização ao nível profano dos antigos valores sagrados”²², que notadamente integram o mundo moderno, incorporados às manifestações dos mitos contemporâneos, criando novas situações sociais e políticas e impondo-se enquanto modelos exemplares das mais variadas funções ocupadas pelos homens, entre as quais pode-se destacar aquelas idéias que envolvem o trabalho, a educação, a religião, entre outras que possuem envolvimento direto com a abordagem aqui empreendida.

Com isso, o mito exerce ações inerentes ao mundo moderno, pois os valores sagrados que o mito integra fazem com que o mesmo participe das atividades das pessoas, tanto nas suas atitudes individuais como também coletivas.

Portanto, o mundo moderno realmente não é um período tão rico em mitos como a antigüidade, mas mesmo assim, os traços míticos possuem forte inserção junto às comunidades atuais, sendo que, principalmente “na escala colectiva, manifestam-se por vezes com força considerável, sob a forma do mito político”²³.

A partir desta perspectiva, as reflexões de Raoul Girardet assumem importante ponto de referência para a análise de manifestações do imaginário mitológico que abrangem especificidades da região Oeste do Paraná.

²² *Idem.* p. 14

²³ *Idem.* p. 26

Girardet analisa os mitos políticos a partir de quatro “constelações” mitológicas: a Conspiração, o Salvador, a Idade do Ouro e a Unidade”²⁴. Com essas constelações, o autor interpreta as manifestações e funções ocupadas pelos mitos políticos franceses instaurados nos dois últimos séculos.

Para o presente trabalho, destaca-se principalmente a “Idade do Ouro”, que, segundo o autor, relaciona-se ao tempo da felicidade presente na memória das pessoas (tempo do “antes”, “naquela época”), que assegura um período de alegria e justiça. Além disso, esta constelação mitológica possui similitudes com o período do “Salvador”, correspondente ao apelo a um chefe, denominado como o conquistador de uma nova grandeza, para a restauração da ordem em dada comunidade.

Através do exame destas constelações, Girardet apresenta o mito político como um elemento polimorfo e ambivalente, mostrando que sua atuação em relação às pessoas é configurada a partir de diferentes horizontes, dependendo da situação que esteja vigorando. Este fato faz com que o mito político nunca tenha uma posição totalmente definida, podendo assumir tanto posições de direita como de esquerda, vencido ou vencedor, “mocinho” ou bandido, etc. Em síntese, o que o mito tem de definitivo é uma forma de ação para cada circunstância histórica.

O mito movimenta-se principalmente através do aspecto simbólico que, segundo Bronislaw Baczko tem como função “não apenas instituir uma classificação, mas também introduzir valores, modelando os

²⁴ GIRARDET, Raoul. Op. cit., p. 12

comportamentos individuais e coletivos, indicando as possibilidades de êxito de seus empreendimentos.”²⁵

Portanto, o mito expressa-se através de símbolos, o que faz com que seja bastante sutil e indireto, moldando valores que são assumidos por um determinado grupo, valores estes que formam um conjunto de imagens e crenças, podendo ser incorporadas pelas pessoas sem necessitar de comprovações. Esta característica faz com que a narrativa mítica circule numa determinada comunidade, mobilizando as ações dos indivíduos, o que por sua vez mostra o mito político tanto determinante quanto determinado, pois “saído da realidade social, é igualmente criador de realidade social”²⁶.

Desta forma, “o mito é essencialmente apreendido em sua função de animação criadora: conjunto ligado de imagens motrizes (...) ele é apelo ao movimento, incitação à ação e aparece em definitivo como um estimulador de energias de excepcional potência”²⁷. A função de animação criadora que o mito possui faz com que os grupos não rompam com indícios místicos, a partir dos quais suas energias concentram-se no inconsciente coletivo, nos diversos ambientes nos quais as pessoas constituem relações sociais.

Este é um aspecto que, como visto anteriormente, marca os mais diversos momentos históricos onde homem e mito relacionam-se, devido ao fato deste constituir-se de idéias sagradas e o homem não descartar de sua vida social as atitudes sagradas. A diferenciação ocorre nas características que cada mito possui, sendo por este motivo polimorfo, fazendo com que

²⁵ BACZKO, Bronislaw. “Imagem social”. In: *Enciclopedia Einaudi*, v. 5. Porto: Imprensa Nacional, 1984, p. 309.

²⁶ GIKAKDEI, Raoul. *Op. cit.*, p. 184.

²⁷ *Ibidem*, p. 13.

suas atitudes estejam entrelaçadas com o contexto no qual é focado. Neste sentido, Girardet ressalta que: “O mito político jamais deixa-se enraizar-se em uma certa forma de realidade histórica.”²⁸ No entanto, como visto anteriormente, a expressão desta realidade, na recordação de fatos relacionados ao processo de mitificação, não ocorre de forma linear.

Desta forma, o estudo do mito segue particularidades atreladas ao destino de uma dada personalidade, envolvida pelo ambiente sociocultural que prevalece num determinado espaço, onde, dependendo das formas através das quais as relações se estabelecem, ocorre a transformação de um indivíduo num “herói legendário”.

As situações que cercam este herói normalmente expressam destaque referenciado ao mesmo, fazendo com que sua personalidade se diferencie do restante do grupo que o acompanha. As circunstâncias que envolvem dada comunidade destacam o herói devido ao fato de suas atitudes terem importância coletiva, marcando a vivência social junto ao seu meio.

Entretanto, este destaque torna-se ainda maior, com “potencial explosivo”, quando estas atitudes são efetivadas em momentos de insegurança vivenciados pelo grupo. Além disso, se tal personagem, após ações significativas para a comunidade, morre de forma trágica, em pleno exercício político, há forte tendência em se constituir num mito. Este conjunto de fatores faz com que este personagem permaneça presente na memória das pessoas, mesmo que isto não ocorra através de sua presença física, mas enquanto uma lembrança “viva”.

²⁸ *Idem*, p. 81

1.4 Apontamentos metodológicos para a análise das fontes

Após o mapeamento de algumas concepções que envolvem memórias e mito, o presente texto visa enfatizar aspectos metodológicos relacionados à análise das fontes a serem utilizadas na pesquisa na medida em que são consideradas como subsídios para o estudo da constituição de um mito político, presente na memória coletiva das comunidades que ocuparam o Extremo Oeste paranaense. Faz-se necessário ressaltar que os documentos usados na pesquisa caracterizam-se pela tipologia diversificada, ou seja, estas fontes englobam um *corpus* documental que diz respeito tanto a material impresso quanto a relatos de pessoas envolvidas no processo de ocupação da região Oeste do Paraná.

Neste sentido, propõe-se a adoção do termo *narrativas* para designar os textos analisados, tal como postula Benedito Nunes que, numa acurada análise do *Tempo na Narrativa*, descreve esta última como sendo uma acepção pertinente não apenas às atividades literárias, pois, em sentido amplo, o termo pode ser estendido à outras manifestações culturais. Assim, “cabe chamar de narrativa a títulos diferentes, ao mito, à lenda, e ao caso, formas simples, literariamente fecundas, mas que não são propriamente literárias como o conto, a novela e o romance”²⁹. Além destes, segundo o autor, a definição abrange tanto as “várias espécies de relatos orais e a

²⁹ NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Atica, 1988, p. 06.

modalidade escrita – biografias, memórias, reportagens, crônicas e historiografia – sobre eventos ou seres reais, que se excluem do nível ficcional (...) [quanto as] formas visuais, ou obtidas com meios gráficos e com meios pictóricos ou escultóricos”³⁰.

Um dos primeiros cuidados a ser tomado com relação ao tratamento destas fontes corresponde ao fato de que, independentemente das diferenças que existam entre esses variados tipos documentais, tais características não desqualificam sua utilidade na pesquisa histórica. Ao contrário, o olhar analítico sobre as mesmas contribui para a ampliação dos horizontes que cercam o objeto de pesquisa.

Socialmente construídas, as fontes possuem características e valores dispersos, o que faz com que o historiador deva estabelecer uma metodologia coerente com a proposta de estudo, objetivando relacioná-las com o seu foco temático e formulando critérios de análise que possibilitem uma maior confiabilidade na extração de informações deste conjunto de documentos.

Primeiramente, é necessário esclarecer uma questão pertinente: quais são as fontes utilizadas na pesquisa e onde podem ser encontradas?

Com relação ao material impresso, utilizado principalmente no primeiro momento de análise das fontes quando são enfatizadas as narrativas de Willy Barth, este é composto de discursos proferidos por este personagem no transcorrer de sua atuação política e empresarial.³¹ Além

³⁰ *Idem, ibidem.*

³¹ O termo “discursos” utilizado nesta pesquisa refere-se essencialmente ao gênero de narrativas produzidas por e/ou sobre Barth (cartas, ofícios, homenagens, etc.), não tendo vinculação restrita apenas ao debate contemporâneo empreendido pelos pesquisadores ligados à Análise do Discurso. Neste sentido, o trabalho não

disso, a documentação impressa é composta também de narrativas que expressam opiniões sobre a atuação de Willy Barth. Estes documentos encontram-se disponíveis para a pesquisa junto ao *Museu Histórico Willy Barth*, localizado na cidade de Toledo.³²

No que se refere aos relatos orais, tal documentação caracteriza-se como sendo oriunda de entrevistas realizadas com pessoas ligadas diretamente ao processo de colonização do Oeste paranaense. Estas entrevistas têm origem tanto de projetos realizados pelo Centro de Estudos, Pesquisa e Documentação da América Latina – CEPEDAL, localizado na cidade de Marechal Cândido Rondon, junto à Universidade Estadual do Oeste do Paraná, quanto de entrevistas particulares, realizadas com o objetivo de auxiliar na exposição da problemática levantada no estudo³³.

Cabe ressaltar que nas citações extraídas das diversas fontes primárias a serem utilizadas no presente trabalho procura-se manter a originalidade das narrativas. Sendo assim, os erros de ortografia e a formatação especial de determinados caracteres serão conservados visando uma maior fidelidade com relação ao tratamento das fontes. Além disso, optou-se pela numeração das fontes que, por sua vez, não segue uma ordem alfabética, estando organizada de acordo com a ordem de apresentação das mesmas no corpo do trabalho: em cada capítulo as fontes primárias utilizadas possuem numeração própria. Este sistema abrange

abordará as discussões teóricas que enfatizam este tema, apesar de realizar-se aqui reflexões que se aproximam desta corrente teórica.

³² O Museu Histórico Willy Barth possui em seus arquivos um número considerável de documentos sobre a história do Oeste paranaense. Para este trabalho, destaca-se a “Sala Willy Barth”, espaço do museu que apresenta fontes significativas sobre este personagem. Esta instituição teve sua implantação oficializada no dia 01 de fevereiro de 1984, sendo que, além de museu, é também um centro de documentação, o único deste gênero na região.

³³ Cabe ressaltar que estas entrevistas foram realizadas com pessoas que ocuparam as mais variadas funções no processo de colonização do Oeste do Paraná.

tanto as fontes primárias impressas quanto as orais, sendo que com relação a estas optou-se ainda pela utilização de nomes fictícios no que se refere especificamente às entrevistas devido à falta de “carta de cessão”, instrumento que autorizaria o uso destes documentos.

Outro fator importante na análise das fontes refere-se à observação das forças que atuaram sobre os documentos, o que faz com que se perceba o impacto destes na vida sociocultural das comunidades em estudo, pois o documento “não é qualquer coisa que fica por conta do passado. é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa.”³⁴

Sendo assim, um dos elementos pertinentes que envolvem a exploração das fontes está relacionado ao questionamento da documentação, independente de sua forma: impressa, oral ou até mesmo visual. Assim, para Le Goff, o documento é monumento, cabendo ao historiador utilizar mecanismos que possibilitem a análise, dando sentido à existência de seu objeto de pesquisa. De acordo com suas próprias palavras:

O documento é testemunho e os ensinamentos que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro - voluntária ou involuntariamente - determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo (...) qualquer documento é, ao mesmo tempo, verdadeiro e falso. (...) É

³⁴ LE GOFF, Jacques. Op. cit., 1992, p. 545.

preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos³⁵.

As considerações de Le Goff mostram que há um alargamento do conteúdo que cerca o termo “documento”, englobando diversos estilos de fontes, integrando a construção da história, fato que foi intensificado a partir das mudanças que a historiografia sofreu no século XX e que tomaram dimensões maiores a partir da década de 60. A amplitude que passou a envolver a noção de documento fez com que os pesquisadores nomeassem “novos objetos e novos problemas” visando à outras interpretações para a construção das versões históricas.

Portanto, é necessário recolher e observar as falas perdidas ou até mesmo silenciadas nos diversos estilos de fontes, pois, segundo Le Goff, “onde o homem passou, onde deixou qualquer marca da sua vida e da sua inteligência, aí está a história.”³⁶

Nesta perspectiva, tratou-se de encaminhar as discussões deste trabalho de tal forma que pudessem ser analisados os diferentes estilos de fontes. Desta maneira, a proposta busca estudar as experiências históricas sob variados ângulos, mas tendo como eixo condutor a constituição do mito político. Estes aspectos possuem maior concretude quando aliados a uma análise que considere a formação de permanência do mito colonizador Willy Barth junto à memória coletiva do Oeste paranaense. Deste modo, a metodologia concentra-se na percepção do mito enquanto um elemento de

³⁵ *Idem*, pp. 547-548.

³⁶ *Idem*, p. 539.

permanência, justificado pelo fato de estar presente nos variados estilos de fontes, oriundas de diferentes períodos e setores da comunidade em estudo.

Portanto, a pesquisa analisa as narrativas tendo em vista aspectos da trajetória de Barth que possuíram inserção no Oeste paranaense. Estes aspectos referem-se tanto aos discursos pessoais deste personagem como também aos discursos onde aparecem referências ao mesmo.

Objetivando a compreensão do mito, são eleitos momentos que se tornaram marcos históricos, relacionados às práticas e construções sociais verificadas durante e após a passagem deste personagem. Além disso, através do enfoque de aspectos recorrentes nas narrativas, evidencia-se aqueles momentos que marcaram a comunidade, fazendo com que se transformassem em fatos expressivos que colaboraram para a coesão social neste espaço. O trabalho busca mostrar como estes elementos colaboraram para a permanência de Willy Barth junto às memórias que narram a colonização do Oeste do Paraná. Tendo este objetivo, no próximo capítulo serão analisados discursos proferidos por Barth, durante sua atuação enquanto empresário e político, visando lançar luzes sobre aspectos formais e temáticos de suas práticas.

CAPÍTULO II - PERCURSO DAS PRÁTICAS DE WILLY BARTH

A vida é um grande livro, que apresenta páginas dos mais variados aspectos, matizes e coloridos. Dias atrás, folhei-o, em acurado exame de consciência. E numa de suas últimas páginas, lá estava uma folha de ouro, sintetizando a escolha de meu nome, como paraninfo da 1ª turma de formandos do Ginásio La Salle.

Willy Barth.

A documentação analisada neste capítulo apresenta aspectos relacionados à memória de Willy Barth que expressam práticas adotadas por este personagem durante sua atuação tanto como empresário quanto como político.

Esta documentação refere-se principalmente a discursos proferidos por ocasião de festividades ou circunstâncias de instabilidade, compreendidos enquanto ações políticas ambientadas em locais públicos, o que possibilitava, por sua vez, o envolvimento de considerável parcela da população do Oeste do Paraná, configurando um espaço de repercussão das idéias e das ações deste personagem.

⁷ BARTH, Willy. *Discurso proferido como paraninfo da 1ª turma de formandos de segundo grau do Colégio La Salle de Toledo*. Toledo: Museu Willy Barth, 1961, p. 02.

Exemplo desta forma de atuação evidencia-se a partir do fragmento exposto na epígrafe deste capítulo, pois diz respeito ao discurso proferido por Barth, em 1961, durante as festividades de formatura do Colégio La Salle, instituição de ensino privado localizada na cidade de Toledo.¹ Além desse discurso, analisar-se-á ainda documentos que estão relacionados a datas comemorativas, tais como, Dia do Colono, Dia do Trabalho, Dia da Independência, bem como a mensagem aos toledanos por ocasião da renúncia do Presidente da República Jânio Quadros e a carta que Barth enviou a Bento Munhoz da Rocha Neto, nos dias que antecederam a visita à região deste, então, governador do estado.

Desta forma, os documentos que conservam as narrativas de Barth identificam-se com momentos históricos relacionados tanto a datas pré-definidas como a circunstâncias imprevisíveis, mas que possuem como característica fundamental o envolvimento com as pessoas dessa região. Este envolvimento se dá através da instauração e manifestação de sentimentos coletivos aos quais Barth alia seus discursos.

Tal recurso é perceptível na observação das suas falas, mais especificamente nas introduções desses documentos, evidenciando o atrelamento de seus discursos às circunstâncias históricas que possuíam efetiva inserção junto às pessoas desse grupo.

Exemplificação desta característica encontra-se junto ao texto que alude às comemorações do Dia do Colono, no qual Barth, através da rádio local, concerne tal aspecto, iniciando sua homenagem da seguinte forma:

¹ O ano de 1961 corresponde ao período em que Willy Barth iniciou suas atividades como prefeito da cidade de Toledo. Neste mesmo ano, foi homenageado como paraninfo da turma de formandos do Colégio La Salle, que

“No transcorrer desta data consagrada ao DIA DO COLONO, quero através desta radio-emissora levar a todos os colonos do nosso Município o meu abraço, com votos de felicidade”².

Esta data representava um significado relevante junto às comunidades do oeste paranaense, pois, no início da década de 60, as pessoas dessa região identificavam-se como colonos³, sendo que a maior concentração demográfica ocorria nas áreas rurais⁴. O alcance da significação de tal termo é amplificado pelo fato de que os habitantes dos setores urbanos se autodenominarem também como colonos, devido às suas atividades econômicas e sociais que se relacionavam com as pessoas que viviam nas colônias, existindo uma rede de interdependência entre os meios urbano e rural.

Assim, a denominação colono correspondia a uma identidade na qual as pessoas desse grupo se reconheciam, sendo uma data de expressão regional, pois tinha um significado especial para as comunidades locais,

receberam o diploma de conclusão do 2º grau.

² BARTH, Willy. *Mensagem do dia do colono*. Museu Willy Barth: Toledo, 1961, p. 01 (Documento n° 1). A identificação das fontes primárias utilizadas nesta pesquisa será feita através de sua numeração de acordo com o que consta na bibliografia apresentada ao final do trabalho. As citações diretas de documentos apresentadas neste trabalho procuram manter a originalidade das narrativas. Portanto, os erros de português serão conservados visando uma maior fidelidade com relação ao tratamento das fontes. Além disso, também serão mantidos os grifos, quando aparecer formatação especial de determinados caracteres.

³ Para entender o termo colono, segundo Giralda Seyferth, torna-se necessário considerar a imbricação dos termos colono e colônia: “Colônia designa tanto uma região colonizada ou área colonial demarcada pelo governo em terras devolutas, como também é sinônimo de rural. Ou seja, a área rural de um município e chamada, hoje, de colônia, e seus habitantes são colonos – uma categoria que sobreviveu ao longo do tempo e que designa o camponês. O termo colônia também é usado para designar a propriedade agrícola do colono” SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990, p. 25

⁴ Com relação aos dados populacionais da região Oeste paranaense ver: OBERG, Kalervo. *Toledo, um município da fronteira Oeste do Paraná*. Rio de Janeiro: Edições SSR, 1960; SILVA, Osear [et al]. *Toledo e sua história*. Toledo: Prefeitura Municipal de Toledo, 1988; e NIEDERAUER, Ondy H. *Toledo no Paraná: a história de um latifúndio improdutivo, sua reforma agrária, sua colonização, seu progresso*. Toledo: Grafo-Set, 1992

integrando as pessoas através de festividades comunitárias nas quais Barth fazia-se presente, homenageando-os pela passagem do dia que os representava.

Em outro documento percebe-se a ênfase que Barth dá a esses momentos: "AO POVO DE TOLEDO: Transcorrendo hoje o 140 [º] aniversário da independência da nossa querida Pátria, e após o transcurso de dias de verdadeira apreensão provocada pela crise política que mobilizou a opinião pública do povo brasileiro, não poderia eu deixar de dirigir-me aos meus munícipes nesta data histórica"⁵.

Tal momento histórico – as comemorações do Dia da Independência de 1961, enfocadas na parte inicial de sua mensagem proferida ao "povo de Toledo"⁶ –, despertou a atenção da comunidade, pois, além de tratar-se de festividades que envolviam toda a sociedade brasileira, ocorreu num momento de tensão política provocada pela renúncia do Presidente da República Jânio Quadros. Diante dessas circunstâncias, Barth se auto-identifica como um líder local que "não poderia deixar de dirigir-se aos munícipes em datas históricas". Assim, mostrava-se ao lado de sua comunidade, tanto nos momentos festivos como também frente às tensões políticas que interferem na estabilidade cotidiana de seu grupo.

Esta postura de Barth vai ao encontro das discussões apresentadas por Raoul Girardet quando enfatiza que "é nos 'períodos críticos' que os

⁵ BARTH, Willy, *Mensagem do dia 7 de setembro*. Toledo: Museu Willy Barth, 1961, p. 01 (Documento n.º 2).

⁶ É necessário enfatizar que Barth apresenta a comunidade como "povo de Toledo", sem se referir aos habitantes de Marechal Cândido Rondon, porque até então esta localidade era um dos distritos do Município de Toledo.

mitos políticos afirmam-se com mais nitidez, impõem-se com mais intensidade, exercem com mais violência seu poder de atração”⁷.

Portanto, Barth mostra que suas ações mantinham laços com a realidade política do seu tempo, onde posicionava-se como protetor e porta-voz de sua comunidade, diante do “transcurso de dias de apreensão”.

Tal atitude torna-se ainda mais visível quando observa-se na abertura de sua mensagem proferida durante a renúncia do Presidente da República Jânio Quadros:

MENSAGEM AO POVO DESTE MUNICÍPIO: A nossa Patria se encontra abalada com os últimos acontecimentos que culminaram com a renúncia do Exmo. Sr. Dr. Janio da Silva Quadros à Presidencia da Republica. Neste momento trágico que atravessa a nossa querida Patria, êste esecutivo sente-se no dever de transmitir a todos os seus municipes esta mensagem⁸.

Diante de um fato que atingia todas as regiões do país, as palavras desse personagem faziam-se presentes no seu meio, adaptando-se às condições políticas que movimentavam a opinião pública.

Com a pretensão de situar os documentos a serem analisados mais detalhadamente no transcorrer deste capítulo, estas linhas iniciais mostram que, de forma sintética, a abertura dos discursos de Barth citados anteriormente identificam-se com circunstâncias estratégicas, em que sua presença visa alcançar expressão junto a seu público, por se tratar de momentos que possuíram envolvimento coletivo, tanto interno como externo à comunidade.

⁷ GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 180

⁸ Barth, Willy. *Mensagem redigida por ocasião da renúncia de Jânio Quadros*. Toledo: Museu Willy Barth, 1961. p. 01. (Documento n.º 03).

2.1 Administrando momentos de tensão

Compreendendo os períodos críticos como momentos em que determinados personagens conseguem adquirir poder de atração devido à realidades sociais que afligem as pessoas, as ações de Barth possuem maior intensidade quando relacionadas aos problemas regionais.

Um destes períodos críticos está relacionado ao início da colonização abordado por Barth no seu discurso. Isto é visualizado principalmente quando suas narrativas enfocam as adversidades enfrentadas pelos colonos no início do processo de ocupação do Oeste paranaense:

Relembrai comigo a velha Toledo, conquistada à mata agreste pelo labor dos pioneiros. Sentís – por certo – o que eu sinto. Lembrai-vos da cidade de outrora, que se resumia em alguns barracões e casas de madeira espalhados em cinco ou seis quadras, apenas (...). Lembrai-vos do sertão bravio, que se estendia daqui até o rio Paraná⁹.

Como pode-se notar Barth mostra-se presente nos momentos adversos enfrentados pela comunidade, pois identifica-se com os sentimentos advindos das dificuldades pelas quais as pessoas passaram nos primórdios da colonização quando relata que “sentís – por certo – o que eu sinto”. Tendo como objetivo mostrar sua participação diante das dificuldades, Barth recorda particularidades do processo de ocupação deste

⁹ BARTH, Willy. *Discurso proferido como paraninfo da 1ª turma de formandos de segundo grau do Colégio La Salle de Toledo*. Toledo: Museu Willy Barth, 1961. p. 02 (Documento n.º 04).

espaço: "Recordai os labores do primeiro agrimensor, que mediu a quadra da velha Igreja, com uma soga, por falta de trena, do primeiro patroleiro, do primeiro carpinteiro, o Pe. Antonio Patuy (...). Recordai a construção do campo de aviação que a população de Toledo fez em 52 horas, apenas."¹⁰

Assim, nas falas de Barth, os sacrifícios vivenciados pela comunidade no princípio da colonização representam "momentos de conquista" em que as situações passadas pelas pessoas faziam-se presentes, e, compartilhando as dificuldades enfrentadas por todos, expõe um quadro em que aparece um passado glorioso: "Rememorai, através dos tempos, os sacrifícios, as decepções, o sofrimento e as alegrias, que foram a argamassa com que edificamos Toledo, em plena mata virgem. Nos tempos de outrora, só havia um bálsamo e um lenitivo na luta da conquista da terra: a esperança de dias melhores para nossos filhos".¹¹

Desta forma, diante das dificuldades que se apresentavam, as práticas de Barth estimulavam as pessoas a não desistir da luta, através da idealização de um futuro promissor, que só poderia ser atingido com o esforço coletivo, formando a "argamassa para edificar" a estruturação de uma nova comunidade.

Tais ações evidenciam as situações de tensão com as quais as pessoas se deparam como momentos férteis na constituição dos mitos políticos, devido à agressividade que circula em torno de seu universo, fazendo com que a solução de seus problemas seja confiada a

¹⁰ *Idem*

¹¹ *Idem*

determinados personagens que apresentam projeção junto à maioria do grupo.

Neste sentido, Raoul Girardet enfatiza que “o nascimento do mito político situa-se no instante em que o traumatismo social se transforma em traumatismo psíquico. É na intensidade secreta das angústias ou das incertezas, na obscuridade dos impulsos insatisfeitos e das esperas vãs que ele encontra sua origem.”¹²

Corroborando as discussões de Girardet, as práticas de Barth revelam-se presentes ante aos traumatismos psíquicos com inserção tanto individual como coletiva, quando fala sobre as pessoas que morreram em meio às atividades do início da colonização. Este aspecto é perceptível na homenagem prestada por Barth aos alunos e à comunidade na formatura do Colégio La Salle, quando relata que “dos pais dos formandos, algumas vozes não respondem mais ‘presente’ a nossa chamada”¹³. Para melhor exemplificar os traumatismos psíquicos, apresentados aqui como advindos das mortes ocorridas no transcorrer do processo de colonização, enfoca-se em seguida fragmentos em que estas mortes são relatadas através da citação de casos específicos:

Um deles é Ernesto Wiezer, o velho Ernestão, outrora capataz de caminhões e zelador dos depósitos de madeira, companheiro de primeira hora, e detentor da antiquíssima espingarda, calibre 12, que costumávamos detonar, quando um dos nossos não voltava ao acampamento à hora aprazada. Mas, aqui está da. Gentila Ruaro Wiezer, prendada senhora e que tanto heroísmo e dedicação demonstrou nos tempos iniciais de Toledo. Outro é José Alves dos Santos, homem querido por todos, roubado de nosso convívio em tão trágicas circunstâncias. Mas, aqui está da. Aurélia

¹² GIRARDET, Raoul. *Op. cit.*, pp. 181-182.

¹³ BARTH, Willy. *Doc. n.º 4*, p. 03.

Cattani do Santos, que tem enfrentado, na viuvez, tôdas as vicissitudes e sacrificios, que na humil[da]de de sua vida de funcionária do fôrum, mais se engrandece aos nossos olhos, e a quem, nesta hora, – sem menosprezo doutras tantas damas, – tributo a mais sincera homenagem, consagrando-a, por suas virtudes, por sua piedade e por seu amor maternal, como o mais alto padrão de nobreza da mulher Toledense.¹⁴

Nas palavras de Barth, torna-se visível a transformação dos períodos traumáticos em momentos de resistência ao destino, nas quais as pessoas que superavam as tragédias, através de seus sacrificios pessoais, eram reconhecidas como “nobres” por representarem a crença no futuro da colonização.

Nestas circunstâncias, os discursos de Barth apresentam-se como tentativas de confortar as pessoas pela perda desses “heróis que deram suas vidas pela região”. Com isso, estes discursos indicam sensibilidade pessoal em relação a estes trágicos acontecimentos.

Assim, compartilhando estas situações trágicas com a comunidade, este personagem adquiria confiança no que tange as suas ações empreendedoras neste meio e que envolvia todo o grupo, pois o projeto de colonização tratava-se de relevante investimento financeiro que dependeria do trabalho das pessoas para sua concretização.

Esta estratégia discursiva encontra justificativa no fato de que “os sacrificios e as decepções”, bem como as “vozes [que] não respondem mais”, enfatizados nos seus discursos anteriormente apresentados, não poderiam ser obstáculos para o projeto de colonização. Sendo assim, compartilhar do sofrimento coletivo seria uma forma de estimular a

¹⁴ *Idem*

permanência das pessoas e assim possibilitar a continuidade do projeto colonizatório.

Portanto, ao relembrar os momentos críticos do processo de ocupação e colonização do Oeste do Paraná, Barth posiciona-se ao lado de sua comunidade, o que faz com que o mesmo, além de adquirir a adesão coletiva, exponha as contradições que envolveram o projeto de colonização. Estas contradições aparecem substancialmente nas práticas discursivas de Barth, quando realiza um processo de heroicização tanto dos mortos quanto das “viúvas”, passando a caracterizar os momentos tensos como momentos de resistência.

Através da memorização de ações passadas, Barth conclama seu grupo a prosseguir na luta, enfatizando, além do trabalho árduo, os momentos de descontração que, segundo ele, faziam parte do cotidiano do início da colonização:

Recordai as festas que realizávamos no salão do velho Daniel Nardi, onde éramos uma só família (...). Lembrai o estoicismo do primeiro administrador Alfredo Ruaro, sempre laborioso e otimista, a enfrentar diariamente as longas jornadas de trabalho, e a encontrar sempre tempo, à noite, para incentivar seus companheiros de colonização com reuniões alegres, onde as velhas canções da longínqua Itália eram entoadas, em cântico.¹⁵

Assim, percebe-se que nos períodos críticos as tristezas eram contrapostas aos momentos de felicidade. Desta forma, mesmo diante de “árduas” atividades, Barth procura evidenciar a atitude estóica de alguns membros que contagiava a comunidade.

¹⁵ *Idem* Doc. n.º 4, p. 02

Com estes mecanismos, este personagem procurava garantir a permanência das pessoas na região, visando a concretização do projeto de colonização que, como visto anteriormente, envolveu significativos investimentos da empresa colonizadora MARIPÁ.

Como se vê, suas falas refletem uma visão de mundo em que predomina a concepção de que para atingir objetivos torna-se necessária uma longa provação, advindo disto o caráter tantas vezes doloroso dessa experiência. Ao fim encontrava- a alegria suprema, mas à custa de penosos sacrifícios.

Assim, os momentos dramáticos vivenciados pelas pessoas desse meio estavam intimamente ligados a fatores econômicos e políticos regionais. Neste cenário, o líder deveria empreender formas que garantissem o equilíbrio do grupo diante das dificuldades a se enfrentar. Portanto Barth, nos momentos de tensão, adquire expressão coletiva através de ações que atingiam o seu grupo e motivavam as pessoas através de exemplos de persistência, como forma de garantir os investimentos feitos no projeto de colonização.

Com relação às homenagens proferidas durante as datas festivas, Barth apresenta exemplos históricos pelos quais os ideais de sacrifício tornaram-se modelos de persistência para a sociedade alcançar seus objetivos, representando desta forma a vinda de melhores dias. Assim discursa nas comemorações do Dia da Independência do Brasil:

Se os gauchos não se erguessem por cima dos interesses, comodidades e conveniências, melhor fôra que o mar tragasse esse berço de lealdade e heroísmo. Não foi preciso que o mar tragasse esse berço de lealdade e

heroísmo. Os gaúchos não falharam, como jamais aconteceu em sua história colorida de feitos imortais¹⁶.

Neste trecho, enfatiza a participação “heróica” dos gaúchos durante a “revolução de 30”, relacionando-os com os “heróis” do Brasil que se sacrificaram pela “normalidade” dos dias atuais. Tais ações primavam pela “lealdade” e por isso “jamais” tinham falhado durante sua trajetória histórica. Barth, sabia que a maioria da população local possuía vínculos culturais que se relacionavam com os gaúchos, pois quase todos os imigrantes eram procedentes dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, ou seja, que na sua maioria os colonos eram descendentes de gaúchos, com os quais se identificavam, sendo que os “gaúchos (...) não falharam, como jamais aconteceu em sua história colorida”. Com isso transforma as crises em momentos de “coragem”, através do enfoque de elementos que possuem implicações com a formação cultural da comunidade.

Portanto, afirmar que os gaúchos eram pessoas que tinham a capacidade de suportar dificuldades que atingiam todo o grupo na conquista de seus ideais, estando acima de seus próprios “interesses, comodidades e conveniências” fazia dos mesmos exemplos a serem seguidos.

Além dos gaúchos, sua fala aborda também personagens históricos, considerados enquanto “heróis valorosos” da Independência do Brasil:

Hoje me sinto perfeitamente satisfeito, em um clima de paz e tranquilidade, poder dirigir-me a todos os munícipes, reverenciando e homenageando a memória do valoroso Imperador D. Pedro, que com seu feito ilustrou uma das mais belas paginas da nossa história, proclamando aos quatro ventos a Independencia desta grande Patria. Dizer dos seus feitos seria roubar o vosso precioso tempo pois os episodios da epopéia da nossa Independencia, são sobejamente conhecidos, pela beleza que encerram os

¹⁶ *Idem* Doc. n.º 2, p. 01

combates travados para a concretização desse ideal que sacrificou Tiradentes.¹⁷

Assim como os gaúchos, D. Pedro e Tiradentes também lutam por seus ideais. Esta era uma forma de justificar a persistência necessária para a continuidade do projeto de colonização, independente das crises que tinham de ser enfrentadas, possibilitando a superação de obstáculos, a exemplo dos “feitos imortais” prestados pelos seus antepassados.

Além disso, a própria data de 7 de Setembro é um momento propício para focar tal assunto, pois para a comunidade este dia representa um período de tensão na qual a sociedade confiou em seus líderes que enfrentavam os problemas com atos que nas falas de Barth foram “episódios da epopéia que ilustram belas páginas da nossa história”.

Assim, mostra tanto a importância da persistência da comunidade diante dos momentos de dificuldades como também o valor das ações de seus líderes em meio às turbulências políticas e sociais. Percebe-se então a construção de um discurso que tem a pretensão de assegurar tanto a sua liderança local, como também de estabelecer a premissa de que a comunidade deveria desempenhar um comportamento de “lealdade” frente às dificuldades. Em outras palavras, a construção de tal discurso busca a permanência das pessoas na região, guiadas por determinados personagens, independentemente do que fosse necessário enfrentar.

Nas falas de Barth percebe-se a incorporação de representações sociais que se caracterizam pelo prestígio junto à comunidade. Desta forma,

¹⁷ *Idem, ibidem.*

o processo de “heroicização” engendrado por Barth encontra suporte tanto em figuras locais (“mortos” e viúvas) quanto regionais (gaúchos). Além disso, seu discurso incorpora também consagrados heróis nacionais (D. Pedro I e Tiradentes).

Esta seleção de personagens obedece a critérios definidos pelas características que compartilham no que se refere à atitude estóica diante dos fatos, ou seja, a necessidade de conviverem com as dificuldades para a concretização de seus ideais. Entre estas características estão a coragem, a persistência, o otimismo, entre outras.

Seu discurso apresenta, desta forma, imagens que buscam construir uma visão de mundo e de organização social que obedecem à necessidades locais, evidenciadas através das comemorações de 7 de Setembro, onde aparece a exaltação de personagens como Tiradentes e D. Pedro I que, por sua vez, conferem uma organização social que visualiza comportamentos, pois são símbolos que apresentam uma determinada “ordem” na qual a sociedade deve-se deter.

Contudo, além dos discursos de Barth coincidirem com momentos de tensão, estabelecendo implicações econômicas e políticas, gradualmente vão mostrando que suas narrativas não eram falas sem significado nem falas vazias de experiências concretas, pois, se assim fossem, diluir-se-iam em meio aos discursos que circulavam no universo de seu grupo.

Desta forma, o mito não pode ser considerado como uma narrativa ou uma fala qualquer, pois, como diz Everaldo P. G. Rocha, caso fosse desta forma, “ele se descaracterizaria, perderia sua especificidade. Seria tragado

pelo oceano de narrativas, falas e discursos humanos. O que marca o ser humano é justamente sua particularidade de possuir e organizar símbolos que se tornam linguagens articuladas, aptas a produzir qualquer tipo de narrativa”¹⁸.

Em síntese, compreendendo as situações sociais como estando fortemente imbricadas ao conjunto de valores que se destacam em determinados espaços, os discursos de Barth prevalecem sobre os demais devido a sua particularidade de estabelecer vínculos com valores cultivados pelas comunidades do Oeste paranaense, tais como, a religião, o trabalho, a educação, a política, etc., o que facilita a permanência de suas “falas” na memória das pessoas.

2.2 O aspecto religioso nas falas de Barth

Outro aspecto recorrente nas falas de Barth, além de sua postura diante dos momentos de crise, diz respeito às concepções religiosas que integram os seus discursos veiculados às comunidades do Oeste paranaense.

Esta característica torna-se visível no transcorrer de seu discurso proferido durante as comemorações de 7 de setembro de 1961, quando relata que “Dramáticos e tumultuosos foram os dias que a nação viveu, porém a compreensão dos homens responsáveis pelos destinos do Brasil

¹⁸ ROCHA, P. G. Everaldo. *O que é mito*. São Paulo: Brasiliense, 1981. pp.175-176.

assistida por Deus, Senhor de todos os Exercitos, fez com que voltasse a reinar a paz no seio da família brasileira.”¹⁹

Suas palavras intentam expressar que durante os momentos de intranquilidade, as pessoas não precisavam preocupar-se, já que seus líderes estão protegidos por “Deus, Senhor de todos os Exercitos”.

Percebe-se nestas falas, elementos políticos mesclados com traços religiosos, onde “Deus” predomina acima de todas as situações do universo profano, sendo apresentado como um ser superior que consegue orientar a restauração das situações de desequilíbrio político que atingem a “família”.

Portanto, chamando para si o papel de líder de sua comunidade, Barth também seria uma pessoa abençoada por “Deus”, na qual o grupo poderia consignar sentimentos de confiança. Assim, mostrava-se como um homem religioso, fato que lhe auxiliava em suas atividades políticas e administrativas tendo a seu lado “Deus”, que no universo cristão do mundo moderno não é contestado, porque é visto como ser onipresente, focado como segura alternativa para a solução de todos os problemas.

A recorrência dessa atitude apresenta-se em vários discursos elaborados por Barth, independente do público ao qual esteja se dirigindo, fato perceptível em suas falas destinadas tanto à comunidade do Oeste paranaense como também a outros interlocutores, a exemplo da carta que enviou para o então governador do Estado Bento Munhoz da Rocha Neto, no período que antecedeu sua visita à localidade de Toledo, onde assim se manifestou: “Gloria a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa

¹⁹ BARTH, Willy. Doc. n.º 2, p. 01.

vontade. Ao Saudar V. Excia. podemos dizer, e sem medo de errar. – Gloria ao nosso Governador, porque temos a paz em Toledo, garantida por um governador de mãos honradas, capaz de nós proporcionar o bem estar comum”²⁰.

Portanto, mostrar-se enquanto um homem que crê em “Deus” era uma forma de adquirir credibilidade política nas diversas camadas socioculturais que possuíam vinculações com a região na qual se projetava esse personagem.

Fato que se torna visível também na sua homenagem proferida para a comunidade no transcorrer do dia do colono: “Que Deus abençoe os colonos de todo o Brasil, dignos de nossa admiração e reconhecimento”²¹. Perceptível ainda nas palavras que finalizam sua homenagem aos formandos do Colégio La Salle:

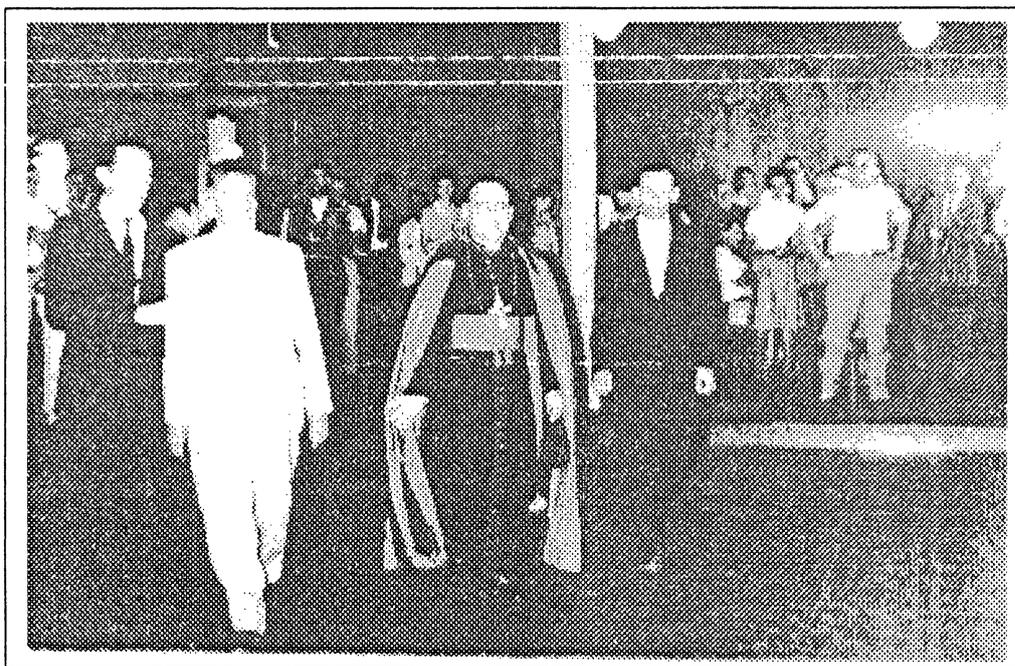
Por tudo quanto me foi agradecido, neste momento inesquecível, minha profunda gratidão. E se me é permitida uma última palavra, quero, - como pai que sou também, impor minhas mãos sobre vossas cabeças, e com a mais sagrada unção, dizer-vos, em fervorosa prece: “Que Deus vos abençoe, meus queridos filhos !”²².

²⁰ BARTH, Willy. *Carta para o governador*. Museu Willy Barth: Toledo, 1951. p. 01 (Documento n.º 5).

²¹ *Idem*. Doc. n.º 1, p. 01.

²² *Idem*. Doc. n.º 4, p. 08.

FOTO 3 – Solenidade de posse de Willy Barth como Prefeito de Toledo (14/12/1960).



(Nesta foto, Barth, trajando terno branco, aparece à esquerda de D. Armando Sirio, primeiro Bispo da Diocese de Toledo). FONTE: Museu Histórico Willy Barth, Toledo – PR.

Inserido neste espaço e tendo clareza sobre os traços religiosos de sua comunidade – composta principalmente por protestantes e católicos²³, para os quais a figura “divina” possuía um significado especial – Barth apresentava-se enquanto um membro religioso, o que buscava sua adesão junto ao grupo que o reconhecia como um dos seus por acreditar no que eles acreditavam.

Esta característica “exemplar” relacionava-se à postura assumida por Barth diante de correntes religiosas distintas encontradas no Oeste do Paraná, pois, em seus discursos, este personagem adota uma perspectiva

²³ Com relação aos dados referentes aos grupos religiosos do Oeste paranaense (católicos e protestantes) ver: OBERG, Kalervo. *Toledo: um município da fronteira Oeste do Paraná*. Rio de Janeiro: Edições SSR, 1960; SILVA, Oscar (et al). *Toledo e sua história*. Toledo: Prefeitura Municipal de Toledo, 1988; e COLOGNESE, Silvio

de conciliação através do enfoque de elementos comuns a todas as religiões cristãs.

Neste sentido, Mircea Eliade argumenta que “quanto mais o homem é religioso tanto mais dispõe de modelos exemplares para seus comportamentos e ações. Em outras palavras, quanto mais é religioso tanto mais se insere no real e menos se arrisca a perder-se em ações não-exemplares”²⁴.

Esta ação exemplar evidencia-se em seu discurso de formatura, quando diz que:

Quero prestar – perante a vós (...), – publicamente, – em momento tão grandioso, uma declaração de princípios, que servirá de conselho para vós e para vossa meditação. “Creio em Deus, Todo Poderoso, Criador do Céu e da Terra”. “Creio na destinação sobrenatural do homem, criado à imagem e semelhança de Deus”. “Creio na hierarquia dos valores morais e espirituais, sobreposta à gama dos valores materiais” (...). Eis aí minha declaração de fé cristã, cujo depósito meus maiores me transmitiram, com tanto carinho, e de fé democrática, como homem público, que sou²⁵.

Como pode-se notar (no trecho supracitado), nos seus discursos Barth não revela a que facção religiosa pertence, mas sem deixar de apresentar-se como um homem de acirrado “espírito cristão”, através da “declaração de princípios” entre os quais está a crença em “Deus, todo poderoso, criador do céu e da terra”.

Com esta atitude, Barth evitava qualquer atrito religioso com a comunidade. Com isso objetivava a aceitação de sua liderança através da configuração de um modelo exemplar a ser seguido.

A.: SCHALLENBERGER, Erneldo. *Migrações e comunidades cristãs: o modo-de-ser evangélico-luterano no Oeste do Paraná*. Toledo: Edt. 1994.

²⁴ ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pp. 85-86.

²⁵ BARTH, Willy. Doc. n.º 4, pp. 07-08.

Tal modelo é reforçado na medida em que adota uma visão anti-materialista, ao sobrepor a "hierarquia dos valores morais e espirituais acima da gama dos valores materiais", onde além de sua adesão ao cristianismo, apresenta-se enquanto um exemplo de "homem religioso", pois negava sua submissão material valorizando o espírito cristão acima de tudo.

Portanto, denominar-se enquanto um homem religioso torna-se uma prática política que possui implicações no meio social, pois o sentimento religioso interfere com certa intensidade no campo social mediando e regulando comportamentos, normalizando ações que aproximam o ideal, representando simbolicamente, por códigos permeados de conteúdo religioso, o cotidiano vivenciado pelos indivíduos e pelas comunidades. A estratégia discursiva utilizada por Barth para obter tal efeito é a incorporação em suas falas de tradicionais frases bíblicas que integram as orações rotineiras proferidas durante as reuniões religiosas desse meio.

Esse aspecto da memória de Barth vai ao encontro da constituição de características que acompanham os mitos políticos, na medida em que mostra suas manifestações religiosas atreladas aos valores da comunidade. Além da religião, outro valor consensual que integra a colonização do Oeste paranaense é o trabalho.

2.3 Em direção ao progresso e à liberdade através do trabalho

Nos discursos de Barth, encontram-se referências constantes à importância do trabalho, caracterizando o mesmo como uma das grandes

virtudes dos homens, por ser responsável pela “ordem e progresso” da região. As práticas de Barth que norteiam suas narrativas enfocando o trabalho, tornam-se mais claras quando enfatizados seus discursos proferidos nas datas festivas. Tal aspecto pode ser observado em sua homenagem ao Dia do Trabalho:

A todos aqueles que labutam na lavoura, no serviço braçal, do mais humilde aos mais favorecidos, aos industrialistas, aos que se dedicam ao comércio, patrões e empregados e a todos aqueles que de qualquer maneira dedicam as suas vidas ao trabalho nobilitante que enobrece o homem e o torna independente, a todos aqueles que ajudaram a fundar este Município, e a construir esta bela cidade de Toledo, da qual nos orgulhamos, estendo o meu abraço fraternal em agradecimento aos que ajudaram a construir tudo o que temos e o que somos, concitando-os a que continuem lutando pelo engrandecimento desta terra que tanto estimamos e dessa maneira sempre me tereis ao vosso lado coadjuvando todas as iniciativas que representem o bem estar e o progresso desta terra²⁶.

Como pode-se observar nos argumentos, Barth apresenta o trabalho como uma atividade que “liberta” e “enobrece” todos os homens, independentemente de suas vinculações sociais ou atividade profissional, homenageando desde o “mais humilde aos mais favorecidos”. O que importa em seu discurso é que as pessoas deveriam dedicar a sua vida ao trabalho, para as quais “estende seu abraço fraternal em agradecimento”, pois sua presença era a responsável pela construção do município de Toledo.

Estas homenagens assim direcionadas apresentavam um discurso no qual o trabalho era caracterizado como uma necessidade ininterrupta que deveria acompanhar a vida das pessoas, o que na sua concepção era uma forma de emancipação do homem.

²⁶BARTH, Willy. *Discurso do Dia do Trabalho*. Museu Willy Barth: Toledo, 1961. p. 01. (Documento n.º 6).

Esse discurso é intensificado no transcorrer de suas narrativas, devido ao fato deste personagem conhecer as necessidades do Oeste do Paraná, pois esta é uma região que até o início dos anos 50 encontrava-se praticamente intocada pela ação humana²⁷ e as transformações do espaço necessárias para a implantação de um projeto colonizatório, com implicações econômicas e políticas, prescindiam de um discurso que valorizasse o homem e sua relação com o trabalho.

Portanto, para Barth o trabalho é visto como uma atividade “nobilitante”, pela qual o homem consegue alcançar seus objetivos. Sendo assim, coloca-se ao lado das pessoas que trabalham, “concoitando-as a que continuem lutando, pois dessa maneira sempre estará ao seu lado”. Em outras palavras, enquanto personagem que possuía inserção expressiva na região, valoriza o trabalho devido ao fato de ser encarado como modelo de comportamento a ser seguido pelas sociedades humanas. Essas falas mostram as exigências em relação aos colonos, pois o trabalho é caracterizado como um dos requisitos morais que deveria ser inerente aos membros das comunidades da região.

²⁷ A expressão “ação humana”, neste caso, adquire uma conotação especificamente direcionada ao fato de que esta região até o momento não estava integrada a um projeto de colonização, tal como ocorrera na década de 50. Contudo, cabe ressaltar que esta região era ocupada anteriormente por povos indígenas (Guaranis) e também possuía vínculos com o comércio extrativista implantado por companhias estrangeiras.

FOTO 4 – Inauguração da Balsa Britânia (1957).



(Barth, sobre o trator, discursa para os trabalhadores da região durante a inauguração da Balsa Britânia, às margens do Rio Paraná). FONTE: Museu Histórico Willy Barth, Toledo – PR.

Portanto, o trabalho em suas narrativas é concebido como meio através do qual se reconhece o valor e a moral que constituem o homem. Isto é reafirmado em sua homenagem aos formandos do Colégio La Salle: "Creio na virtude, na honradez, na decência, na moralidade, na integridade e no trabalho, como fatores construtivos e forjadores da consciência. – Em tudo isso eu creio"²⁸.

Com estes argumentos, Barth apresenta o trabalho como um valor que é responsável pela constituição dos indivíduos no seu meio, pois é visto como um dos "fatores construtivos e forjadores da consciência".

²⁸ BARTH, Willy. Doc. n.º 4, pp. 07-08.

Essas narrativas possuem implicações na individualidade das pessoas, tendo um sentido mobilizador que atingia a comunidade local, inserindo a mesma junto ao projeto de colonização. Para tanto, apresentava-se um discurso revestido de estratégias que julgavam a condição humana através das funções desenvolvidas pelas pessoas, onde o trabalho ocupava um espaço privilegiado.

Deste modo, o trabalho, sendo um valor moral prestigiado pelo seu líder através de constantes homenagens, era uma forma de estimular a participação coletiva. Tal intenção é evidenciada na mensagem proferida por ocasião do Dia do Colono:

Tenho na mais alta consideração aqueles que com seu suor fecundo, lavram a terra e com ingente sacrifício tiram dela os preciosos frutos que alimentam os habitantes do campo, como as massas numerosas dos que não produzindo o pão de cada dia vivem nas grandes cidades empregando suas atividades noutros setores. Sem o sacrifício desses soldados anônimos da Pátria, nada teríamos de construtivo porque o progresso, a grandeza e a felicidade da Pátria reside exclusivamente no labor fecundo do colono, produzindo o alimento que nos dá a vida²⁹.

São freqüentes as homenagens direcionadas ao trabalho dos colonos, responsabilizando-os pela produção de alimentos para as pessoas do campo assim como dos grandes centros, onde compara a atividade desenvolvida por esses indivíduos ao trabalho de "soldados anônimos", pois garantem a sobrevivência das pessoas. Assim, as pessoas que trabalhavam possuíam tamanho valor devido ao fato de assegurar aos homens o que estes tinham de mais importante: "a vida".

Através destas considerações, pode-se destacar também a terminologia adotada nesta prática discursiva, pois ao nomear os colonos

como “soldados anônimos da Pátria”, Barth revela seu entusiasmo com relação às corporações militares no que se refere a princípios fundamentais como a disciplina, a prontidão e a defesa da comunidade. Estes valores, por sua vez, deveriam estar presentes no cotidiano dos colonos durante a execução de atividades relacionadas ao projeto de colonização. Em outro trecho desta mesma homenagem, diz:

“COLONOS[:] é grande a minha satisfação em deixar aqui consignado um voto de louvor a todos os trabalhadores rurais que engrandeceram o município de Toledo, desbravando as matas, preparando as terras para a cultura, produzindo milhares de toneladas de cereais, fazendo com que Toledo ocupe um lugar de destaque nos centros produtores do Paiz e principalmente no Oeste do Paraná”³⁰.

Neste contexto, mostra que todo valor que norteia o trabalho possui expressão local através da especificação das atividades desenvolvidas pelos trabalhadores rurais em prol do “engrandecimento de Toledo” que alcança por isso projeção de “destaque nos centros produtivos do Paiz”. O reconhecimento destas atividades, apresentado durante as comemorações do Dia do Colono, tem como pretensão estimular as pessoas, valorizando o trabalho enquanto fonte de energia que garante o desenvolvimento econômico da região.

Percebe-se então que essas narrativas estão revestidas de estratégias que tentam sensibilizar o grupo através de mecanismos mobilizadores que agrupam as pessoas em torno de um valor coletivo, visando a constituição de uma unidade que corresponda ao trabalho

²⁹ *Idem*. Doc. n.º 1, p. 01

³⁰ *Idem. ibidem*.

conjunto e assim canalizando as ações dos indivíduos desse meio em torno do projeto de colonização.

Esta prática discursiva de cultuar o trabalho vai ao encontro das discussões de Pierre Ansart, nas quais analisa as ações de determinados personagens míticos:

O mito não é apenas o decalque significativo, imanente a toda prática. É também estrutura simbólica eficaz, que assegura as funções permanentes de atestação, legitimação e regulamentação para a permanência e a reprodução sociais. Constitui uma das forças reguladoras da vida coletiva, um dos elementos do sistema de controle da sociedade em conjunto. Através da explicação e da magnificação que opera no modelo social, o mito participa da orientação das condutas, da canalização das energias"³¹.

Deste modo, o poder de mobilização é outro dos diversos aspectos que faz com que determinados personagens transformem-se em sujeitos míticos, pois possuem a capacidade de orientar condutas e canalizar a energia do grupo através da utilização de símbolos que estão imbricados às especificidades de determinado meio.

No caso do Oeste paranaense, a valorização que Barth dá ao trabalho possui especificidades regionais, que buscam integrar os trabalhadores, direcionando suas atividades para o desenvolvimento do projeto de colonização. Uma das especificidades fundamentais encontra sustentáculo nas falas de Barth ao definir o núcleo de colonização como sendo uma "célula". De acordo com suas palavras:

Prezados munícipes: Transcorrendo hoje o dia consagrado ao trabalhador, cumpro o grato dever de, associando-me a essas festividades, na qualidade de chefe do Executivo Municipal, congratular-me com todos os munícipes, que trabalham arduamente em prol do engrandecimento de Toledo, para convertê-lo numa célula viva e fecunda de labor incessante irmanando-nos as demais comunas do Brasil para torná-lo mais poderoso e progressista,

³¹ ANSART, Pierre. *Ideologias, conflitos e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987. p.28.

rico e respeitado, para que a nossa Patria seja no lugar que lhe corresponde, como lider dos paizes da America do Sul³².

Conforme as linhas acima, pode-se visualizar o interesse de Barth na constituição de uma unidade produtiva baseada no trabalho contínuo, quando refere-se a ela como uma “célula viva e fecunda de labor incessante”, ou seja, a união das pessoas tinha como elo de ligação o discurso que valorizava o trabalho acima de qualquer coisa.

Esta estratégia discursiva possui características normatizadoras por apresentar elementos que equiparam um grupo social a uma célula: o bom funcionamento de uma célula prescinde de relações harmoniosas entre os vários elementos de que é constituída. No entanto, em um grupo social esta harmonia nem sempre é possível, pois as relações socio-culturais não se igualam às funções biológicas. Tal característica se deve essencialmente à ocorrência de conflitos na organização das sociedades humanas. Portanto, ao comparar a cidade de Toledo a uma célula, Barth sugere a harmonia nas relações sociais como forma de atingir os objetivos da colonização: o progresso da região e de seus membros.

Assim, nas sua narrativas, o trabalho, além de ser visto de forma harmoniosa, não poderia ser interrompido pois era um “labor incessante”. Desta maneira, as atividades ininterruptas e harmoniosas transformariam o Oeste paranaense numa região “rica e progressista” que representava o “engrandecimento de Toledo”, bem como do país.

³² BARTH, Willy. Doc. n.º 6, p. 01.

Assim, nessa célula, cada indivíduo, desenvolvendo atividades específicas, garantiria o surgimento de uma situação de ordem e progresso que representaria por sua vez o "bem estar social comum para o grupo".

Essa prática discursiva é evidenciada também em outras linhas de sua homenagem aos trabalhadores da região:

Aproveitando as comemorações da data dos trabalhadores, quero mais uma vez congratular-me com os pioneiros que aqui chegando, ajudaram a desbravar as matas, construir estradas, edificar seus lares e lavrar a terra dadivosa e fecunda, regando-a com o suor destes bandeirantes que viéram para o Oeste do Paraná, que lançaram a primeira semente que seria o começo de uma nova era do progresso dêste Estado³³.

Percebe-se que esta homenagem aos colonos reflete intenções que objetivavam a mobilização das pessoas desse meio para que as mesmas valorizassem o trabalho, o que beneficiaria a empresa colonizadora MARIPÁ, da qual Willy Barth era um dos principais acionistas (ver ANEXO 2)³⁴. Portanto, o que justifica as estratégias de um discurso que tanto valor dá ao trabalho é a necessidade de obtenção de lucros. Além disso, esse culto ao trabalho buscava consagrar a estruturação da região, animando Barth a desenvolver discursos que exaltavam o trabalho, onde o lucro é valorizado devido ao progresso que proporcionaria à comunidade oestina, sendo este um forte elemento da ética protestante – com traços significativos presentes na organização sociocultural desta comunidade – que valoriza o homem através do seu trabalho³⁵.

³³ *Idem, ibidem.*

³⁴ O ANEXO 2 apresenta a relação dos acionistas da MARIPÁ. Nesta relação, pode ser identificado o número de ações que cada sócio detinha, sendo que Barth encontra-se entre os três maiores acionistas desta empresa.

³⁵ A relação entre ética protestante e trabalho nesta região, terá uma abordagem mais detalhada no capítulo seguinte.

Assim, estes discursos julgavam e qualificavam os colonos para que estes se ocupassem com as atividades relacionadas principalmente ao projeto de colonização.

Logo, nas narrativas de Barth, o que faz com que as pessoas sejam virtuosas é o trabalho. Nas linhas seguintes, evidencia-se as práticas discursivas que investem na divulgação destas concepções, tendo como alicerce os atos políticos deste personagem, instaurados a partir da figura do líder exemplar.

2.4 Um discurso revelador de ações políticas

Ao explorar as atitudes políticas presentes nas narrativas de Barth, pretende-se analisá-las levando em consideração os cargos ocupados por este personagem enquanto prefeito municipal que concorria a uma cadeira no senado, concomitantemente à sua atuação como empresário e dirigente da colonizadora MARIPÁ. Desta maneira, intenta-se mostrar que tais práticas relacionavam-se tanto com questões internas, vinculadas às suas ocupações na comunidade, quanto com questões externas, principalmente quando aparecem referências aos movimentos da política mundial que marcam as décadas de 1950 e 1960, tendo reflexos no extremo Oeste do Paraná.

Neste sentido, torna-se necessário ressaltar que a vida política de Barth não teve início no Oeste paranaense, pois, antes de atuar como

diretor da Colonizadora MARIPÁ e assumir o poder executivo de Toledo, já tinha adquirido experiência nesta área no Estado do Rio Grande do Sul, estando filiado ao então Partido Libertador (PL), mostrando que possuía atuação em facções partidárias de outra região, o que certamente colaborou para a configuração de práticas políticas adotadas num novo local caracterizado pela recente institucionalização de órgãos públicos.

Para tanto, esse personagem constrói discursos que correspondem à sua atuação local e visam corresponder às expectativas deste espaço. Essas práticas apresentam-se nas suas narrativas da seguinte forma:

Nésta oportunidade que se me oferece, quero expor o que me foi permitido realizar no desempenho de minhas funções de Prefeito Municipal deste Município, nestes quatro primeiros meses de governo e ao mesmo tempo prometendo tudo (...) [fazer para que] os problemas mais prementes, dentro do possível, possam ser por mim solucionados, e a aqueles que manifestaram nas urnas sua confiança em mim, elegendo-me para dirigir os destinos desta terra, prometo também que não os decepcionarei³⁶.

Bastante expressivas, como se vê, essas falas apresentam um líder político, que, nessa posição, julga-se como responsável pela direção e organização dos membros da comunidade que ocupava o Oeste paranaense, "que manifestaram nas urnas sua confiança (...) para dirigir os destinos desta terra". Assim, o líder local é apresentado como aquele que responderia pelos atos que buscam solucionar as dificuldades da sua comunidade.

É perceptível em suas falas que, a partir das responsabilidades que adquiriu com a posição que passou a ocupar, mostra-se enquanto um político que atua em "defesa" de sua comunidade, manifestando seu

³⁶ *Idem. ibidem*

compromisso com as pessoas que o elegeram e “prometendo não decepcioná-las”. Essa prática propicia o seu estabelecimento enquanto líder político que através de seus atos busca o apoio das pessoas, pois apresenta-se enquanto personalidade que enfrenta situações que atingem sua comunidade.

FOTO 5 – Campanha política (Setembro de 1959).



(Barth, com a mão direita levantada, discursa durante sua campanha política que o elegeria Prefeito de Toledo). FONTE: Museu Histórico Willy Barth, Toledo – PR.

Assim, a figura do líder político é apresentada, no transcorrer de suas falas, como uma necessidade para a organização da sociedade. Esse aspecto torna-se mais contundente na carta que Barth enviou ao Governador do Estado Bento Munhoz da Rocha Neto:

O povo de Toledo, com satisfação imensa, grava a nobre visita e é com orgulho que lhe dá as boas vindas, esperando que digno administrador do estado seja para nós, como foi Osorio para seus soldados. O grande general afirmou: para governar homens de boa vontade basta indicar-lhes o caminho. Nós, somos como estes soldados e, esperamos de V. Excia. que nós indique o caminho³⁷.

Essas narrativas que referenciam a postura do condutor político como personagem responsável a “indicar” ao povo os caminhos a seguir, revelam um discurso em que o líder deve ser seguido pelo seu grupo, ou seja, se tal personagem adquire responsabilidades advindas da posição de liderança que ocupa, por outro lado, suas palavras expressam a necessidade de aceitação de seus atos por parte das pessoas que o acompanham.

Deste modo, a utilização nos discursos de Barth de ações de personagens que “comandam” os integrantes de uma determinada sociedade, tais como as ações do “grande general”, revela a necessidade de um líder para a comunidade, através da apresentação desses personagens como sujeitos responsáveis pela “segurança” das pessoas de seu meio.

Suas falas expressam, portanto, reflexos de uma autoridade interessada na obediência das pessoas ligadas a personagens de determinados espaços, sendo que estes discursos procuram exaltar estes personagens na medida em que apresentam as ações de grandes líderes políticos como empreendimentos de coragem imprescindíveis para a organização das comunidades.

Esses atos políticos aparecem em suas narrativas como desejos de ruptura, ou seja, gestos de desafio de personagens que através de suas

³⁷ BARTH, Willy. Doc. n.º 5, p. 02.

práticas objetivam estabelecer uma ordem que possibilite legitimar sua inserção política junto a seus espaços de atuação. Neste sentido, Raoul Girardet, apresentando características das atitudes que norteiam os personagens míticos, argumenta que é através de "sua audácia que o líder se impõe, por seu poder de recusa e de questionamento".³⁸

Com relação a esse aspecto, os atos "audaciosos" de Barth não se revelavam apenas em discursos direcionados exclusivamente aos habitantes do Oeste do Paraná, pois seu poder de questionamento apresenta-se também na carta enviada ao então Governador do Estado Bento Munhoz da Rocha Neto durante os dias que antecederiam sua visita à região, ocasião na qual Barth reivindicava a emancipação política de Toledo.

Desta maneira, observa-se que suas práticas políticas extrapolam as fronteiras do Oeste paranaense, o que torna-se visível em suas falas:

Toledo se sente esperançoso, porque vê, na feliz administração de hoje, uma era mais promissora para o Estado, cheia de dinamismo jovem, refletida num governo eficiente e de mãos honradas, marcando as diretrizes progressistas, dignas do atual desenvolvimento do Paraná, dando ao povo uma garantia para o bem estar comum. Feliz também Toledo se sente, porque vê, que a luta do povo que desbrava o sertão, está amparada na inteligência útil de um homem de Bôa vontade e que sabe ir ao encontro de seus governados e deles sentir as suas necessidades, correspondendo assim a confiança que lhe foi depositada³⁹.

Portanto, mostra-se um representante audacioso de seu grupo através de sua atuação política, porque suas práticas vão ao encontro das necessidades dos colonos oestinos devido ao fato de terem a pretensão de alcançar a emancipação política da região, desmembrando-se do município

³⁸ GIRARDET, Raoul. Op. cit., p. 92.

de Foz do Iguaçu. Assim, questiona e pressiona o governo estadual, "sentindo as necessidades de seus governados".

Nesse sentido, visualiza-se um discurso que expressa práticas políticas que se relacionam com as comunidades locais objetivando rupturas na medida em que se dirige ao poder público do Estado reivindicando condições que tragam "o bem estar comum" para sua região.

Por outro lado, a adoção de uma posição de ruptura, no que se refere à emancipação política de Toledo, visa referendar a liderança política de Barth na região, indo ao encontro de seus projetos pessoais (considerando os cargos públicos que ocupou durante sua curta mas expressiva carreira política).

As atitudes que procuram pressionar as autoridades estaduais, apresentando-o como líder capacitado a questionar e reivindicar melhores condições para sua região, tornam-se mais visíveis quando nesta mesma carta diz o seguinte:

Toledo, também conta com 764 eleitores e ainda é de Toledo que foi arrecadado pelos cofres do Estado, 40% dos impostos e taxas do Município de Fóz do Iguaçu. – No ano de 1951, o próprio progresso verificado indica certo, uma arrecadação muito maior. Em saudando o nosso Governador, embora Toledo na esfera administrativa, não seja ainda um distrito sequer, o seu povo se sente dignificado, porque vê o Governador, jovem, com um passado honrado e cheio de lutas pelo bem estar comum, com os olhos voltados para esta gleba, que ainda ontem éra sertão virgem e que hoje já é uma expressão no município de Fóz do Iguaçu⁴⁰.

³⁰ BARTH, Willy. Doc. n.º 5, p. 02.

⁴⁰ *Idem.* p.01. Toma-se necessário enfatizar que a cidade de Toledo neste momento encontrava-se em plena campanha para efetuar sua emancipação política, buscando afirmar sua importância como novo município do Oeste paranaense. A região – que até então integrava o município de Foz do Iguaçu – consolidou-se como município em 14 de novembro de 1951, sem passar pelo estágio de distrito. Já Marechal Cândido Rondon (neste período distrito de Toledo) consegue sua emancipação apenas em 1960.

Como se vê, Barth apresenta o progresso da região como fator determinante para a sua emancipação, pressionando as autoridades estaduais para que "voltem seu olhar" para esta comunidade.

Além de defender os interesses da região no que se refere às questões relacionadas ao poder público estadual, Barth procura evidenciar sua preocupação com o cenário político mundial.

Desta forma, em situações de instabilidade, nas quais as pessoas temiam pela sua segurança, Barth apresenta-se ao lado da comunidade mostrando sua preocupação também com os fatores externos que têm reflexos sociais e políticos no Oeste paranaense. Em outras palavras, assume uma postura de intérprete da comunidade quando trata de acontecimentos relacionados à política mundial.

Nos discursos de Barth apresentam-se manifestações políticas que marcaram o seu momento histórico a nível mundial. Esses aspectos são evidenciados nas suas falas quando estas apresentam temas relevantes, tais como o comunismo, quando afirma que "o momento é gravíssimo. Mais do que nunca as forças do materialismo ateu, representadas pelo comunismo, que é a negação da liberdade humana e dos lúdicos princípios da democracia cristã, se encontram ativas e conquistando terreno, dia a dia"⁴¹.

Essas falas mostram que as reflexões políticas de Barth abrangiam circunstâncias externas, pois nesse período o mundo encontrava-se dividido entre dois blocos representados pelo comunismo (defesa da propriedade

⁴¹ BARTH, Willy. Doc. n.º 4, p. 04.

coletiva dos meios de produção) e pelo capitalismo (defesa da propriedade privada dos meios de produção) que defendiam a instauração da hegemonia de seus regimes políticos – sendo este período denominado como *Guerra Fria* –, buscando aliados que expressassem opiniões e identificassem suas tendências políticas diante dessa situação de conflitos⁴².

Barth, em seus discursos deixa clara sua posição através da identificação das pessoas que integram o regime comunista como anti-cristãos, por constituírem “as forças do materialismo ateu”. Além disso, o regime comunista é caracterizado como aquele que nega a liberdade aos homens. Em resumo, nas palavras de Barth o comunismo aparece como regime anti-democrático e anti-cristão, o que mostra que, segundo suas concepções, tais elementos devem acompanhar a vida política.

Utilizando-se de acontecimentos históricos que marcaram sua época, nos quais as manifestações das “forças do materialismo ateu” se fazem presentes, afirma que na “própria América Latina, (...) temos o exemplo de Cuba, cujos governantes declararam-se, há dias, fiéis adeptos do credo de Marx”⁴³.

Essa aversão comunista é construída tendo em vista valores fundamentais para os colonos do Oeste paranaense, tais como a extrema religiosidade característica destas pessoas. Assim, ao utilizar um discurso

⁴² Torna-se necessário enfatizar que nem todas as pessoas, nos anos 60, identificavam-se com o regime capitalista ou o regime comunista, existindo outras posições e opiniões sobre este momento histórico. Contudo, no caso do Oeste paranaense, considerando especificamente as narrativas de Willy Barth, percebe-se claramente seu alinhamento ao regime capitalista. Com relação às discussões que envolvem a Guerra Fria ver: HOBBSAWM, Eric. *Éra dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁴³ BARTH, Willy. Doc. n.º 4, p. 04.

que qualifica o comunismo como não-cristão, sua crítica encontra respaldo junto aos membros da comunidade.

Ademais, esta posição política possui implicações com o Oeste do Paraná na medida em que compromete o “direito” à propriedade privada da terra, um dos atrativos principais para o estabelecimento dos colonos nos núcleos de colonização da MARIPÁ. Esta preocupação de Barth é perceptível quando diz o seguinte: “Eis os vermelhos comandando os movimentos operários. Eis aí o problema agrário reconhecendo como líder o deputado Francisco Julião, de formação dúbia e de inclinações esquerdistas. O poder é a finalidade deles e todos os meios lhes são lícitos”⁴⁴.

Desta maneira, Barth relaciona os setores sociais onde o comunismo se infiltra, desqualificando os defensores dos movimentos esquerdistas (tanto urbanos quanto rurais) e procura construir um discurso liberalista no que se refere à luta pela terra, enfatizando o trabalho como requisito básico para o direito à propriedade.

É neste sentido, enquanto político da região, que busca preservar o empreendimento econômico estabelecido neste espaço através do combate ao comunismo, atitude condizente com sua formação política adquirida com a participação político-partidária, tanto no Partido Libertador (PL) quanto no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) aos quais esteve filiado. Mas a resistência ao comunismo não só se justifica devido às divergências políticas, mas porque o movimento comunista durante as décadas de 50 e

⁴⁴ *Idem*, pp. 04-05.

60 passa a tomar impulso no campo⁴⁵, questionando a forma de distribuição das terras, como a exemplo de sua inserção em vários países da América Latina e no próprio Brasil (principalmente na região Nordeste) onde se organizava através das Ligas Camponesas⁴⁶.

Tais ideais comprometiam o projeto de colonização pois sua base estabelecia-se sobre a venda de terras. Com o intuito de evitar a repercussão favorável destes ideais na região, enquanto líder político, Barth apresenta um discurso que visa atemorizar a comunidade através da descrição pejorativa do regime comunista.

Neste cenário, além de desenvolver um discurso que colocasse a comunidade em conflito com os ideais comunistas, Barth conclama as pessoas para que se mobilizem em prol da restrição do avanço comunista, manifestando sua opinião da seguinte forma: "Convenhamos que os comunistas são mais aguerridos do que nós. E nos tempos hodiernos, nós os encontramos empunhando as bandeiras das grandes causas, que deveriam ser nossas"⁴⁷.

Além de incitar as pessoas do seu meio a combater o comunismo, Barth apresenta-se como um homem público que possui valores de inserção

⁴⁵ Os movimentos camponeses em favor de uma melhor distribuição de terras não se manifestaram no Oeste do Paraná. Porém, o momento era bastante delicado devido à existência de conflitos entre companhias colonizadoras e camponeses no Sudoeste do Paraná no ano de 1957, causando uma certa instabilidade no campo, chamando a atenção de dirigentes de outras colonizadoras (tais como o próprio Willy Barth) no Estado do Paraná, que neste momento encontravam-se em meio a processos de colonização. Sobre os conflitos de terras no Paraná, consultar COLENACHI, Maria Cristina. "Movimento camponês do Sudoeste do Paraná: aspectos polêmicos". *História: questões e debates*. Ano 8, n. 14-15 [Curitiba], dez./1987, pp. 147-160.

⁴⁶ Sobre a inserção no campo dos ideais comunistas na América Latina ver: BRUTT, Héctor H. *Revoluções na América Latina: o que são revoluções? México e Bolívia, Cuba e Nicarágua*. São Paulo: Atual, 1988. Sobre as ações das Ligas Camponesas ver: AZEVEDO, Fernando A. *As ligas camponesas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982; BENEVIDES, Cezar. *Camponeses em marcha*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985; MOURA, Margarida M. *Camponeses*. São Paulo: Ática, 1986.

⁴⁷ BARTH, Willy. Doc. n.º 4, p. 04.

junto à sua comunidade. Neste sentido, diz o seguinte: "Creio na democracia, como regime político, tendo como fundamento os princípios imutáveis de Cristo. Creio na dignidade e no valor da personalidade humana, negados tão violentamente pelos ditames do comunismo ateu"⁴⁸.

Sendo assim, com essas práticas políticas, Barth mostra-se enquanto um "homem cristão", característica moral expressiva junto aos colonos, ou seja, seus discursos políticos incorporam valores religiosos, buscando sua inserção neste espaço e, ao mesmo tempo, o combate às idéias que não se ajustavam ao projeto de colonização.

Este processo de adaptação do discurso ao público a que se destina, encontra referências nas discussões empreendidas por Raoul Girardet, quando ressalta que o discurso de personagens que possuem atribuições míticas "pode surgir dos pontos mais opostos do horizonte político, pode ser classificado (...) segundo a oportunidade do momento"⁴⁹.

Assim, as idéias de Barth simpatizam com determinados movimentos de seu meio e manifestam uma articulação com a posição que ocupava (político e empresário) ao assumir uma postura de coadjuvante nas ações políticas empreendidas pelo poder público, opondo-se aos ideais comunistas tanto em nível interno quanto externo.

Nessas condições, Barth objetivava legitimar suas ações através da afirmação de sua liderança política local, o que evidencia pretensões particulares no que se refere à continuidade de sua carreira política e, por

⁴⁸ *Idem*, p. 07.

⁴⁹ GIRARDET, Raoul. Op. cit., p. 12.

outro lado, revela práticas discursivas que asseguravam o bom andamento do projeto de colonização.

2.4.1 O discurso de Barth e as instituições de ensino

Como visto, a posição de liderança ocupada por Barth na região Oeste do Paraná encontra sustentação através da defesa de questões fundamentais na composição deste espaço. Além das discussões sobre o trabalho, a religião, entre outros, as narrativas de Barth abordam também aspectos relacionados ao ensino escolar na sociedade brasileira.

Em meio à polêmica de sua época relacionada ao caminho que a escola deveria seguir no Brasil, Barth assume uma postura contrária ao projeto que visava conferir maior espaço para a estruturação do ensino público. Para tanto, utilizava-se de exemplos que movimentavam o debate em torno do ensino durante o início da década de 60.⁵⁰

Cabem aqui algumas considerações sobre este momento que envolveu a educação a nível nacional entre os anos de 1948 a 1964. Destaca-se o debate que envolvia a Lei de Diretrizes e Bases, levando a um confronto entre os privatistas do ensino e os educadores que defendiam a escola pública, gratuita e laica. Os privatistas combateram propostas que visavam a constituição de um programa que relacionaria propósitos de alfabetização com o desenvolvimento social e econômico pelo qual o Brasil

⁵⁰ Sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação ver: CUNHA, Luiz A.; GÓES, Moacyr D. *O golpe na educação*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1991 e ROMANELLI, Otaiza de O. *História da educação no Brasil (1930-1973)*. Petrópolis: Vozes, 1978

passava. Tais ações eram vistas pela oposição como ideais comunistas que tinham como objetivo sua inserção junto às instituições de ensino.

Willy Barth posiciona-se diante deste debate. Tal fato é perceptível no transcorrer de sua homenagem proferida durante a formatura do Colégio La Salle:

Como homem público, que sou, não poderia deixar de declarar, em hora como esta, o meu pensamento sôbre a questão, tão momentosa e tão importante, como a do ensino em nossa terra. É lamentável que tantos brasileiros não se apercebam da gravidade do assunto, quando se discute o problema. Há pouco tempo, enorme celeuma levantou-se em torno do projeto de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, quando de sua tramitação no Congresso. Deturpou-se o assunto e em nome da defesa da escola pública acobertaram-se os inocentes úteis e os mal intencionados, que defendem a tese do monopólio estatal do ensino⁵¹.

Assim sendo, percebe-se que Willy Barth busca novamente apresentar-se como intérprete de sua comunidade expressando sua opinião sobre tal questão, pois “como homem público, não poderia deixar de declarar seu pensamento sobre tão momentoso e tão importante assunto”. Assim, opunha-se às perspectivas que delineavam o projeto de Diretrizes e Bases da Educação, denominando os precursores dessa proposta educacional de “inocentes úteis e mal intencionados”, o que nitidamente caracteriza sua oposição ao projeto de reestruturação educacional que tramitava no Congresso Nacional.

Contudo, as opiniões direcionadas ao ensino possuem maior amplitude política quando relacionadas à estatização das instituições, ou seja, tal posição além de apresentar uma postura contrária ao ensino

⁵¹ BARTH, Willy. Doc. n.º 4, p. 04. Neste momento histórico pelo qual o Brasil passava, a expressão “os inocentes úteis e os mal intencionados” foi um chavão bastante utilizado pela ESG – Escola Superior de Guerra, quando da identificação das pessoas que eram simpáticas aos ideais comunistas, o que mostra os alicerces que sustentam os discursos de Barth.

público, mostra-se desfavorável à estatização de quaisquer setores da sociedade, tendência que se evidenciava nesse momento histórico, devido ao fato do país encontrar-se diante de uma disputa política existente entre as faces conservadoras e as novas perspectivas políticas de caráter esquerdista. Esta disputa encontra terreno fértil em vários pontos do país, como a exemplo de uma das principais lideranças políticas do Oeste do Paraná.

Assim sendo, as opiniões de Barth contrárias à proposta do novo projeto de ensino, expressam imbricações com sua postura política. Estas imbricações revelam-se quando da caracterização do projeto: "Eis aí – senhoras e senhores – um dos grandes perigos, que ameaçam a nossa pátria. O monopólio estatal significa a detenção por parte do Estado, com exclusividade, do direito de educar as novas gerações"⁵².

Aspecto de suas práticas indicado anteriormente diz respeito ao fato de Barth combater as práticas comunistas, que no plano da educação estão associadas à estatização. Assim, esta aversão ao ensino público está relacionada com a oposição aos ideais da política comunista, que durante esse período apresenta a proposta de estatizar vários setores privados.

Neste momento histórico, os ideários comunistas buscavam ampliar seu espaço de atuação junto às cenas da política mundial, adquirindo relevante significado a partir de países como Cuba, China, União Soviética, entre outros – entendidos como pilares da formação do bloco socialista dos

⁵² BARTH, Willy. Doc. n.º 4, p. 04.

anos 50 e 60 – assumindo como diretriz ideológica, os questionamentos, com repercussão no Brasil, sobre a constituição dos estados capitalistas.

Portanto, Willy Barth, tendo conhecimento dos confrontos políticos de seu tempo e tendo em vista as peculiaridades inerentes ao projeto de colonização local, apresenta um discurso no qual a estatização aparece associada à “uniformização do pensamento”, reafirmando que o comunismo não oferecia “liberdade”, pois com a estatização do ensino as pessoas não teriam “opinião própria”, ou, de acordo com suas exatas palavras, as pessoas não teriam “direito de educar as novas gerações”.

Esta uniformização, presente em suas falas, possui maior evidência quando diz que é “através da escola única, da escola estatal, [que] chegar-se-á à juventude única. Haverá, então, para infelicidade nossa, a uniformização do pensamento, pela imposição de uma forma única, confeccionada pelos pensadores exclusivos do govêrno ou do partido, dentro da qual deverão se acomodar os espíritos”⁵³.

Assim, a estatização do ensino constituirá uma “juventude única”, controlada pelo partido ou governo. Não aceitando tal fato, qualifica esta atitude como um ato totalitário: “Através dessa tese – por sinal fascinante – procurar-se-á estrangular a escola particular, possibilitando-se a vivência exclusiva da escola única e estatal, mercê da qual consagrar-se-á o mais grosseiro totalitarismo”⁵⁴.

Como pode-se notar, Barth apresenta a estatização do ensino como uma das forças que visam levar à desestruturação da sociedade, pois esta

⁵³ *Idem.* p.05.

⁵⁴ *Idem. ibidem.*

não poderia participar na educação escolar de seus filhos, devido ao fato de que, na sua opinião, os ideais comunistas tinham como meta a instituição do "totalitarismo". Um dos passos deste totalitarismo, segundo Barth, era "estrangular a escola particular", o que, por sua vez, "rompe com a influência dos pais sobre os filhos e acomoda os espíritos".

Assim, para tornar sua oposição mais consistente, Barth enfoca a ameaça que o comunismo representa para a constituição da família cristã, entendida como alicerce da organização social, que corria o risco de decadência caso houvesse modificações no sistema educacional. Com isso, defende a escola privada, pois a estatização do ensino "não admite a cooperação dos particulares, e a própria família vê reduzidas, muitas vezes, totalmente, as possibilidades de influir na formação dos seus filhos"⁵⁵.

Neste contexto, a estatização do ensino, segundo Barth, além de romper com a "liberdade de escolha" das pessoas pelo ensino público ou privado, impossibilitava a participação da família na educação de seus filhos, o que, em outras palavras, pode ser identificado com a própria destruição da família, sendo um discurso eficaz para a adesão de pessoas contrárias ao ensino privado, como também de opositores à política de estatização de outros setores.

Nesse mesmo discurso, Barth dá continuidade à suas críticas, quando acusa as pessoas que defendiam o ensino estatal de esquecer da contribuição do ensino privado na "formação da consciência nacional", utilizando-se de exemplos históricos:

⁵⁵ *Idem*, p. 04.

Negam os defensores da escola pública única ou do monopólio do ensino, capacidade à escola particular para formar a consciência nacional. Tal afirmação não é somente uma grave injustiça, mas é também um êrro histórico de proporções imensuráveis. O passado e o presente do Brasil se unem para desmentir categoricamente tal assertiva. A consciência da nação brasileira foi forjada, desde os primeiros momentos, pelos esforços dos educadores particulares. No Brasil Colônia, no Império e na República, a situação foi a mesma. Não será agora, depois de 4 séculos de assinalados serviços à Nação Brasileira, que o ensino particular começará a deformar a consciência nacional. O que esta tem de mais genuinamente brasileiro, lhe foi inculcado pelo trabalho paciente, abnegado e corajoso de homens e mulheres que, varando longas distâncias e entrando pelos sertões, [v]isam levar um pouco de luz e muito de brasilidade às inteligências patricias, abandonadas pela inércia e pelo descaso que os governos votavam ao problema educacional⁵⁶.

Através do relato eloqüente dos “serviços prestados pelo ensino particular à Nação Brasileira”, Willy Barth objetiva justificar sua defesa em prol do ensino privado. No entanto, este discurso em defesa da escola particular extrapola o debate que envolve o ensino, possuindo um significado maior, pois tem como finalidade a proteção e a valorização dos empreendimentos da iniciativa privada.

Deste modo, as falas de Willy Barth valorizam substancialmente a iniciativa privada devido aos investimentos que se estabeleceram com a estruturação do projeto de colonização no Oeste paranaense, fruto do capital privado, o que justifica sua aversão em relação ao projeto que envolve modificações junta às instituições de ensino.

Assim, apresenta um discurso que objetiva demonstrar que a iniciativa privada foi responsável pelos empreendimentos que, através do “trabalho paciente, abnegado e corajoso de homens e mulheres, varando longas distâncias e entrando pelos sertões” levaram “um pouco de luz e muito de brasilidade” para o interior do país, enfatizando que esta atuação da

⁵⁶ *Idem*, pp. 05-06.

iniciativa privada não se apresentava apenas no atual momento, mas, historicamente desenvolveu mecanismos em "defesa da formação da consciência nacional".

Feita esta apresentação histórica dos empreendimentos da escola privada no Brasil, Barth passa a descrever o sistema escolar da região Oeste do Paraná:

Em matéria de ensino, nossa região deve orgulhar-se. Dedicamos, na municipalidade, ao ensino, anualmente, aproximadamente, seis milhões de cruzeiros, que sustentam uma centena de professores e 72 escolas municipais. Graças ao sistema de comunidades escolares, damos aos pais a liberdade de decidir no tocante ao ensino de seus filhos. Tal sistema, provindo já de administrações passadas, é o ideal e os seus frutos são extraordinários. Podemos afirmar, com altivez e orgulho, que a região da Fazenda Britânia, hoje compreendendo as comunidades de Toledo e Rondon é a de menor índice de analfabetismo em todo o oeste e sudoeste paranaense. Esta liderança cultural já é uma consagrada conquista nossa⁵⁷.

Com a descrição do caminho que a educação tomou no Extremo Oeste paranaense, além de mostrar que este sistema escolar é modelo para outras regiões, seu discurso valoriza os investimentos da iniciativa privada desenvolvida na região, o que colabora com a legitimidade de sua atuação política, tanto como prefeito quanto como empresário.

Esse discurso então não só justificava sua posição política, contrária às discussões empreendidas pelo projeto de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, mas também através dessa oposição apresenta um discurso favorável ao empreendimento da iniciativa privada que corresponde à defesa do próprio projeto de colonização.

Diante da "ameaça" que passa o ensino privado, Barth questiona a atuação do Estado:

Muitas vezes, ouve-se dizer que as escolas particulares, sejam católicas ou protestantes, não podem e nem devem receber subvenções do poder público, quando ensinam a religião. Respondemos à objeção: o dinheiro do tributo que César levou é nosso, e em nosso benefício reverterá, em virtude da justiça distributiva. O Estado é mero administrador desse dinheiro e não onipotente e inescrupuloso dono. Pagando ou subvencionando, pois a professores, que ensinam a disciplina da religião a nossos filhos, presta-nos um benefício com dinheiro, que é nosso⁵⁸.

Esta passagem é exemplar para a análise das ações de Barth, pois integra simultaneamente vários elementos da articulação discursiva empreendida por este personagem: defende todas as pessoas da região (tanto protestantes quanto católicos), sem estabelecer conflitos internos e aborda valores primordiais para seu grupo, como é o caso da religião. Além disso, neste fragmento encontra-se uma estratégia recorrente nas falas de Barth quando apresenta-se como líder da comunidade. Nesta fala, aparece novamente como líder audacioso ao rememorar, através de advertências, qual é o papel do Estado com relação à “justiça distributiva” do dinheiro público.

Assim, Barth apresenta atitudes de contestação diante de causas que atingem seu grupo e que concomitantemente possuem implicações com suas posições políticas.

Neste sentido, estas atitudes relacionam-se com as ações que caracterizam uma personalidade mítica, pois segundo Raoul Girardet, “o homem providencial aparece sempre como um lutador, um combatente. Sempre ameaçando, sempre resistindo à beira do precipício, recusa

⁵⁷ *Idem.*, pp. 06-07.

⁵⁸ *Idem.*, p.06.

submeter-se ao destino. Quer restaure a ordem estabelecida ou a subverta”⁵⁹.

Essas características que fazem parte das práticas de personagens míticos tornam-se ainda mais claras quando Barth, referindo-se novamente ao debate que cerca o ensino público e privado, diz o seguinte: “E afirmo-vos: se um dia, como Prefeito Municipal, tiver de alienar a liberdade do ensino em troca de polpudas verbas ou subvenções oficiais, prefiro renunciá-las, nem que tenha de mendigar, de casa em casa, os meios de nossas escolas”⁶⁰.

Assim, Barth nega a submissão aos “ditames das autoridades” quando estes afetarem a integridade moral de seu grupo. Tal atitude faz dele um defensor das causas de seu grupo. Essas manifestações de desaprovação com relação às alterações no sistema escolar, relacionadas à “liberdade” de ensino de sua região, caracterizam ainda mais suas ações como estando vinculadas à defesa da iniciativa privada.

Em síntese, percebe-se que os discursos de Barth possuem implicações com várias características socioculturais importantes para seu grupo. Em outras palavras, objetivando estabelecer uma política consensual no que se refere ao projeto de colonização desta região, o que reverteria também em prestígio pessoal, Barth procura integrar em seus discursos elementos valorizados pela sua comunidade e que possuíam significativa inserção junto às diversas instâncias da organização deste espaço,

⁵⁹ GIRARDET, Raoul. Op. cit., p.80.

⁶⁰ BARTH, Willy. Doc. 4, p. 06.

principalmente aquelas relacionadas à religião, ao trabalho, à educação, à economia e à política.

Após a apresentação de alguns aspectos da pesquisa, busca-se, no capítulo que segue, mostrar como estas práticas possuem continuidade na organização sociocultural deste espaço. Sendo assim, a análise prossegue através do enfoque das ações de Barth, a partir de narrativas que descrevem momentos de sua atuação, tanto anteriores quanto posteriores à sua morte, procurando retratar, então, os significados das práticas deste personagem junto ao seu grupo e a gradual constituição deste mito político.

CAPÍTULO III - MEMÓRIAS QUE LEMBRAM WILLY BARTH

*O mytho é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mytho brilhante e mudo –
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.*

Fernando Pessoa⁷

Neste capítulo pretende-se analisar, a partir de uma tipologia diversificada de narrativas (fontes orais e impressas)¹ que se relacionam ao Oeste paranaense, as repercussões que as práticas de Willy Barth tiveram junto à sua comunidade, objetivando, desta forma, examinar matizes variegadas do processo de constituição de um mito nesta região, visualizado através da observação de diversos aspectos que circulam em torno deste personagem. Com tal abordagem busca-se apresentar a estética dos discursos sobre Barth, objetivando racionalizar esse diálogo, tendo em vista a simbologia que integra essas memórias.

⁷ PESSOA, Fernando, *Eu profundo e os outros eus*, 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1978, p.46.

¹ Torna-se necessário ressaltar que as fontes orais integram entrevistas de pessoas contemporâneas a Willy Barth, lembrando que o mesmo faleceu em 1962, aos 55 anos. Outro importante aspecto a ser enfatizado é o fato de que estes entrevistados integram as mais variadas faces sociais de seu grupo, sendo que desenvolviam atividades políticas, comerciais, domésticas, agrárias, entre outras, durante este período. Já as fontes impressas estão relacionadas tanto à contemporaneidade de Barth como também surgem nos anos posteriores à sua morte.

3.1 Da morte nascem os heróis míticos

A morte é um dos elementos fundamentais que marcam a memória coletiva devido ao fato de alimentar a presença de personagens míticos junto a determinados grupos sociais, principalmente quando estes personagens morrem no ápice de suas carreiras, ou seja, quando morrem no auge de sua atuação pública. Tal aspecto pode ser visualizado nas circunstâncias que cercam a morte de Willy Barth: quando de seu falecimento, o mesmo ocupava funções expressivas no que se refere às comunidades que ocupavam o extremo Oeste paranaense.

Essas funções expressivas adquirem maior concretude a partir da descrição das atividades exercidas por Barth encontradas na obra *Toledo e sua história*, organizada por Oscar Silva, na qual o autor enfatiza que tal personagem "moveu-se qual um pistom entre o escritório da Maripá e o gabinete da Prefeitura. Como se isso lhe parecesse pouco, nos primeiros meses de 1962, lá estava ele já trabalhando numa terceira frente, em campanha para suplente de senador".²

Esta descrição revela a importância da posição política ocupada por Willy Barth na região, pois atuava simultaneamente em três "frentes" (diretor da Maripá; prefeito do Município de Toledo; e ainda encontrava-se em plena campanha a uma cadeira no Senado). Estas diferentes funções mostram a liderança assumida por Barth junto ao seu grupo, pois através destas atividades este personagem mantinha

² SILVA, Oscar [et al]. *Toledo e sua história*. Toledo: Prefeitura Municipal. 1988, pp. 332-333 (Documento n. 01).

relações com pessoas que integravam diversas camadas sociais, tanto internamente quanto externamente à sua região, sendo que os cargos que ocupava tinham reflexos comerciais e políticos, o que fazia deste personagem um homem público de considerável expressão regional.

Inserida neste panorama que apresenta as diferentes e importantes funções públicas assumidas por Barth, evidenciando o auge de sua carreira política e empresarial, a narrativa acima referida prossegue através da descrição pormenorizada de sua morte: "a máquina humana cedeu, entrou em pane e o motor parou de vez no dia 2 de abril de 1962, na cidade de Guaraniaçu, onde [Barth] fazia sua campanha eleitoral."³

Além disso, o fato de ter falecido durante o período em que desenvolvia diversas atividades expressivas junto ao seu grupo, faz com que seja identificado como um homem que se ocupava inteiramente dos interesses da comunidade. Tais narrativas manifestam-se com maior intensidade quando da descrição das circunstâncias que envolveram sua morte, pois "tombou morto quando pronunciava um discurso para candidato a suplente de senador pelo Paraná. Até o último instante foi um homem dedicado ao bem público."⁴

Deste modo, as narrativas que descrevem sua morte caracterizam este personagem como um lutador que se encontrava no apogeu de suas funções. Tal característica é evidenciada com maior nitidez quando considerada a carta de consolo que a família Barth recebeu de Adaril Monais (pai do então Ministro da

³ *Idem. ibidem.*

⁴ ARQUIVO Público do Paraná. "Discurso de Lyrio Bartoli na Câmara dos Deputados em Brasília". 12 de junho de 1968 [Dossiê – 0551, CX. 062 – DGPS], p. 19 (Documento n.º 02).

Agricultura Marcos Vinícius Pratini de Monais): "Willy (...) era a figura do lutador sereno, com firme determinação e serena decisão ante os obstáculos e as dificuldades, deixou, pela sua própria vida, o exemplo da coragem e da resistência em face do imprevisto. Sua ação foi sempre um incentivo à perenidade diante do sofrimento e das provocações."⁵

Através destas narrativas percebe-se que a morte de um indivíduo com relevante expressão pública junto ao seu grupo pode propiciar um processo de heroicização do mesmo, pois sua morte comporta traços dignos de permanecer na memória das pessoas. Com relação à Willy Barth, estes traços podem ser expressos da seguinte maneira: Barth morre jovem, em pleno auge de suas atividades e em circunstâncias trágicas. Neste sentido, Olgária C. F. Matos diz que existe um modo heróico de morrer: "aquele que se dá em combate, na flor da idade – a vida breve."⁶

Desta maneira, morrer jovem, lutando e de forma trágica são aspectos que vão ao encontro das circunstâncias que cercam o falecimento de Barth, o que pode causar uma comoção pública, perceptíveis nas memórias que ressaltam tal momento. De acordo com Wilson C. Kuhn, advogado da MARIPÁ durante o período inicial da colonização,

lamentavelmente (...) Willy Barth, depois de ser alvo de consagrada manifestação e homenagem, veio a falecer em Guaraniaçu, vítima de uma síncope cardíaca. Seu corpo foi velado por milhares de pessoas na cidade de Toledo e transportado para Caxias do Sul, onde foi enterrado, por decisão de seus familiares. O enterro de Willy Barth foi uma consagração pública. Willy Barth foi inegavelmente o maior de todos os homens do Oeste do Paraná.⁷

⁵ MONAIS, Adaril. *Carta enviada à Família Barth*. Toledo: Museu Histórico Willy Barth. 1962 (Documento n.º 03).

⁶ MATOS, Olgária C. F. "Construção e desaparecimento do herói: uma questão de identidade nacional". *Tempo Social* [São Paulo], 6 (1-2), 1994, p. 84.

⁷ KUHN, Wilson Carlos. *Biografia de Willy Barth*. Toledo: Museu Histórico Willy Barth. Mimeo. 1978, p. 05 (Documento n.º 04).

Tal comoção pública pode ser identificada também nos depoimentos de pessoas que participaram do velório. Segundo Osvaldo H. Neugebauer, “foi feita uma missa ecumênica, porque tinha muita gente de todo lugar. Talvez [esta tenha sido] a primeira missa ecumênica, de tanta gente que tinha.”⁸ Desta forma, a partir das narrativas que retratam o comparecimento das pessoas ao velório de Willy Barth, percebe-se as dimensões e valores que envolviam este homem público.

Tendo em vista que seu velório foi uma “consagração pública”, devido à numerosa participação da comunidade, houve a necessidade de integrar as diferentes religiões através de uma missa ecumênica. Percebe-se, assim, similitudes com as práticas de Barth, pois o mesmo objetivava evitar os possíveis atritos entre as diferentes religiões. Desta maneira, a comunidade assume valores característicos da postura religiosa adotada por Barth, na medida em que a missa ecumênica apresenta-se como forma de harmonização entre as pessoas deste espaço.

Como visto anteriormente, um aspecto que colabora para a constituição de determinados indivíduos em heróis, é o fato de morrer em meio à atividades que se relacionam com considerável parcela da comunidade. Este fato faz de sua morte um grande evento público porque marca sua passagem pela comunidade. Desta maneira, Barth é identificado como o homem que morre lutando pelo seu povo e sua terra em diversas narrativas que abordam tais circunstâncias, a exemplo do que diz Wilson C. Kuhn: “Crendo em Deus, como senhor de todas as causas e de todos os seres, acreditando firmemente na democracia, como regime político ideal, Willy Barth foi também um operário-profeta da grandeza do Oeste paranaense, a quem

⁸ NEUGEBAUER, Osvaldo H. *Entrevista*. Toledo, fevereiro de 1999 (Documento n.º 05).

tanto amou. Grande parte de sua vida foi dedicada ao Oeste do Paraná e a sua própria morte foi uma oferenda à destinação histórica e fatalista da região oestina.”⁹

Novamente percebe-se as características de Barth que tiveram impacto sobre a comunidade: homem religioso e democrático que, lutando pela sua região, “oferece sua vida” como forma de demonstrar seu amor pela região do Oeste paranaense.

Este diálogo envolvendo a morte de Barth vai ao encontro das discussões apresentadas por Jean-Pierre Vernant quando afirma que “morrer é uma bela coisa (...) quando se cai na primeira linha como homem de coragem; é preciso ainda que seja defendendo a terra da pátria; é sob esta condição que a glória do defunto permanece imorredoura e, o herói, imortal.”¹⁰

Diante destas observações que caracterizam a “morte pela terra” como uma qualidade importante no que se refere a determinados heróis míticos, no caso de Barth esta qualidade é evidenciada quando exemplificada por várias narrativas que manifestam-se através da descrição de seu falecimento como sendo um ato de coragem, através do qual Barth oferece sua vida pela região, tal como o trecho da carta enviada por empresários argentinos à família Barth: “El Senõr Willy ha desaparecido en su ley de trabajo. Es una victima sacrificada por su devoción a la noble tarea del progreso del Oeste y de su patria. Los esfuerzos de los ultimos quince años de su vida los ha dedicado a hacer el bien y ayudar a su alrededor.”¹¹

⁹ KUHN, Wilson C. Op. cit., p.01 (Doc. n.º 04).

¹⁰ VERNANT, Jean-Pierre. “A bela morte e o cadáver ultrajado”. *Revista Discurso* [São Paulo] n. 9, nov./1978, p. 50.

¹¹ CARTA enviada por empresários de Buenos Aires à família Barth. Toledo: Museu Histórico Willy Barth, 1962, p. 02 (Documento n.º 06).

A morte como oferenda à região pode ser identificada também nos relatos dos colonos. Segundo Osvaldo H. Neugebauer, "Dona Diva¹² ficou braba quando ele [Barth] morreu porque (...) tinha se sacrificado por Toledo."¹³ Em outro relato encontra-se a seguinte expressão: "Era um homem que se sacrificou pra isso aí í prá frente."¹⁴ Além disso, os jornais da região expressam-se da seguinte forma na homenagem proferida por ocasião de sua morte: "O amor a Toledo matou-o."¹⁵

Portanto, a morte de Barth é associada à sua luta pelo progresso do Oeste do Paraná, devido às varias atribuições a ele confiadas que, por possuírem redes de relações socioculturais expressivas, faziam deste personagem uma figura que agregava sentimentos coletivos, devido ao próprio momento pelo qual passava a região, encontrando-se no início de sua estruturação econômica e política.

Assim, as circunstâncias de heroicização de determinados personagens tendem a estar imbricadas a períodos bastante peculiares: quando morrem homens públicos de elevado destaque em determinado contexto – como, no presente estudo, em meio a um processo de ocupação colonizadora – as pessoas sentem-se desnorteadas, tendo então não apenas uma perda significativa para os familiares, mas também para todos os membros da comunidade na qual atuavam. Esse aspecto é referenciado com maior nitidez novamente na carta enviada para a família Barth por empresários de Buenos Aires: "La tragica noticia nos ha tomado a todos tan desprevenidos que las palabras son pocas para decir la irreparable pérdida

¹² "Doña Diva" é a viúva de Willy Barth, Diva Paim Barth, que reside atualmente na cidade de Toledo.

¹³ NEUGEBAUER, Osvaldo H. Op. cit. (Doc. n.º 05).

¹⁴ LAMBERTY, Alberto A. *Entrevista*. Marechal Cândido Rondon, fevereiro de 1999 (Documento n.º 07).

¹⁵ A VOZ DO OESTE (Jornal). Toledo, n. 67, ano IV, 25 de julho de 1971. Toledo: Museu Histórico Willy Barth. (Documento n.º 08).

sufrida por su familia, por Maripá y por el Oeste.”¹⁶ Daí a necessidade da referência à figura do líder para guiar os passos dos membros da comunidade.

Deste modo, as circunstâncias trágicas da morte do líder geram reações junto aos sentimentos coletivos. Como exemplo destas manifestações, cita-se a seguinte narrativa: “O PREFEITO MUNICIPAL DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON, Estado do Paraná, no uso de suas atribuições, DECRETA TRÊS DIAS de luto oficial em todo o Município de Marechal Cândido Rondon, em homenagem da perda irreparável do grande brasileiro, colonizador, amigo e benfeitor de Marechal Cândido Rondon, senhor Willy Barth.”¹⁷

Ainda com relação às manifestações do seu grupo, apresenta-se também um depoimento significativo de um dos membros da comunidade que expressa a perda irreparável advinda da morte de Barth:

Trouxeram o corpo. Foi um choque prá todo mundo essa notícia do falecimento. Foi feita missa de corpo presente, juntô muita gente, (...) fui convidado [pra] fazê uso da palavra. Falei sobre a vida de Willy Barth, sobre a pessoa de Willy Barth (...) a população sentiu muito um vazio (...) e não havia naquele tempo um substituto igual a 'Seu' Willy (...) Ninguém tinha capacidade de atendê a contento como 'Seu' Willy Barth fazia. Então, foi uma falta tremenda prá nossa região. Eu nunca me esqueço... 'Seu' Willy gostava muito de Marechal Rondon. (...) Ele sempre dizia pra mim: 'Olha, Rondon é a menina dos meus olhos'. Ele gostava muito daqui.¹⁸

Como se pode notar, tal acontecimento abala o grupo, devido ao fato das pessoas depositarem suas esperanças em personalidades, tais como a de Barth, que servem como referência principal para os membros desse espaço. Em outro trecho do mesmo depoimento aparece novamente a alusão ao papel de líder exercido por Barth na estruturação da ocupação do Oeste paranaense: “Numa

¹⁶ CARTA enviada por empresários de Buenos Aires à família Barth. Op. cit., p. 01 (Doc. n.º 06).

¹⁷ LAMB. Arlindo A. *Decreto Municipal*. Prefeitura Municipal de Mal. C. Rondon, 1962 (Documento n.º 09).

¹⁸ *Idem*.

época em que tudo estava difícil aqui (...). O senhor chegá e deitá numa cama é muito fácil, mas o senhor fazer primeiro essa cama é muito difícil, como ele fez. Ele colaborô em tudo”.¹⁹

Sendo assim, como já foi abordado no capítulo anterior, os momentos críticos são circunstâncias significativas que colaboram para que determinados sujeitos adquiram expressão coletiva. Contudo, quando estes momentos críticos coincidem com a morte desses sujeitos, sua vida pode ultrapassar o estado físico e biológico, tornando-se, desta forma, um importante fragmento da memória coletiva, podendo revelar-se como heróis míticos.

Assim, a morte de tal personagem possui diferentes dimensões, atingindo um estágio que ultrapassa o seu sentido físico, pois:

a verdadeira morte é o esquecimento, o silêncio, a obscura indignidade, a ausência de fama. Ao contrário, existir é – esteja-se vivo ou morto – ser reconhecido, estimado, honrado; é sobretudo ser glorificado: ser objeto de uma palavra de louvor, de uma narrativa que conta, sob a forma de uma gesta, retomada e repetida sem cessar, um destino por todos admirado. Neste sentido, pela glória que ele soube conquistar devotando sua vida ao combate, o herói inscreve na memória coletiva do grupo sua realidade de sujeito individual, exprimindo-se numa biografia que a morte concluiu e tornou inalterável. Pelo canto público dos feitos a que ele se deu por inteiro, o herói continua, além do traspasso, presente, a seu modo, na comunidade dos vivos.²⁰

Como pode ser identificado nas diversas memórias que se relacionam à constituição do mito do Oeste paranaense, o herói mítico é então aquele que supera a condição humana através de sua glorificação, ancorada em elementos relacionados tanto ao mundo sagrado como ao mundo profano, o que faz com que as narrativas que se referem ao mesmo sobressaiam-se às demais.

¹⁹ *Idem.*

²⁰ VERNANT, Jean-Pierre. Op. cit., p. 41.

Neste sentido, assim se manifestam membros da comunidade: "Nossa, prá nós, era Deus no Céu e o Willy Barth na terra".²¹ Além desta, em outra narrativa que faz referência à vida gloriosa de Barth, aparecem os seguintes dizeres:

A história, disse alguém, é dos ousados. E ela ainda não fôra escrita, no oeste paranaense. Um bárbaro descendente teuto, filho de Santa Cruz, um pouco de alemão e um tanto de caboclo, fazia nascer, então (...) São Miguel do Oeste, hoje jóia do Oeste catarinense. Era um homem. Era um guerreiro. Os fados – outros dirão, a Providência – trouxeram-no para a vila de Cristo Rei²². Surgiu, então, a figura dominadora e altiva, autêntica imagem de confiança. Surgiu, então, Willy Barth, meio homem, meio Deus.²³

A partir destas falas percebe-se a amplitude do imaginário sociocultural que envolve esta personalidade, que, após a sua morte, passa por um processo de glorificação, sendo caracterizado como "meio homem, meio Deus", o que evidencia a inserção adquirida por Barth junto à memória de seu grupo.

Esta exaltação quando de sua morte está amparada por uma rede complexa de manifestações sociais, culturais, econômicas, religiosas e políticas que asseguram a permanência das ações de Willy Barth no imaginário coletivo da comunidade do Oeste do Paraná. A partir da análise das narrativas, percebe-se que para determinados personagens a morte é mais do que uma passagem do estado físico para outro, pois estes permanecem vivos na memória do grupo. Como diz o senhor Alberto Lamberty "[Willy Barth] morre, mais fica no meio do povo".²⁴

Diante desse quadro, torna-se pertinente apresentar novamente algumas das discussões referenciadas por Jean-Pierre Vernant, quando enfatiza que "ultrapassando as honras corriqueiras, as dignidades de posição, efêmeras e

²¹ SCHROEDER, Volnei. *Entrevista*. Marechal Cândido Rondon, fevereiro de 1999 (Documento n.º 10).

²² Primeira designação do núcleo de colonização que deu origem à cidade de Toledo.

²³ A VOZ DO OESTE (Jornal). Op. cit., 25 de julho de 1971 (Doc. n.º 08).

²⁴ LAMBERTY, Alberto A. Op. cit. (Doc. n.º 07).

relativas, (...) a honra heróica pressupõe a existência de uma tradição (...), repositório da cultura comum, que funciona para o grupo como memória social”.²⁵

Desta forma, a morte desse personagem é narrada por várias falas como um acontecimento repleto de glórias, pois Barth luta até o último momento frente ao seu destino. Como se percebe com maior evidência em outro importante fragmento de jornal: “Para consôlo de sua viúva, Da. Diva Paim Barth, dama estóica, que renunciou à vida do espôso em favor da terra toledana, foi dito a ela que Willy Barth morreria ‘como um passarinho’. Foi uma piedosa mentira da história. É preciso retificá-la. Willy Barth morreu, urrando de dor. O guerreiro, que não queria e não podia morrer, enfrentava, aos berros, a Morte, que não temia. E o povo chorou-o”.²⁶

Estas manifestações mostram como o “herói do Oeste paranaense” está cercado por discursos que o relembram como uma das pessoas marcantes no processo de ocupação deste espaço. Além disso, as circunstâncias de sua morte estão compostas de lembranças que visualizam este momento como um sofrimento de “guerreiros”. Em outras palavras, daqueles que lutam contra sua morte, mas, ao mesmo tempo, que não a temem. Neste sentido, Jean-Pierre Vernant enfatiza que

ultrapassa-se a morte acolhendo-a (...) tornando-a a aposta constante de uma vida que toma, assim, valor exemplar e que os homens celebrarão como um modelo de “glória imorredoura”. O que o herói perde em honras prestadas à sua pessoa viva, ao renunciar à longa vida para escolher a pronta morte, ele o torna a ganhar cem vezes mais na glória de que fica aureolada, por todos os tempos vindouros, sua personagem de defunto.²⁷

Desta forma, a morte de Barth é descrita de forma heroicizada, o que faz com que sua imagem passe a ser referenciada como um exemplo de coragem,

²⁵ VERNANT, Jean-Pierre. Op. cit., p. 41.

²⁶ A VOZ DO OESTE (Jornal). Op. cit., 25 de julho de 1971 (Doc. n.º 08).

²⁷ VERNANT, Jean-Pierre. Op. cit., pp. 40-41.

permanecendo como lembrança expressiva e adquirindo muitas vezes uma dimensão nostálgica por ser considerada uma perda irreparável para o grupo.

Diante destas considerações, as manifestações de membros da família Von Braughter são relevantes por expressarem a atitude nostálgica diante da rememoração de elementos ligados à vida de Barth: "O homem era muito dado, muito dado, minha nossa! Eu sempre falo: pessoa boa, Deus carrega logo pro cemitério e o ruim fica estrovando por aí. Esse homem, minha nossa! Olha... tenho muitas lembrança dele. Esse homem, barbaridade, foi uma [neste momento da fala, o entrevistado começa a chorar] Foi uma coisa boa."²⁸

Desta forma, a nostalgia encontrada nas narrativas está relacionada à caracterização do período de convivência com Willy Barth como sendo um período que, apesar das extremas dificuldades enfrentadas, foi a melhor época da colonização pois a presença de Barth é identificada como o líder que guia seu grupo. Este período de ouro pode ser evidenciado quando observa-se as seguintes falas: "A época de Willy Barth deixa saudades (...), foi o melhor período que teve."²⁹ Além deste, outro depoimento caracteriza a importância de Barth na região: "Nunca mais ninguém vai marcar época nessa região como o senhor Willy Barth."³⁰

Em outras citações, estas narrativas revelam um tom poético, caracterizando ainda mais esse personagem como lembrança que se mostra enquanto momento de luta e que, com sua morte, transcende a vida física, por estar relacionada a um período que se identifica com o "Jardim do Éden".

Neste contexto, apresenta-se a narrativa a seguir, retirada de um artigo publicado em um jornal da região:

²⁸ VON BRAUGHTER (Família). *Entrevista*. Marechal Cândido Rondon, fevereiro de 1999 (Documento n.º 11).

²⁹ PETER. Neusa. *Entrevista*. Marechal Cândido Rondon, fevereiro de 1999 (Documento n.º 12).

Às vezes, um homem caminha intranquilo, em meio às madrugadas escuras, pelas ruas da cidade ou pelas estradas do interior. Parece não saber aonde vai; por isso, caminha mais ainda do que aqueles que sabem aonde vão. Envolto em longa capa espanhola, não pára de caminhar. Sobrancelhas cerradas, mas feições suaves. Rápido no caminhar, embora levemente obeso. Cabelos grisalhos, olhar penetrante. Às vezes, pára à beira da estrada e inicia conversa com o colono, que tanto amou, e com os vivos, que parecem não escutá-lo: 'Escuta tchê!' É um morto. Um morto, que caminha. É Willy Barth. E quando a noite é silenciosa, uma voz gigante se eleva na solidão noturna. Percorre vales e matas, atravessa a parede das casas, acorda velhos soldados, conclama os jovens e incendeia os corações. E as mesmas palavras, que clamava em vida, ressurgem da bôca do Guerreiro Morto: 'Eu creio em Deus!' 'Eu creio na Democracia!' 'Eu creio no futuro de liderança do oeste paranaense!'"³¹

Bastante significativo, este texto contribui para a mitificação deste personagem pois apresenta a continuidade das palavras do "Guerreiro Morto". Assim, o mito prossegue, à seu modo, na comunidade dos vivos. Esta característica possibilita analisar a dimensão normatizadora das práticas discursivas que se referem a Willy Barth: tais práticas, ao encontrarem solo fértil em seu grupo social, auxiliam na permanência de valores prestigiados por este personagem mítico, tais como religiosidade, democracia e futuro promissor, e assim, "ultrapassando o medo da morte, por seus atos, o herói substitui compensatoriamente o medo. Liberta-se da ansiedade da separação e do medo da morte pela repetição de feitos arriscados, tendo sua garantia de sobrevivência fundada numa 'fantasia de renascimento e de invulnerabilidade'".³²

Neste sentido é que as narrativas sobre Bath apresentam elementos representativos que o caracterizam como um mito, pois suas ações são vistas como atos "invulneráveis", que transcendem à matéria: "às vezes, pára a beira da estrada e inicia conversa com o colono, que tanto amou, e com os vivos que parecem não escutá-lo: 'escuta tchê!'. É um morto, que caminha. É Willy Barth".

³⁰ VON BRAUGHTER (Família). Op. cit. (Doc. n.º 11).

³¹ A VOZ DO OESTE (Jornal). Op. cit. (Doc. n.º 08).

Além disso, a narrativa citada expressa importantes fragmentos que contribuem para sua sobrevivência: o direcionamento do diálogo pós-morte visa alcançar respaldo através da referência ao colono (gaúcho), caracterizando, por sua vez, uma identificação entre Willy Barth e a comunidade.

Tal narrativa mostra que as práticas discursivas de Barth tiveram um impacto considerável junto ao seu grupo: percebe-se que as imagens que cercam esse personagem alcançaram dimensões que extrapolam sua vida física, pois “quando a noite é silenciosa, uma voz gigante se eleva na solidão noturna. Percorre vales e matas, atravessa a parede das casas”.

Assim, através dessas narrativas ufanistas, o nome de Willy Barth alcança dimensões que apontam para a inserção de suas ações junto ao seu grupo na medida em que “acorda velhos soldados, conclama os jovens e incendeia os corações” e incorpora elementos bastante recorrentes em seus discursos, tendo em vista que “as mesmas palavras, que clamava em vida, ressurgem da boca do Guerreiro Morto: ‘Eu creio em Deus!’ Eu creio na Democracia!’ Eu creio no futuro de liderança do oeste paranaense!’”. Tal observação torna-se relevante quando consideradas as observações de Michel de Certeau, pois “falar dos mortos é também negar a morte e, quase, desafiá-la”.³³ A partir destas observações, objetiva-se mostrar que as diversas narrativas que ressaltam a morte de Barth, tendem “a negar e a desafiar” a mesma, o que o torna um “morto-vivo” entre o seu grupo, ocupando espaço na produção de ações no mundo dos vivos. Por tal característica distintiva, Barth apresenta-se como um indivíduo que permanece junto às lembranças que integram as memórias de seu espaço.

³² MATOS, Olgária C. M. Op. cit., p.85.

³³ CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 57.

Ainda, neste sentido, Michel de Certeau, ao relacionar história e linguagem, diz: "Esta é a história. Um jogo da vida e da morte prossegue no calmo desdobramento de um relato, ressurgência e denegação da origem, desvelamento de um passado morto e resultado de uma prática presente. Ela reitera, um regime diferente, os mitos que se constroem sobre (...) uma morte (...) e que fazem da linguagem o vestígio sempre remanescente de um começo tão impossível de reencontrar quanto de esquecer."³⁴

A partir destas considerações, a permanência *post-mortem* das ações de Barth junto à memória de seu grupo pode ser percebida através da alusão constante às características que fazem dele a referência principal no processo de ocupação desta região: "Os anos hão de passar. Mas, a memória do povo jamais o esquecerá: a figura do lidador intemorato, o líder extraordinário, do homem bom e notável, que foi Willy Barth, o verdadeiro e primeiro construtor da civilização do Oeste do Paraná."³⁵

Esta permanência torna-se mais evidente quando apresentada através das homenagens póstumas à Willy Barth encontradas nas cartas dos prefeitos das cidades de Marechal Cândido Rondon e Toledo que retratam o sentimento de luto vivido por estas comunidades:

Tendo em vista a passagem da data, em que faz exatamente um ano, que MARECHAL CÂNDIDO RONDON, ou melhor dizendo, que o Oeste do Paraná perdeu um dos seus maiores benfeitores, na pessoa do senhor WILLY BARTH, cumpre-me por dever e justiça, dirigir esta mensagem aos prezados munícipes, lembrando essa perda irreparável. Foi no dia 2 de abril do ano passado, que recebemos a melancólica notícia do falecimento daquela inesquecível figura. Sirvo-me da presente oportunidade, para solicitar ao comércio e indústria do nosso município, cerrarem as suas atividades, hoje na parte da tarde, em memória do passamento do grande brasileiro, colonizador, benfeitor e amigo que foi Willy Barth.³⁶

³⁴ *Idem; ibidem.*

³⁵ KUH, Wilson C. Op. cit., p. 05 (Doc. n.º 04).

³⁶ LAMB, Arlindo A. *Mensagem dirigida ao povo de Marechal Cândido Rondon*. Prefeitura Municipal. 1963 (Documento n.º 13).

Além da manifestação rondonense, a cidade de Toledo também presta sua homenagem, seis anos após a morte de Barth, através do envio de carta à D. Diva (viúva de Barth), então residindo em Caxias do Sul - RS: "No transcurso de mais um aniversário do falecimento do saudoso e eminente homem público, Willy Barth, a Municipalidade de Toledo dirige-se a V. Ex^a, prestando-lhe a mais sentida homenagem, assim como o mais justo preito de gratidão à memória daquele autêntico líder do oeste paranaense".³⁷

Aspecto recorrente nestas homenagens é a ênfase dada ao dia da morte de Barth, pois "o dia 2 de abril representará, sempre um dia de dor e de luto na história de Toledo. Todavia, a vida de Willy Barth, dedicada inteiramente à causa pública e ao desenvolvimento da região oestina, servirá, através dos tempos, como exemplo a todos os toledenses".³⁸

Ainda nesta mesma narrativa, como visto anteriormente, percebe-se a exaltação da figura do líder exemplar que norteia os passos das gerações futuras: "Revenciamos, neste momento, a pessoa de V. Ex^a, de quem o progresso e o desenvolvimento de Toledo exigiram a vida de Willy Barth. E quando, em meio às incompreensões dos homens nos assaltarem as vicissitudes da vida, lembremos a figura de Willy Barth, pródigo de amor à terra toledana, e sobretudo a seus semelhantes, sem qualquer distinção."³⁹

Assim, percebe-se que a permanência dos sonhos e dos devaneios ligados à figura de Barth, constituiu-se como um dos aspectos decisivos para a continuidade

³⁷ PUDELL, Egon. *Carta do 6º Aniversário do falecimento de Barth*. Toledo: Museu Histórico Willy Barth, 1969 (Documento n.º 14).

³⁸ *Idem*.

³⁹ *Idem*.

póstuma de sua vida. Em outros termos, as memórias sobre Barth levam à transcendência da dimensão física de sua existência, fazendo com que esta se insira no imaginário de sua comunidade através da integração de sentimentos marcantes por parte das pessoas com as quais se relacionou.

Desta forma, as narrativas supracitadas adquirem maior significado quando relacionadas ao papel normatizador do herói mí(s)tico, pois "à maioria dos heróis está reservado um triste destino. Ao saltar de seu tempo, além da consagração póstuma, os heróis são condenados a trabalhar sempre e a dedicar sua vida (ou sua morte) para que 'os homens' sejam salvos de alguma coisa, (...) transformando-se numa espécie de morto-vivo, empregado para a força simbólica de seu grupo."⁴⁰

Neste sentido, estas discussões mostram que as narrativas que alimentam a imortalidade de Barth, transformam-no em um "morto-vivo", alcançando tais dimensões através da integração de imagens discursivas relacionadas tanto ao universo físico quanto ao espiritual, o que possibilita, por sua vez, a mitificação deste personagem.

Para concluir o diálogo em torno da morte de Willy Barth, tornam-se enriquecedoras as seguintes considerações de Jean-Pierre Vernant, quando enfatiza que com a morte

o indivíduo desapareceu então da rede das relações sociais em que a sua existência constituía uma malha; desse ponto de vista, ele é doravante uma ausência; um vazio; mas continua a existir num outro plano, numa forma de ser que escapa à usura do tempo e à destruição. Ele existe pela permanência de seu nome e pelo brilho de sua fama, que persistem presentes não só na memória daqueles que o conheceram em vida, mas também para todos os homens vindouros.⁴¹

A permanência do nome de Barth e o brilho de sua fama tornam-se fundamentais para o presente estudo, na medida em que as diferentes memórias

⁴⁰ MICELI, Paulo. *O mito do herói nacional*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1994, p. 12.

que integram as comunidades do Oeste paranaense identificam-no como o “pai da região”, como será analisado no próximo item.

3.2 O grande pai carismático

Diante do debate que designa Willy Barth como sendo “o pai do Oeste paranaense”, além de corroborar na identificação de suas características míticas, pretende-se mostrar que seu carisma pessoal teve um papel relevante junto às diferentes memórias que ressaltam aspectos de sua atuação.

Assim, após a morte desse personagem, a comunidade sentiu-se “órfã”, pois perdera não apenas um membro desse espaço mas o pai que deixou seus filhos desamparados: “No dia que ele moreu (...) foi muito triste prá nós (...) De repente veio a notícia: ‘O nosso paizinho moreu! O nosso paizinho moreu’. Eu sei que todo mundo começô a chorá, meu pai, minha mãe, meu irmão, Rondon, enfim, todo mundo.”⁴²

Em outros depoimentos a morte de Barth também é caracterizada como a morte do pai, como ocorre no relato da família Von Braughter quando recorda o fato: “Quando ele moreu, minha nossa. Ficô um troço que Deus me livre! Ficamo abandonado, como se diz. Moreu como o pai da família, a comunidade perdeu o pai, né (...) Se ele tivesse com nós hoje, o Oeste do Paraná era outra coisa.”⁴³

Assim sendo, de acordo com as narrativas, Barth é identificado pela comunidade como pai. Contudo, essa qualidade não é conferida a ele apenas pela

⁴¹ VERNANT, Jean-Pierre. Op. cit., p. 55.

importância de suas funções empresariais e políticas, mas sim pela dimensão carismática com que desempenhou estas funções. Este carisma gerou um prestígio pessoal significativo que agregava as pessoas, sendo que Willy Barth passou a ser a principal referência na organização das atividades relacionadas ao processo de ocupação deste espaço.

Neste contexto, é importante lembrar que a política paternalista possuía fortes reflexos no Brasil, pois faziam poucos anos que havia sido “encerrada” a Era Vargas que buscava agradar as diversas faces sociais do país através de ações políticas que, apesar dos traços autoritários, contavam com o respaldo da opinião pública, sustentado pela ênfase dada às medidas populistas instauradas por Getúlio Vargas – “pai dos pobres e mãe dos ricos”. Tal prática política estabeleceu relações com as comunidades brasileiras, sendo evidentes as características paternais que, no caso do Oeste paranaense, são bastante nítidas, tendo em vista a forma de atuação de Barth e como este é lembrado pela sua comunidade.⁴⁴

Portando, o carisma pessoal de Barth é um dos elementos que contribuem para que o mesmo assuma uma posição de liderança junto ao seu grupo social. Tal aspecto é enfatizado por Reinhard Bendix da seguinte maneira:

Como a liderança carismática ocorre com mais freqüência nas emergências, é associada com uma excitação coletiva com a qual as massas reagem a alguma experiência extraordinária e em virtude da qual elas se rendem a um líder heróico (...). Ele domina os homens em virtude de qualidades inacessíveis a outros(...). As pessoas se rendem a líderes porque se deixam levar por uma crença nas manifestações que os autenticam.⁴⁵

⁴² PETER, Neusa. Op. cit. (Doc. n.º 12).

⁴³ VON BRAU GHTER (Família). Op. cit. (Doc. n.º 11).

⁴⁴ Ver: WOLF, Joel. “‘Pai dos Pobres’ ou ‘Mãe dos Ricos’? Getúlio Vargas, industriários e construções de classe, sexo e populismo em São Paulo, 1930-1954”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol. 14, n.º 27, [1994]: 27-60; LINHARES, Maria Y. (Org.). *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

Seguindo as reflexões de Bendix, através das quais o autor conceitua as atuações do líder carismático, podem ser apontados aspectos semelhantes nas narrativas que recordam as ações de Barth, pois este é apresentado enquanto uma expressiva liderança durante o processo de colonização deste espaço, assumindo uma postura desafiadora em seu meio e envolvendo as comunidades locais que se encontravam aflitas e apreensivas ao se depararem com as dificuldades decorrentes da ocupação desse novo espaço sociocultural, visando solucionar os problemas encontrados no seu cotidiano.

Tal aspecto é evidenciado nas falas que recordam a atuação de Barth nessa região, através das palavras de Neusa Peter: "Ele era tudo aqui. Era o primeiro médico, o primeiro farmacêutico, dentista. Ele era tudo aqui (...). Ele tinha solução pros problemas (...) Ele não falhava com ninguém (...) Ele mesmo ia pro meio do mato."⁴⁶

Nesta fala percebe-se que a atuação desse personagem supera os encargos advindos da posição ocupada pelo mesmo, tanto como político quanto como empresário pois assume funções que ultrapassam o âmbito institucional. No entanto, o carisma deste personagem pode ser explicado através da situação sociocultural à qual seu grupo estava submetido, ou seja, as circunstâncias adversas que envolvem a comunidade fazem com que surjam agentes que assumem a "paternidade" do grupo. Tal aspecto é identificado na seguinte narrativa: "Na obra colonizadora desempenhou um papel nitidamente paternalista: recebia os novos colonos de braços abertos, mostrava-lhes as terras, acompanhava-os durante

⁴⁵ BENDIX, Reinhard. *Max Weber, um perfil intelectual*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1986, p. 238.

⁴⁶ PETER, Neusa. Op. cit. (Doc. n.º 12).

o dia e, à noite, cantava com eles para afugentar o cansaço e a tristeza da saudade."⁴⁷

Diante disto, percebe-se que o entusiasmo oriundo da liderança carismática está relacionado com momentos críticos, pois a ocupação do Oeste paranaense – espaço que até então praticamente não tinha sido tocado pelo homem – se deu em meio a uma série de adversidades. Estas circunstâncias tornavam necessárias as ações que incentivassem a continuidade da dedicação da comunidade em torno do projeto de colonização.

O que mostra que Barth, sabendo das dificuldades pelas quais as pessoas iriam passar neste espaço – devido à experiência adquirida com projetos de colonização – utilizava-se de práticas através das quais os problemas oriundos da organização deste grupo tornavam-se elementos que contribuíam para orientar sua posição de liderança, pois quando das dificuldades, apresenta-se como alternativa viável e acessível para a solução dos problemas.

Percebe-se então que este papel de líder carismático apresenta traços em certa medida ligados ao coronelismo⁴⁸, prática ainda bastante comum no interior do Brasil neste período, onde o coronel é um sujeito que "socorre" sua comunidade: Barth "não falhava com ninguém", o que o aproxima do coronel na medida em que, através do auxílio, cria-se uma dívida a ser paga de diversas maneiras, seja através do voto, seja através do trabalho, ou ainda outras formas que levem ao "acerto de contas".

⁴⁷ SENADO FEDERAL (Projeto de lei). "Da a denominação de 'Willy Barth' à rodovia BR 467". Brasília, 1985. p.01 (Documento n.º 15).

⁴⁸ Para compreender melhor este aspecto político, ver: JANOTTI, Maria de Lourdes M. *O coronelismo: uma política de compromissos*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

Tais ações tornam-se mais evidentes quando considerados os comentários que ilustram a participação de Barth nos eventos que marcaram a ocupação das terras:

O grande colonizador Willy Barth dava esse incentivo porque a vida no sertão era dura, não tinha quase mulher era só homem, por causa do trabalho. Willy Barth dava esse incentivo e mesmo eu e meu irmão – meu irmão era gaiteiro, eu era baterista –, então o Willy Barth as vezes chegava, (...) dizia: 'Olha tchê – usava a expressão tchê, tchê –, vâmo hoje à noite lá em Dez de Maio, (...) tchê, vâmo lá naquele agricultor porque ele que é embora'. Então nós ia lá (...) e o Willy ia lá, festava, brincava com o pessoal. Era aquela pessoa animada (...) então nós questionava ele: 'Seu Willy, por que ela [a pessoa, o agricultor] não pode voltá?' E ele respondia: 'Porque se ela voltá, me estraga a região. Daquele lugar já não vem mais ninguém'. (...) Então ele mantinha aquela amizade, sabe, ele dava tudo, o Willy Barth. Ia saí ali um vilarejo, a gente precisava de madeira prá construí igreja e ele dizia: 'Tchê, quanto voceis precisam?' (...) Ele era um pai, pai, sempre digo, pela habilidade dele, pela maneira que ele era. É por isso que isso aqui é o que é hoje.⁴⁹

Inserido neste contexto, outra fala, agora do pioneiro Osva1 Heinrich, apresenta os seguintes dados com relação às dificuldades enfrentadas na fase de colonização das terras:

O que mais temíamos eram os mosquitos. A solução para enfrentá-los era usar máscaras e fumar 'palheiro'. Um dos filhos da D. Alice chegou a perder todas as unhas dos pés, devido à inflamações causadas pelas picadas dos mosquitos. Derrubamos doze alqueires de mato a machado. Quando estávamos desanimados, sempre recebíamos a visita e o incentivo do saudoso Willy Barth, nosso amigo e companheiro de todas as horas. Apesar das peripécias passadas, dos grandes sofrimentos e sacrifícios, hoje, sinto-me orgulhoso pelo que fiz.⁵⁰

Desta maneira, percebe-se que as narrativas que relatam as práticas de Barth apresentam este personagem como aquele que buscava solucionar os problemas que afligiam o seu grupo nos momentos de crise, utilizando para tanto de seu carisma pessoal para que as pessoas desse meio resistissem às circunstâncias adversas e garantissem assim a continuidade do projeto de colonização.

⁴⁹ SCHROEDER. Volnei. Op. cit. (Doc. n.º 10).

⁵⁰ DÉCADA (Revista trimestral). Ano I, n.º 03. Toledo, 25-07-1974, p.06 (Documento n.º 16).

Visualiza-se, deste modo, que este carisma possuía um tom autoritário ao não permitir o desânimo das pessoas frente às adversidades, mas que, no entanto, aos olhos de seu grupo, não é percebido desta maneira, sendo encarado como "auxílio" bem-vindo.

Neste sentido, o carisma de Barth desempenha um papel significativo ao assegurar a permanência das pessoas nesta região, tendo em vista que o sucesso da colonização dependia das atividades exercidas pelos colonos.

Barth, então, procurava apresentar mecanismos que levassem ao enfrentamento das situações problemáticas. A grande maioria dos colonos encontrava-se numa situação que não oferecia muitas saídas, pois passaram a habitar uma região bastante isolada na qual tinham investido tudo de que dispunham para fazer parte no projeto de colonização. Estas características circunstanciais, facilitavam a administração de Barth, que, através de ações carismáticas, conquistava a confiança das pessoas, pois representava a segurança de seus empreendimentos, o que faz com que seus atos sejam vistos pelas comunidades como grandes obras diante das dificuldades que se apresentavam para aquelas pessoas, carentes de melhores alternativas.

Diante destas considerações, evidenciam-se aspectos que facilitam a compreensão desta liderança, pois

o carisma, significando literalmente 'dom da graça'(...) caracteriza o líder auto-indicado, seguido pelos que estão em desgraça e seguem-no por acreditarem ser ele extraordinariamente dotado. Os fundadores das religiões mundiais e os profetas bem como os heróis militares e políticos, são os arquétipos do líder carismático. Milagres e revelações, feitos heróicos de valor e êxitos surpreendentes são marcas características da sua estatura.⁵¹

⁵¹ WEBER, MAX. *Ensaio de sociologia*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 70.

Apesar de não ter milagres e revelações como “marcas características da sua estatura”, Willy Barth é caracterizado nas narrativas analisadas neste trabalho como sendo autor de “feitos heróicos e êxitos surpreendentes”, de tal forma que os movimentos entusiásticos advindos da atuação deste líder carismático possibilitam a superação de barreiras através do valor que as pessoas depositam em seus atos.

Em outra narrativa aparecem referências ao discurso de Barth, mais especificamente quanto à necessidade da união de esforços para alcançar o progresso de todos:

Ele falava o seguinte: “olha meus amigos – muitas vezes ele dizia meus filhos porque chamavam ele muito de pai – o que nós fizé aqui é prá nós, porque General Rondon tem futuro. Vocês podem crê aqui no que o paizinho tá falando: General Rondon tem futuro só que isso tudo depende de voceis, se voceis não arregaçá as manga de suas camisa igual a mim, General Rondon não vai sê ninguém. General Rondon depende de nós, vocês nunca esqueçam disso e nunca façam as coisas pensando ‘eu tô fazendo prá mim’. Nós tamo fazendo isso prá nós. Porque eu não tô trabalhando prá mim, eu tô trabalhando prá nós e eu quero que todos tenham esse mesmo objetivo”. Isso ele falava e me marcô.⁵²

Nesta fala, como visto, Barth é caracterizado como aquele que se apresenta através de ações que possuem envolvimento coletivo, sendo solidário às dificuldades que o seu grupo enfrenta. Além disso, Barth seria aquele que condena o individualismo, enfatizando a necessidade do engajamento coletivo para o alcance das metas.

Neste sentido, na medida em que são consideradas essas falas de pessoas que vivenciaram as práticas discursivas de Barth, percebe-se que o mesmo se apresenta como um exemplo a ser seguido pelo seu grupo, o que mostra que o carisma deste personagem tem objetivos diversos, entre eles, o de ordenar as atitudes de sua comunidade. Para tanto, utilizava-se de estratégias que visavam

⁵² PETER. Neusa. Op. cit. (Doc. n.º 12).

entusiasmar as pessoas de seu meio, evidenciando assim formas de poder entrelaçadas à ações carismáticas, pois, através do seu carisma pessoal, Barth valorizava os indivíduos que não apresentassem resistência ao modelo proposto. Assim, o líder tem como traços reveladores o fato de que "para cada um daqueles que o segue, ele abre portas até então fechadas, autoriza audácias ainda não expressas, liberta da timidez por muito tempo contida. Impõe-se como um modelo, mas como um modelo singularmente próximo, no qual cada um pode esperar e tentar reconhecer-se."⁵³

Deste modo, quando o grupo tenta reconhecer-se em Barth passa a tê-lo como espelho que reflete os valores a serem prestigiados no cotidiano da comunidade. Sendo assim, Willy Barth é visto como uma pessoa próxima a sua comunidade por ser reconhecido como o pai de todos. Além disso, a presença de Barth na região contagia as comunidades nas quais fazia visitas periódicas. É o que denotam as seguintes declarações: "Quando Willy Barth vinha prá Rondon todo mundo saía correndo ligeiro: 'Mãe! Mãe! Mãe! Willy Barth chegô. O paizinho tá aí. Willy Barth veio'. A gente tinha uma impressão muito boa dele (...). Com o passar dos anos, a gente chegô a amá esse homem como se fosse o pai da gente. A gente sentia saudades dele: 'Nossa, o Willy Barth não aparece mais'".⁵⁴

Desta maneira, o carisma de determinados indivíduos pode vincular-se a um expressivo poder de persuasão, capaz de fazer com que as pessoas depositem a mais profunda confiança nas ações destes personagens, pois, nas palavras de Girardet, tais sujeitos podem "surpreender, comover, cativar e subjugar, capazes mesmo de exercer ao seu redor uma espécie de fascínio sensual que dá a cada um

⁵³ GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 92.

⁵⁴ PETER, Neusa. Op. cit. (Doc. n.º 12).

de seus gestos ou cada uma de suas palavras uma ressonância efetiva de uma profundidade especial.”⁵⁵

Tais características possuem efetiva procedência nas relações existentes entre o mito Willy Barth e seu grupo:

quando ele vinha de Toledo, era cercado de todos os lados. [Barth] não sabia com quem falar primeiro. Acho que até podia olhá prá cima e prá baixo que tinha gente (...) e se ele vinha prá cá, lembrei agora, na época tinha muita poca casa, né, então [ele] ia de casa em casa e dizia “Olha, hoje à tarde vô passá aqui prá comê um pedaço de cuca e tomá uma cuia de chimarrão”. E vinha mesmo, se ele dizia vinha mesmo (...) Meu Deus! E as pessoa dizia: “Hoje o Willy Barth veio na minha casa. Viu como o paizinho lembrô de mim”. Sempre tinha gente atrás dele, quase não conseguia caminhá.⁵⁶

Como se percebe através da narrativa acima, receber Willy Barth em sua casa ou ter qualquer contato com o mesmo era algo que trazia grande honra para os colonos da região, o que mostra seu reconhecimento público junto à comunidade, pois suas visitas causavam um certo frenesi, alterando a dinâmica rotineira.

Esta capacidade de fascinar as pessoas possuía implicações tanto individuais como coletivas, pois “Hoje o Willy Barth veio na minha casa. Viu como o paizinho lembrô de mim” e “quando ele vinha de Toledo, era cercado de todos os lados. [Barth] não sabia com quem falar primeiro”. Desta maneira, a sua presença e as suas palavras cativavam as pessoas, evidenciando sua personalidade carismática.

Assim, o fascínio que esse personagem causava nas pessoas integrantes de sua comunidade é descrito como “privilégio desconcertante dos grandes homens, [pois] por mais que se analise a personalidade de Willy Barth, será difícil chegar a uma conclusão.”⁵⁷

⁵⁵ GIRARDET, Raoul. Op. cit., p. 92.

⁵⁶ PETER, Neusa. Op. cit. (Doc. n.º 12).

⁵⁷ A VOZ DO OESTE (Jornal). Op. cit., 25 de julho de 1971 (Doc. n.º 08).

Com essas características, a personalidade de Barth surpreende e comove os membros do seu grupo a tal ponto que chega a ser considerado uma força que substitui os pais legítimos das pessoas que habitavam esse espaço, fato este que pode ser evidenciado na seguinte fala: “Prá mim, o falecido Willy Barth era o pai, meu segundo pai, que ele ajudô muito nós aqui. Muito mesmo, sabe, em tudo, em tudo. Por isso eu tinha uma fotografia dele lá no posto de gasolina.”⁵⁸

Diante dessas narrativas, as imagens que compõem o “pai Willy Barth” refletem aspectos que o identificam como protetor das “famílias do Oeste”, circulando tanto em meio aos sentimentos particulares como coletivos. Segundo Girardet, é

sob a forma de uma espécie de substituto da autoridade paterna que essa imagem tende a se definir com freqüência. Pai procurado e redescoberto – tendo tomado o lugar, desempenhando o papel de um pai perdido ou repudiado – os sentimentos de respeito e de devotamento que se dirigem ao personagem heroificado vão em primeiro lugar, neste caso, para o protetor: a ele o encargo de apaziguar, de restaurar a confiança, de restabelecer uma segurança comprometida; a ele também a tarefa de fazer frente as ameaças da desgraça.⁵⁹

Assim, o “pai do Oeste” é visto pelo seu grupo como o herói protetor que, desempenhando atividades que garantiam a segurança de sua comunidade, assume funções paternas e mostra-se enquanto um “guerreiro” que enfrenta obstáculos para proteger “seu povo”. Esta caracterização é respaldada em uma entrevista de Diva Paim Barth (esposa de Willy Barth) concedida ao jornal *A Voz do Oeste*, na qual afirma que Barth “era um homem dedicadíssimo a esta região. Enfrentando tudo com galhardia e confiança no futuro, dava-nos o exemplo. Em conversa, eu costumava dizer-lhe que o Oeste do Paraná era seu filho querido, já que não

⁵⁸ VON BRAUGHTER (Família). Op. cit. (Doc. n.º 11).

⁵⁹ GIRARDET, Raoul. Op. cit., p. 91.

tínhamos filho homem. Êle queria fazer o possível e o impossível, desde que assim o exigissem o desenvolvimento e o progresso.”⁶⁰

Percebe-se que nas diversas narrativas que abordam as ações de Barth, este é descrito como aquele que apresentava as “soluções” para os problemas enfrentados pelas pessoas. Sendo assim, era visto como o exemplo para tudo e para todos e, fruto de seu carisma pessoal, passa a ser denominado como pai dessas comunidades, fonte de inspiração para que essas pessoas superassem as dificuldades rotineiras.

Contudo, seu poder de sedução evidenciava-se com maior nitidez na medida em que suas práticas discursivas concentram-se sobre a idealização de um futuro próspero para essa região e conseqüentemente para os indivíduos que a integravam. Para Barth, condutor da comunidade, o futuro é algo a ser conquistado e para que as pessoas atingissem melhores condições de vida era necessário muito trabalho e dedicação de todos. Tais demonstrações garantiam a confiança do grupo em seus atos, sendo caracterizado como um indivíduo que possuía uma personalidade privilegiada e, portanto, as pessoas poderiam confiar no progresso da região devido à empolgante atuação de seu líder. Esta confiabilidade é notável em carta enviada pela comunidade a Willy Barth, homenageando seu trabalho nesta região:

O povo das Colonias, das Chácaras e da Séde de General Rondon vem transmitir-vos os mais sinceros votos para um Feliz Natal e Prospero Ano Novo. Desejamos, como Chefe e Pai da Fazenda Britania, uma administração proficua e a realização de todos os seus planos. Externamos os nossos cordiais agradecimentos por tudo que fizestes para o desenvolvimento da nossa zona e por todo carinho dispensado a cada um de nós. Nas horas de preocupações pedimos lembrar-vos de

⁶⁰A VOZ DO OESTE (Jornal). Op. cit., 25 de julho de 1971 (Doc. n.º 08).

que este povo aqui sempre estará ao vosso lado lutando junto para a solução de todos os vossos problemas.”⁶¹

Em outra carta enviada pela comunidade local aos diretores da MARIPÁ são apresentados sinais desta mesma confiabilidade novamente externada em forma de agradecimentos: “Em especial consignamos, aqui, nossos agradecimentos ao Sr. Willy Barth, nosso maior amigo que, com seu espírito empreendedor e realizador, trabalhou e enviou seus melhores esforços para o bem estar nosso, de nossas famílias e de nossa cidade.”⁶²

Aspecto significativo destas cartas está relacionado aos seus remetentes pois levam a assinatura de vários membros da comunidade, o que revela um certo consenso com relação à imagem de “pai – protetor” que Barth carregava (ver ANEXO 03). Esta manifestação permite sugerir que o carisma deste sujeito possui um poder de inserção expressivo neste espaço, no qual as pessoas, na medida em que confiam e aprovam as ações de seu líder, mostram sua adesão ao mesmo, pois “nas horas de preocupação pode lembrar-vos de que este povo aqui sempre estará a vosso lado lutando junto para a solução de todos os vossos problemas”. Vista desta forma, a figura de Barth é enaltecida de tal maneira que seus problemas são compreendidos como problemas da comunidade.

Percebe-se novamente nestas manifestações que a imagem produzida por estes discursos sugere traços da política paternalista exercida por Getúlio Vargas, pois este também era visto como pai protetor de seu povo, entusiasmando as pessoas através de suas ações e fazendo com que permaneça por um longo tempo

⁶¹ CARTA da comunidade de General Rondon a Willy Barth (Natal de 1954). Toledo: Museu Histórico Willy Barth, 1954, p.01 (Documento n.º 17).

⁶² CARTA da comunidade de General Rondon a Willy Barth (Comemorações de Ano Novo). Toledo: Museu Histórico Willy Barth, 1954, p.01 (Documento n.º 18).

junto ao imaginário da população brasileira. Esta característica da performance política de Barth, por outro lado, apresenta aspectos de sua autoridade que se valem do relativo isolamento das comunidades do Oeste paranaense, de tal forma que o acesso às informações era muito restrito o que leva a um certo privilégio por parte daqueles que as detém.

Neste sentido, torna-se significativo ressaltar que "os súditos podem prestar um 'reconhecimento' mais ativo ou passivo à missão pessoal do mestre carismático. Seu poder baseia-se nesse reconhecimento puramente fatural e nasce da dedicação fiel. É a devoção ao extraordinário e inaudito (...) e que, portanto, é considerado como divino. É uma dedicação nascida da dificuldade e do entusiasmo."⁶³

Dentro desta perspectiva, o fascínio carismático de determinados personagens não se restringe apenas aos limites institucionais já que sua concretude advém da atuação pessoal, inscrita em um plano circunstancial específico, no qual os heróis desempenham um papel fundamental na organização sociocultural do grupo ao integrar elementos tanto do universo profano quanto do sagrado.

Com relação a Willy Barth, este papel parece estar no fato de que "sempre tava presente. Era Deus no céu e o Willy na terra (...) Ele era um pai de todos, muito hábil. Ele ia junto no mato, porque tinha 'borrachudo', mosquito. Ele ia prá animá o pessoal (...) porque a vida era difícil."⁶⁴

Destarte, nas falas das pessoas que acompanharam a colonização, Barth possuía atributos sagrados pois é equiparado a mitos cristãos, o que mostra que suas ações eram vistas pelo seu grupo como algo "divino". Por outro lado, seu

⁶³ WEBER, Max. Op. cit., 1982, p.288.

⁶⁴ SCHROEDER, Volnei Op. cit. (Doc. n.º 10).

carisma concentrava aspectos profanos que impressionavam a comunidade local ao compartilhar dificuldades com as quais os membros desta região se deparavam, sendo então o “pai de todos” por vivenciar junto com seu grupo as condições adversas da ocupação das terras.

Ainda com relação aos aspectos profanos da atuação pessoal de Barth, pode-se evidenciar alguns exemplos que ilustram tais características, encontradas sobretudo na descrição do papel da MARIPÁ na colonização da região, da qual o

mais conhecido representante é o senhor Willy Barth. Desde a fundação da Firma foi realizado o velho plano dos ingleses: trazer imigrantes, colonizando assim as terras(...). O ‘papai’ desta colonização então ficou o Sr. Barth, que lutou desde o início contra a mata virgem, sofreu o isolamento dos pioneiros com a civilização, combateu as picadas das moscas, a ardência do carrapato, a falta de alimentação adequada.⁶⁵

Barth é visto então como o indivíduo que sofria junto com sua comunidade e esta qualidade o distingue do restante de seu grupo, fator este que lhe propicia poderes que alimentam sua liderança local, pois as pessoas sentem-se protegidas ao seu lado. Nas palavras de Girardet, a relação carismática existente entre o pai e seus seguidores é bastante recorrente, pois: “para merecer sua estima, beneficiar-se de sua amizade ou de sua complacência, não há muitos sacrifícios de que os mais humildes de seus sectários não se sintam e não se desejam capazes.”⁶⁶

Na medida em que são consideradas as reflexões de Girardet e estas são aliadas às narrativas que apresentam detalhes das ações de Barth junto a sua comunidade, percebe-se as formas constitutivas das redes de poder que se aglutinam na figura do pai carismático, pois suas práticas tornam-se uma vontade coletiva, sendo que as pessoas passam a incorporar elementos dos atos

⁶⁵ PAWELKE, J. *Ficando rico no oeste do Paraná*. Marechal Cândido Rondon: Igreja Martin Luther, 1970, pp.23-24 (Documento n.º 19).

“exemplares” que circulam em torno da vontade do pai, conferindo a este poderes que fogem da compreensão do seu grupo.

Assim sendo, estes personagens tornam-se marcos da memória coletiva, mitificando sua imagem, pois “inapagáveis na história de Rondon se acham indiscutivelmente os nomes dos administradores da Maripá, cujo diretor, o Sr. Willy Barth, desde a entrada dos pioneiros serviu de pai da família rondonense e de quem esta jamais se esquecerá.”⁶⁷

A fim de evidenciar o não-esquecimento do “pai Barth”, far-se-á em seguida a análise de memórias diferenciadas que apresentam suas relações efetivas com o trabalho e seus vínculos com concepções religiosas que fundamentaram valores socioculturais cultivados pelas comunidades do Oeste paranaense.

3.3 Cultura do trabalho: essência da prosperidade

A ocupação da região Oeste paranaense teve como uma de suas peculiaridades a presença de variados grupos religiosos: católicos, protestantes, batistas, entre outros. Como visto anteriormente no segundo capítulo, Willy Barth procura apresentar práticas discursivas consensuais que objetivavam amenizar os conflitos e estabelecer vínculos com as diversas manifestações religiosas ligadas ao cristianismo. Entre estas práticas, percebe-se a existência de elementos relacionados à ética protestante que possuem implicações com as diversas culturas religiosas da região, mostrando-se presentes nas ações de Barth, sendo que tais

⁶⁷ GIRARDET, Raoul. Op. cit., p. 92.

ações tornam-se visíveis a partir das narrativas dos migrantes que integram tanto documentos impressos quanto orais.

No caso do Oeste paranaense, a moral protestante manifesta-se com relevante intensidade junto às idéias e ações que circulam em torno do trabalho, aspecto que torna-se visível quando são consideradas as diversas memórias que lembram Willy Barth. Contudo, a ética protestante possui uma amplitude conceitual que supera as relações com o trabalho. Mas, nas narrativas que descrevem as práticas de Barth, pretende-se observar principalmente estas relações e o seu desdobramento sobre aspectos que interferem no comportamento das comunidades desse espaço.

Desta forma, o trabalho, mesclado à religiosidade, destaca-se nas narrativas apresentadas pelos membros da comunidade do Oeste paranaense como um dos princípios morais mais expressivos na constituição do mito de Willy Barth, sendo concebido como uma das virtudes valorizadas pelo seu grupo.

Assim sendo, observa-se que o trabalho é um valor moral que possui especificidades neste espaço, onde Barth é visto como um exemplo de cristão e trabalhador, característica que vai ao encontro de um dos mais importantes valores cultivados pelo seu grupo, como visto diante de narrativas que expressam estas características. O que segue é exemplar disto:

Olha, o homem sabia que quem trabalha é ajudado por Deus, ele também era pessoa que trabalhava muito, ele era nosso exemplo. Por isso ele sempre falava, eu me lembro: "Deus ajuda quem trabalha, por isso tem que trabalhá e ter fé que tudo vai bem, assim todos também são bem vindos como filhos de nosso Deus". E assim é um jeito bom de viver, trabalhando e vivendo como o Nosso Senhor que e depois também a gente é ajudado por ele, aqui ou qualquer lugar⁶⁸.

⁶⁷ O OESTE (Jornal). N.º 4, 1953, p. 04 (Documento n.º 20).

⁶⁸ PETER. Neusa. Op. cit., (Doc. n.º 12).

Diante destas palavras, nota-se que se torna digno da proteção divina “quem trabalha”, empregando todas as forças nos ideais do trabalho e da fé. Destarte, evidenciam-se elementos da ética protestante, através da qual a cultura religiosa relaciona-se com o trabalho, sendo que Deus, nesta perspectiva, só reconhece como seus filhos aqueles que se dedicam ao trabalho.

Desta forma, o trabalho apresenta-se como uma atividade sagrada já que passa a ser caracterizado como uma vontade divina, na qual as pessoas devem se inspirar, pois assim serão reconhecidas como verdadeiros cristãos trabalhadores e assim poderão ser recompensadas por Deus.

Os aspectos relevantes encontrados na narrativa acima transcrita, mostram que “essas recompensas funcionam na forma e na condição dos respectivos bens de salvação”⁶⁹. Sendo assim, só é possível alcançar a salvação concedida por Deus quando se encontra “um jeito bom de viver, trabalhando e vivendo como Nosso Senhor que e depois também a gente é ajudado por ele, aqui ou qualquer lugar”. Desta maneira, de acordo com os preceitos da ética protestante, aos olhos de Deus quem trabalha na terra encontra-se num estado de graça, tendo um lugar garantido no céu, pois o descanso fica por conta de um julgamento superior, sendo desfrutado “em outro mundo, [já que] na terra deve-se ‘trabalhar o dia todo em favor do que lhe foi destinado’”⁷⁰. Portanto, a terra foi oferecida por Deus para que nela os homens trabalhem, como aconteceu no Oeste paranaense, onde se encontrava

o desbravador Willy Barth (...) no meio da terra bravia, lutando com o elemento simplíssimo que seria o homem, com vontade de vencer, o nosso vanguardeiro realizou o milagre do estímulo – cultivando trabalhando, metendo seres em marcha

⁶⁹ WEBER, Max. Op. cit., 1982, p. 368.

⁷⁰ WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1985, p. 112.

para a grandeza da terra, essa terra bendita que Deus nos deu em quantidade máxima e em esplendores celestiais.⁷¹

Percebe-se, então, que Willy Barth prestigia valores que se relacionam com o trabalho, incentivando os membros desse espaço para que desenvolvam atividades em favor da “terra bendita que Deus nos deu em quantidade máxima e em esplendores celestiais”. Isto mostra que o estímulo que Barth objetivou disseminar entre as pessoas desse espaço vai ao encontro das análises weberianas, nas quais o trabalho é visualizado como um dos elementos principais que norteiam o destino dos homens.

Com isso, a inserção de Willy Barth enquanto “timoneiro” de seu grupo é possibilitada devido ao fato deste “estímulo ao trabalho” apresentar-se como um dos fortes valores cultivados pelas pessoas do Oeste paranaense, conseguindo, então, seduzir esses agentes. Tal postura apresenta-se em outra narrativa ressaltando que

Willy Barth não é homem comum que com ele se fale e resista; aceitamo-lo como homem de bem, logo à primeira vista, porque a sua sinceridade atrai. Quando conversa demonstra uma intuição invulgar das realizações práticas e forrando-as de um fundo criterioso que estimula – dá bem a impressão de uma dessas envergaduras de homem nascido para ensinar aos fracos ou desanimados.⁷²

Desta maneira, quando consideradas as narrativas que comentam as ações de Willy Barth, o trabalho revela-se como um dos principais componentes de seu estado de espírito pois, “quando conversa demonstra uma intuição das realizações práticas”. Por outro lado, quem não estivesse envolvido neste estado de espírito, tinha em Willy Barth a pessoa indicada para guiá-lo à tal destinação, pois este personagem “dá bem a impressão de uma dessas envergaduras de homem nascido

⁷¹ REVISTA Policial. Toledo: Museu Histórico Willy Barth. 1961. p. 15 (Documento n.º 21).

⁷² *Idem. ibidem.*

para ensinar aos fracos ou desanimados". Tal fato pode ser identificado com maior clareza na seguinte fala:

Eu era vendedor dele e assim que a gente trazia o pessoal, ele perguntava as religiões que eles tinham, se era católico, evangélico, batista, assim ele perguntava. Assim, ele colocava as pessoas com religiões em lugares prá cada religião, mas pedia prá todos ajudá a trabalhá prá região progredi, não importando de que religião a pessoa era (...) e isso que ele fez foi um negócio prá lá de bom.⁷³

Nota-se através dessa narrativa que independentemente da facção religiosa à qual as pessoas desse espaço pertenciam, objetivava-se, por parte de sua liderança, o envolvimento com o trabalho, mostrando com isso que o espírito do trabalho deveria estabelecer-se sobre as variadas religiões presentes na região.

O significado que esse estado de espírito adquire junto às comunidades do Oeste paranaense pode ser melhor compreendido através das discussões apresentadas por Max Weber, quando enfatiza que a ética protestante "cria a sensação psicológica através da concepção de trabalho como 'vocação' – certeza de se atingir a graça – [e] influencia a produtividade' do trabalho."⁷⁴ Deste modo, conhecendo as afinidades religiosas dos membros de sua comunidade, Barth busca incentivar o culto ao trabalho, valor que deveria estar acima das vontades pessoais.

Tal aspecto torna-se evidente quando consideradas as narrativas que abordam a construção da pista do campo de aviação do município de Toledo, tal como a que é apresentada a seguir que, devido à descrição minuciosa deste acontecimento, obriga à inclusão de longos trechos:

Entre outros episódios há o caso da construção do aeroporto da cidade que passará à história como marco indelevel da raça colonizadora do município. Como se sabe, esperar pelas providências oficiais para qualquer realização é coisa dura, mas como

⁷³ VON BRAUGHTER (Família). Op. cit. (Doc. n.º 11).

⁷⁴ WEBER, Max. Op. cit., 1985, pp. 128-129.

os toledanos precisavam, rapidamente de aeroporto, resolveram todos com o nosso grande Willy à frente construí-lo, de um golpe, em caravana popular, sem a menor remuneração. Assim, Willy Barth – como comandante em chefe da arrancada – teve a cooperação do clero e de todas as classes sociais, para a obra. As famílias forneciam café, lanche e outras especiarias para os que lá permaneciam de enchada em punho e os homens, num estoicismo inarrável, acertavam no prumo dos agrônomos as retas onde os aparelhos deveriam posar. (...) Este aeroporto foi construído em 60 horas num lugar onde outrora fora um matagal exposito. Obra exclusiva do sr. Willy Barth, o aeroporto da cidade é de muita utilidade e dista apenas sete quilômetros do centro. O aeroporto de Toledo não dependeu de verbas públicas nem tão pouco de um departamento de Obras Públicas. Foi um exemplo do povo de Toledo, sem distinção de classe, que se transportou da cidade até onde seria o aeroporto e trabalhou noite e dia, revesando-se prefeito, vigário, agricultores, pedreiros, carpinteiros, etc., todos cooperando, uns transportando toras e lenhas, outros trazendo os alimentos da cidade em cujo mister até as senhoras cooperavam no seu preparo.”⁷⁵

Diante desses discursos, percebe-se que o trabalho é sinônimo de honra, tornando os homens “dignos” na medida em que desenvolvem atividades que beneficiam todos os membros do grupo, tais como a construção do aeroporto que “foi um exemplo do povo de Toledo, sem distinção de classe”. Contudo, a comunidade possui um líder que indicava o caminho a ser seguido, trabalho este que nem sempre deveria visar ao lucro, de tal forma que “como os toledanos precisavam rapidamente de aeroporto resolveram todos com o nosso grande Willy à frente construí-lo, de um golpe, em caravana popular, sem a menor remuneração”. Assim a população diante do valor do trabalho, guiados por Barth, possuía um comportamento semelhante à do “clero”, principalmente no que se refere à gratidão e obediência ao seu líder. Neste sentido, Reinhard Bendix, analisando a importância do trabalho a partir de leituras weberianas, diz o seguinte:

A idéia do trabalho árduo como um dever que traz em si mesmo sua própria recompensa é um atributo típico do homem no mundo industrial moderno, tal como concebido por Weber. O homem deve trabalhar bem em sua ocupação (...) não apenas porque tem de fazê-lo, mas porque o deseja; é um sinal de sua virtude e uma

⁷⁵ REVISTA Policial. Op. cit., pp. 15-16 (Doc. n.º 21).

fonte de satisfação pessoal: 'É uma obrigação que o indivíduo deve sentir e efetivamente sente com relação ao conteúdo de sua atividade ocupacional, não importa em que consista ela'.⁷⁶

Na medida em que são perceptíveis estes aspectos reveladores de imbricações entre dedicação ao trabalho e reconhecimento/aceitação junto à comunidade, é que Barth mostra seu poder de mobilização através do direcionamento das atividades relacionadas à colonização – como o exemplo da construção do aeroporto anteriormente citado.

Sendo assim, este estado de espírito é construído a partir de um sentimento no qual a dedicação ao trabalho oculta uma dimensão de obrigatoriedade através da ênfase na sua caracterização enquanto desejo pessoal dos indivíduos honrados, onde o trabalho é reconhecido como uma grande virtude que possibilita a satisfação das necessidades, tanto pessoais quanto coletivas, pois trata-se de um valor mesclado à religião, ambos significativos para as comunidades do Oeste paranaense.

Neste sentido, Willy Barth é definido pelos membros do seu grupo como um exemplo de trabalhador, desempenhando atividades que o caracterizavam desta maneira, já que a posição social dependia do trabalho, pois “na América, a velha tradição respeita mais o homem que se faz sozinho do que o herdeiro.”⁷⁷ Diante disso, o homem que se faz sozinho é o homem que trabalha, que insiste em desenvolver atividades que possibilitem sua integração e seu reconhecimento junto ao grupo, tornando-se um “exemplo (...) [que] integra o homem em seu meio e o torna digno da referência *ad eternum* de muitas gerações.”⁷⁸ Assim sendo, a força

⁷⁶ BENDIX, Reinhard. Op. cit., p. 68.

⁷⁷ WEBER, Max. Op. cit., 1982, p. 356.

⁷⁸ REVISTA Policial. Op. cit., p. 16 (Doc. n.º 21).

de Barth é identificada nas narrativas pela dedicação ilimitada ao trabalho porque “quando êle achava necessário uma coisa, lutava desesperadamente por tôdas as formas e meios para conseguir realizá-la.”⁷⁹

Com isso, Barth conferia uma dimensão significativa a este aspecto da ética protestante, exercendo o papel de espelho que reflete as ações modelares a serem seguidas pelos integrantes de seu grupo, pois fazia-se “sozinho”, sem “depende” do poder público. Assim, Barth era o ponto de referência no qual a comunidade deveria alicerçar suas atividades.

Apesar de sua imagem de líder carismático, esta liderança se caracterizava pela transmissão de responsabilidades aos migrantes, que deveriam fazer valer as práticas de seu líder. Tal aspecto torna-se mais nítido na medida em que são considerados os seguintes discursos: “Mas ele também exigia. Você tinha que fazê aquilo, ele não dava nada de mão beijada. Você tinha que trabalhá. Ele era muito bom, mas ele não dava só o peixe, ele ensinava a pescá. Tinha que trabalhá.”⁸⁰ Nesta fala aparecem novamente referências ao trabalho como elemento que está acima de qualquer outro valor, pois “ele [Barth] se relacionava com todas as igrejas, mas era tudo junto: um tinha que ajudá o outro e todo mundo tinha que trabalhá.”⁸¹

Assim, todos deveriam trabalhar e na medida em que são desenvolvidas atividades com a bênção de Deus – para os migrantes o poder absoluto e incontestável – “abrem-se as portas” para a salvação dos homens em outro mundo, segundo princípios da ética protestante e, diante desse quadro, Barth trabalhava para todas as igrejas o que possibilitava que exigisse a participação de todas as

⁷⁹ A VOZ DO OESTE (Jornal). Op. cit., 25 de julho de 1971 (Doc. n.º 08).

⁸⁰ PETER, Neusa. Op. cit. (Doc. n.º 12).

⁸¹ *Idem*.

ramificações religiosas junto aos empreendimentos relacionados ao processo de colonização.

Então, “aqui na Terra”, um dos princípios básicos para a vivência social do indivíduo era o trabalho e Barth encarnava esta filosofia de vida de tal forma que mesmo sendo visto como “um homem de muita festa, um homem super divertido, na hora do trabalho, aí era prá valê. Aí não tinha brincadeira, não tinha nada: era trabalhá.”⁸² Esta perspectiva encontra terreno fértil nas discussões empreendidas por Max Weber ao ressaltar que “o mais importante é que o trabalho constitui a própria finalidade da vida (...) A falta de vontade de trabalhar é um sintoma da ausência do estado de graça.”⁸³

Portanto, de acordo com as narrativas, é notável que para os indivíduos desse meio permanecerem ligados a esse espaço, tornava-se necessário que estes trabalhassem, pois, caso contrário, não atingiriam qualquer benefício econômico ou prestígio social e, além disso, não estariam atendendo a um dos mais importantes princípios da conduta moral desse espaço: a cultura do trabalho.

Deste modo, Willy Barth apresentava-se como um dos principais propagadores desta forma de organização sociocultural, que possuía efetivos laços religiosos, visualizados diante das seguintes falas: “Nas festas de todas igrejas, [Barth] dava discurso, falava: ‘gente vâmo lá, vâmo trabalhá. Vâmo isso, vâmo aquilo’ (...). Ele animava a todos prá trabalhá.”⁸⁴ Ainda, neste mesmo sentido, outra fala destaca: “Ele conseguia cativá aquele grupinho de pessoas – às vezes trinta,

⁸² *Idem.*

⁸³ WEBER, MAX. Op. cit., 1985, p. 113.

⁸⁴ SCHROEDER, Volnei. Op. cit. (Doc. n.º 10).

quarenta pessoas, homens e mulheres –, cativá aquelas pessoas prá elas fazê aquilo que ele pedia.”⁸⁵

Diante das diversas narrativas abordadas nesse diálogo sobre o valor do trabalho para Barth, pode-se evidenciar seu envolvimento com aspectos da ética protestante que vão ao encontro de manifestações que se relacionam com esse personagem mítico, sendo perceptível como uma das principais características que mobilizaram as pessoas desse espaço.

Em suma, com vistas ao desenvolvimento do projeto de colonização, Barth assumiu a posição de líder trabalhador e crente em Deus, acima de tudo, cristão que acredita no esforço constante como forma de alcançar as graças divinas. Assumir esta posição tornava-se possível devido à incorporação de elementos de uma tradição religiosa que está relacionada com o espírito do trabalho cultuado por pessoas pertencentes a diversas facções do cristianismo, pois as manifestações da ética protestante obedecem a uma ordem divina representada por Deus, o que propiciava que a cultura do trabalho estivesse presente em meio às diversas religiões que se localizavam nesta região.

Além disso, tal fato é um importante elemento que auxilia na permanência deste personagem junto à memória deste espaço, pois o trabalho para a sociedade moderna é um elemento indissociável do homem, o que no Oeste do Paraná faz com que a figura de Barth seja lembrada como “exemplo de trabalhador” para o seu grupo.

⁸⁵ PETER, Neusa. Op. cit. (Doc. n.º 12).

3.4 A política na “Época de Barth”

No diálogo que envolve o aspecto político das memórias que recordam Willy Barth, analisar-se-á imagens vinculadas a esse personagem considerando principalmente sua atuação enquanto diretor da Maripá e prefeito da cidade de Toledo. Com tal abordagem objetiva-se interpretar discursos que conservam marcas e emoções de um período caracterizado como sendo “glorioso”. Em meio a esses discursos, procura-se demonstrar o poder de persuasão de Barth, assim como a gradual configuração desse mito político, a partir de variadas falas que se manifestam enfocando este período, que tornou-se um marco para as pessoas que vivenciaram o processo de colonização e ocupação do Oeste do Paraná.

Na medida em que se observa as narrativas que comentam a atuação de Barth, este é apresentado como um exemplo de líder político capacitado a conduzir as pessoas. Essas manifestações podem ser visualizadas na narrativa que ora é apresentada:

Dêste município é alma incontestante o grande sertanejo – desbravador Willy Barth – seu grande prefeito e célula edificante (...) de Toledo. Willy Barth devia vir para o centro das cogitações administrativas do país para mostrar a essa gente elegante e de colarinho e gravata, o que se deve fazer para que o Brasil saia do marasmo das articulações em duvida; no Senado da República êle estaria capacitado para mostrar já não diremos o que seja preciso fazer mas – como os cérebros de Confucio – mostrar o que já fizeram. O grande filósofo chinês, assim o considerava: nada se prometa, faça-se e mostre-se como se fêz...⁸⁶

A partir dessa narrativa, percebe-se que a atuação política de Barth é percebida pelo seu grupo como uma atividade exemplar, porque o mesmo é responsável pela constituição de uma “célula edificante”, fazendo com que suas

atividades sejam compreendidas como ações práticas. Sua atuação é tão significativa que deveria ser divulgada entre as demais instâncias da administração pública, sendo comparado a determinados personagens de expressão, tais como Confúcio, posto que suas práticas não eram meras "promessas" mas sim ações efetivas e por este motivo poderia "mostrar o que fez".

É perceptível ainda observar a amplitude de seu prestígio político nesse meio, pois é visto como o homem que poderia ocupar uma cadeira no senado devido à sua exemplar conduta política, atingindo uma expressão coletiva singular, pois sua administração "acentuou tôdas as energias necessárias para que a vida ali não se divagasse na política tão comum nas vidas da interlândia, antes (...) permitiu que os homens se entreolhem com atenção e vontade soberana de engrandecer o ambiente e não as quisilas pessoais. Quando êsse fenômeno se dá em qualquer rincão, o efeito aparece logo pela expressão alegre das coisas conseguidas para o bem geral."⁸⁷

Como pode-se notar, a política nesse período é vista como sendo isenta de "quisilas pessoais". Persegue-se, então, uma conduta que visa padronizar o comportamento das comunidades do Oeste paranaense, onde se identificam traços políticos que objetivavam atingir um consenso, o que facilitava as atividades das pessoas que ocupavam cargos políticos junto às instituições públicas locais, gerando deste modo uma "expressão alegre das coisas conseguidas para o bem geral". Desta forma, percebe-se que os discursos que enfocam as ações de Willy Barth são manifestações carregadas de "ufanismos", através das quais era propagada em certa medida a receptividade positiva de suas atividades políticas.

⁸⁶ REVISTA Policial. Op. cit., p.15 (Doc. n.º 21).

⁸⁷ *Idem, ibidem.*

Exemplo da aceitação, por parte dos membros da comunidade, da postura política de Barth, evidencia-se em narrativas que se expressam da seguinte forma: “Na época do Willy Barth, era uma política mais bonita, saudável, porque você não via uma discussão. Não é como hoje em dia.”⁸⁸ Deste modo, destaca-se o saudosismo expresso nas falas de membros de seu grupo, através das quais esse período apresenta-se como um “mundo perfeito”, o que, para Barth, era fundamental pois, dificultava o surgimento de opositores políticos, revelando ações que encaravam a pluralidade de opiniões como uma zona conflituosa que poderia prejudicar as comunidades locais, indicando, desta forma, reflexos do seu poder de persuasão ao aglutinar em torno de si as pessoas que circulavam nesse meio.

Tal postura, que trata da relação política existente entre Barth e seu grupo, é verificável através da seguinte manifestação: “Político sagaz, era um líder incontestado. Sua paivavra pitoresca, às vèzes ferina, arrastava as multidões.”⁸⁹ Essa narrativa é um exemplo da exaltada emoção que integrava a estética das práticas discursivas sobre a figura de Willy Barth, inserindo-se junto às comunidades, comovendo as mesmas ao recordarem sua atuação política. Este fato é perceptível também a partir da seguinte fala:

À frente da grande e modelar empresa [MARIPÁ] temos a notável personalidade de Willy Barth – o homem da terra, tão da terra que, escolhido pelo povo para prefeito local, jamais teve a menor oportunidade de ser importunado no seu programa administrativo. Zela por tudo aquilo como se zelasse pelo seu próprio bem e desmanchando-se em atitudes oportunas e certas vai dando à sua administração o cunho de programação certíssima.⁹⁰

⁸⁸ PETER, Neusa. Op. cit. (Doc. n.º 12).

⁸⁹ A VOZ DO OESTE (Jornal). Op. cit., 25 de julho de 1971 (Doc. n.º 08).

⁹⁰ REVISTA Policial. Op. cit., p.16 (Doc. n.º 21).

Portanto, a aprovação das medidas políticas de Barth era respaldada pelo seu grupo, sendo identificado como o “homem da terra, tão da terra que, escolhido pelo povo para prefeito local”. Em outras palavras, sua atuação política apresentava uma dinâmica que era respeitada pelas pessoas desse espaço, pois apresentava-se como “um igual a todos” ao mostrar características socioculturais que eram acolhidas pelo seu grupo e possibilitando assim alcançar uma estrutura política marcada pelo consenso: “jamais teve a menor oportunidade de ser importunado no seu programa administrativo”. Assim, suas ações são lembradas como algo benéfico, pois Barth “zela por tudo aquilo como se zelasse pelo seu próprio bem”.

Essa definição enquanto uma das principais expressões políticas durante o processo de colonização dessa região, encontra suporte na atitude participativa de Barth, pois o mesmo “compartilhava da vida dos agricultores, do povo. Ele vinha prá cá e já tava cercado de gente: um queria sabê de uma coisa, outro de outra coisa e assim por diante. Ele se adaptava a qualquer ambiente.”⁹¹ Ainda, nesse sentido, apresenta-se a seguinte fala:

Ele fazia política, aqui em Rondon, em Mercedes, em Toledo e aí eu ouvi ele dizê num comício: ‘eu mato a cobra e mostro o cacete. Eu falo isso aí prá todo mundo, pois eu sou uma pessoa franca e toco a coisa prá frente’. Eu acho que ele foi o segundo prefeito (...) e, pro colono, ele mostrava o jeito dele (...). Ele nunca falhava nas festas, nunca deixava nós assim esquecido (...). Ele vinha e falava com todo mundo, dava um abraço, dava discurso, conversava com o povo.⁹²

Assim, este herói mítico correspondia às exigências do seu grupo, pois a comunidade se identificava com ele, o que fazia de Barth um destes “símbolos poderosos, encarnações de idéias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva (...) [que] tem de responder a alguma necessidade ou

⁹¹ LAMBERTY, Alberto A. Op. cit. (Doc. n.º 07).

aspiração coletiva, refletir algum tipo de personalidade ou de comportamento coletivamente valorizado.”⁹³

Neste contexto, percebe-se que Barth apresenta-se como resposta às aspirações coletivas através da utilização de chavões, tais como “eu mato a cobra e mostro o cacete”, sendo que “pro colono ele mostrava o jeito dele”. Agindo desta maneira, Barth correspondia a uma identidade coletivamente valorizada na qual as pessoas se reconheciam, tornando-se uma referência regional, pois era um personagem que, com sua atuação enquanto político e empresário, correspondia aos desejos e aspirações de seu grupo. Sendo assim, Barth possuía a cara de sua comunidade, o que fazia com que adquirisse expressivo poder nesse espaço.

Tal poder é visto como algo que confortava a comunidade, pois sua palavra “era tipo uma lei, mas uma lei gostosa, que agradava.”⁹⁴ Desta forma, devido ao fato de ser um personagem que respondia às aspirações coletivas, suas ações são lembradas como uma “lei que agradava”. Esta definição antitética reflete a posição ocupada por Barth no Oeste paranaense: fomentação de uma política conciliatória que culmina com a aceitação unânime de sua liderança, devido à integração de símbolos valorizados pelas pessoas de sua comunidade.

Para corroborar as reflexões empreendidas até aqui, torna-se relevante focar a fala do migrante Volnei Schroeder que ressalta a participação efetiva de Barth no cotidiano da comunidade, pois “nas festa de igreja, ele sempre era o padrinho (...) ele tava em todas essas festa, ele era um homem muito humilde.”⁹⁵ Seguindo esta mesma linha, a narrativa de Neusa Peter salienta que “ele tinha

⁹² VON BRAUGHTER (Família). Op. cit. (Doc. n.º 11).

⁹³ CARVALHO, José Murillo de. *A formação das almas: o imaginário das Republica no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 35.

⁹⁴ PETER, Neusa. Op. cit. (Doc. n.º 12).

solução pros problema, ele não falhava com ninguém (...) ele mesmo ia pro meio do mato."⁹⁶

Diante dessas narrativas, observa-se que os aspectos ligados à política de consenso tornam-se um elemento fundamental desta personalidade coletivamente valorizada pelo seu grupo, pois na primeira fala, que possui reflexos da consensualidade, mostra-se como uma pessoa que colabora com as diferentes crenças religiosas, já no segundo relato, possuía a solução para todos os problemas, sendo lembrado então como alguém que se dispunha a trabalhar como todos, no "meio do mato", apresentando-se assim como um sujeito no qual as pessoas do seu meio se reconheciam e poderiam se espelhar devido ao fato de ser um de seus semelhantes.

Esta postura política mantém sua autoridade e seu poder de inserção junto às comunidades do Oeste paranaense, eliminando os conflitos, ou pelo menos objetivando dispersar estes, tornando-se uma das principais referências locais, pois com seu estilo político cativava a confiança das pessoas. Como diz Volnei Schroeder: "O Willy tinha força na política. O nome que ele indicava era eleito (...). O pessoal acreditava nele e o que ele dizia, eles acreditavam (...). Ele comandava (...) era um líder: aonde ele pegava, a coisa andava."⁹⁷

Destarte, esta força política encontrava uma certa unanimidade no interior de seu grupo, possuindo um sentido polivalente, pois adquiria feições diferenciadas de acordo com as diversas situações e tendências encontradas no processo de colonização. Sua atuação é caracterizada como algo incomum e extraordinário, que foge à compreensão humana:

⁹⁶ SCHROEDER. Volnei. Op. cit. (Doc. n.º 10).

⁹⁷ PETER. Neusa. Op. cit. (Doc. n.º 12).

Por mais que se analise a personalidade de Willy Barth, será difícil chegar a uma conclusão. É o privilégio desconcertante dos grandes homens. Afável, mas tenaz; lutador, mas dotado de coração magnânimo. Era evangélico. Mas, aos domingos, apressava-se em recomendar às filhas, que idolatrava, para que 'não perdessem a Missa'. Dotado de alto descortínio, fundava uma igreja ao lado de uma escola. E os povoados nasciam por si. Entendia de assistência religiosa mais do que muitos sacerdotes de sua época. Desentendia-se com seus companheiros; em seguida, por império de um coração cristão, reconciliava-se.⁹⁸

Diante dessas palavras, torna-se notória a amplitude de sua polivalência que tendia à consolidação de uma política que fortificava sua imagem, apresentando-se como uma das principais referências para sua comunidade, mas que integrava vários estilos que facilitavam a aprovação pública de suas ações. Sua força política não se restringia aos cargos importantes ocupados, pois seu respaldo junto à comunidade era tamanho que quem quisesse participar da vida política da região necessitava de seu auxílio: "Voltado para a política, Willy Barth, em 1960, conseguiu eleger todos os prefeitos de todos os municípios do Oeste paranaense, tal a sua liderança."⁹⁹ Ainda, neste sentido, a fala de Alberto Lamberty, um dos membros da comunidade que desenvolveu atividades políticas durante o período em que Barth ocupou o cargo de chefe do poder executivo de Toledo, diz o seguinte:

Quando foi criado o município de Marechal Rondon, o seu Willy insistiu, insistiu, para que eu fosse candidato a prefeito. Eu não queria, mais [ele] insistiu tanto, até que eu aceitei, inclusive ele chegou a dizê: 'Olha, Alberto, você sai a candidato. Se você for eleito, eu vô dá um presente pro município de Rondon'. E não deu outra: fui eleito e após o dia da minha posse, ele veio aqui, o seu Willy Barth, e trouxe um envelope fechado que continha a doação de uma quadra de lotes e inclusive o escritório da Maripá aqui em Rondon, onde funcionou depois a prefeitura. Então ele doou tudo isto para o Município (...). Isso foi uma promessa do seu Willy durante a eleição.¹⁰⁰

⁹⁷ SCHROEDER, Volnei. Op. cit. (Doc. n.º 10).

⁹⁸ A VOZ DO OESTE (Jornal). Op. cit., 25 de julho de 1971 (Doc. n.º 08).

⁹⁹ KUHNS, Wilson Carlos. Op. cit., p.04 (Doc. n.º 04).

¹⁰⁰ LAMBERTY, Alberto A. Op. cit. (Doc. n.º 07).

FOTO 6 – Solenidade de posse do prefeito de Mal. C. Rondon (1961).



(Nesta foto, Barth, ao centro da mesa, cumprimenta Arlindo Lamb, recém-eleito prefeito de Mal. C. Rondon). FONTE: Museu Histórico Willy Barth, Toledo – PR.

Desta maneira, um dos aspectos importantes a ser ressaltado sobre as narrativas supracitadas está relacionado à interferência direta de Barth junto ao quadro político da região, pois "dava presentes aos municípios"; "elegia todos os prefeitos da região devido à sua liderança"; "fundava uma igreja ao lado de uma escola e o povoado nascia por si só", "entendia mais de religião do que muitos sacerdotes" e assim por diante. Assim, suas práticas são lembradas com intensa emoção o que demonstra a permanência de seu prestígio junto à dinâmica política da região.

Neste sentido, Norberto Bobbio e Gianfranco Pasquino argumentam que o surgimento do mito político "depende do aparecimento da política como função central da sociedade e instrumento de mudança social e da conseqüente formação

ao redor dela de fortes impulsos emotivos. As narrações míticas (...)assumem, dessa forma, caráter político, isto é, evoluem num contexto e usam uma linguagem política, objetivando a ação política.”¹⁰¹ As narrativas anteriormente analisadas, ao caracterizarem as práticas políticas de Barth através de discursos consensuais que primam pela emoção, demonstram a formação de impulsos emotivos no que se refere às questões políticas da região. Com isso, este personagem mítico revela uma inserção eficaz junto à comunidade em que atuou, configurando uma dimensão normatizadora das condutas sociais.

Assim sendo, Alberto Lamberty recorda peculiaridades da política na época de Barth da seguinte forma: “Na política daquele tempo, a gente fazia reuniões, comícios e entrava em contato direto com os moradores. Era comum, quando havia qualquer novidade, sair um foguetório. Então, como os meios de comunicação não eram comum, saía foguete. Qualquer novidade, saía foguetório. Então nos comícios era assim.”¹⁰²

Aiém da forma de divulgação dos eventos políticos que apresenta a existência de um contato direto entre comunidade e o ambiente político, a fala de Alberto Lamberty também recorda este período como um momento em que a política era mais “moralista”, pois “o pessoal naquela época acreditava mais na política e praticamente quem fazia política era bem intencionado – não uma política interesseira como é hoje, visando lucro (...). Nesse sentido, seu Willy, muitas vezes chegava a prejudicá os interesses da colonizadora, porque ele queria que a região progredisse.”¹⁰³

¹⁰¹ BOBÓIO, Norberto; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Brasília: Editora da UNB. v. 2, 1997, p. 761.

¹⁰² LAMBERTY, Alberto A. Op. cit. (Doc. n.º 07).

¹⁰³ *Idem*

Assim sendo, a imagem da política no tempo de Barth é vista como um momento de plenitude e de luz, através de recordações nostálgicas que carregam traços de êxtase e de inocência, característicos do próprio "Jardim do Éden", evidenciando a mitificação deste período, fato que é visualizado com maior intensidade a partir do seguinte discurso: "Ir àquelas bandas é sempre um prêmio. E acercar-mo-nos da pessoa amável de Willy Barth faz parte de nossa programação encaminhando-nos para os redutos poéticos do Iguaçu."¹⁰⁴ Outra narrativa, seguindo esta mesma diretriz, registra a caracterização "daquele tempo" como sendo o tempo da felicidade: "Nossa! Como tenho saudades da época de Barth. A política era bem melhor, a gente vivia melhor, a gente tinha aquela amizade, aquela ajuda dele. Me dá vontade de chorá... Parece que era tão bonito. Parece que a gente tava no céu, no paraíso... Era tudo bem melhor: a gente sofria, mais era bem mais feliz."¹⁰⁵

Diante destes discursos, as observações de Raoul Girardet são substancias para enriquecer o debate, já que, segundo o autor, "esse movimento do sonho na direção de um passado de luz, mais feliz e mais belo, tende quase sempre a cristalizar-se, a fixar-se em torno de dois valores essenciais: valor da inocência, de pureza, por um lado: valor de amizade, de solidariedade, de comunhão, por outro. É em função desses dois temas, na perspectiva dessa dupla busca ou dessa dupla nostalgia que toda mitologia da idade de ouro tende a afirmar sua coerência."¹⁰⁶

Destarte, a política no período de Barth, sob o olhar dos membros do seu grupo, é lembrada como uma época que comporta imagens que vão ao encontro do Jardim do Éden, mostrando-se enquanto um momento no qual impera a harmonia, o sonho, a perfeita inserção do homem na ordem do seu universo sociocultural, lugar

¹⁰⁴ REVISTA Policial. Op. cit., p.15 (Doc. n.º 21).

¹⁰⁵ PETER, Neusa. Op. cit. (Doc. n.º 12).

onde se entrelaçam a "solidariedade e a pureza". Um tempo que é lembrado pelos seus integrantes como um período sem conflitos – "a política era bem melhor"; "não como é hoje" – e gratificante porque "a gente sofria, mais era bem mais feliz". Esta nostalgia revela manifestações que correspondem à origem do mito do paraíso, no qual "o cordeiro pastava com o lobo".¹⁰⁷

Com isso, na medida em que são consideradas as práticas discursivas empregadas por Barth que objetivavam a estruturação de um sentido consensual sobre sua imagem, percebe-se que estas práticas têm um impacto considerável junto à sua comunidade, pois auxiliam na instauração de atitudes políticas que buscam a harmonia, manifestadas através da vontade de extinguir os conflitos, proposta que Barth tanto pregava em suas atividades políticas.

A recepção de suas práticas assume uma amplitude cada vez maior, o que leva ao retrato de sua imagem como um "líder sob todos os pontos de vista, era uma figura envolvente, a ponto de muitos pioneiros dizerem só não abandonar o Oeste graças à sua presença, que os ajudava a enfrentar as dificuldades (...). Era um líder extraordinário, personalidade impressionante, quase cinematográfico: 'o maior homem que já pisou no Oeste'".¹⁰⁸ Além desta, outra narrativa descreve a personalidade de Willy Barth com cores épicas: "Essa é a história da Fazenda Britânia, cujo progresso e desenvolvimento foi obra de um homem inesquecível, principalmente para os rondonenses, que tiveram nele o amigo de todas as horas: o gigante Willy Barth."¹⁰⁹

¹⁰⁶ GIRARDET, Raoul. Op. cit., p. 105.

¹⁰⁷ *Idem*, p. 106.

¹⁰⁸ SILVA, Oscar [et al]. Op. cit., p. 84, (Doc. n.º 01).

¹⁰⁹ O ALENTO (Jornal). Ano II, n.º 95. Mal. C. Rondon, p. 16 (Documento n.º 22).

Esse passado ao qual essas falas fazem referência é apresentado como paradisiaco ao referendar a figura de Barth como estando imbuída de grande poder mobilizador, como um modelo, um arquétipo que emerge do tempo de antes, como um valor suplementar de exemplaridade que configura a mitificação desse personagem na atualidade.

Segundo Mircea Eliade, o anseio de se transportar a outro tempo é inerente aos homens, pois “enquanto subsistir esse anseio, pode-se dizer que o homem moderno ainda conserva pelo menos alguns resíduos de um ‘comportamento mitológico’. Os traços de tal comportamento mitológico revelam-se igualmente no desejo de reencontrar a intensidade com que se viveu, ou conheceu, uma coisa pela primeira vez; de recuperar o passado longínquo, a época beatífica do ‘princípio’”.¹¹⁰

Diante dessas reflexões, o tempo em que Barth atuou na região – recordado como um período de glórias e sonhos – possibilita a constituição de um mito político que integra características do mundo moderno. A permanência deste mito pode ser avaliada ainda através da exposição, mesmo que concisa, dos aspectos que envolvem a cristalização desta memória, expressa na construção de monumentos que homenageiam o “desbravador do Oeste”.

3.5 Monumentos: lugares da memória de Barth

Este momento do trabalho objetiva estabelecer um diálogo com as narrativas que fazem referência aos monumentos públicos que conservam imagens de Willy

¹¹⁰ ELIADE, Mircea. *Mitos e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972, pp. 164-165.

Barth, visíveis a partir da presença de praças, bustos, medalhas, ruas, rodovias, placas, entre outras homenagens relacionadas a este personagem. Cabe ressaltar que não se pretende desenvolver uma leitura iconográfica desses documentos, mas sim analisar as narrativas, tanto impressas quanto orais, que integram discursos relacionados à construção desses monumentos.

Neste sentido, entende-se que estes monumentos representam apenas uma parcela da memória de Willy Barth, tendo em vista que o conceito que diz respeito aos “lugares da memória”, apresentado por Pierre Nora, abrange um campo teórico que vai muito além dessas homenagens públicas representadas pelos monumentos.

De acordo com Nora:

Os lugares da memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. (...) Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade. Daí o aspecto nostálgico desses empreendimentos de piedade, patéticos e glaciais. São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralização passageira numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo.¹¹¹

Desta maneira, percebe-se que o conceito de lugares da memória extrapola os espaços conferidos aos monumentos públicos aqui analisados, porém, estes não podem ser descartados enquanto um destes lugares da memória. Além disso, o conceito se aplica ao presente estudo devido ao fato de incorporar tanto os aspectos espaciais quanto temporais da memória de Barth, pois ao verem o “lugar” físico (monumentos, praças, ruas etc.), as pessoas passam a presentificar o passado.

¹¹¹ NORA, Pierre. “Entre memória e história: o problema dos lugares”. Trad. Yara Aun Khoury. *Projeto História*: (Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História da PUC-SP). São Paulo, 1981, pp. 12-13.

Sendo assim, configurado o olhar que irá analisar as narrativas que se referem aos monumentos que conservam imagens de Willy Barth, observa-se que os significados que possuem estas praças, bustos, ruas etc. na constituição desse mito político possuem uma linguagem que não é inocente, pois revelam sentidos que vão ao encontro de valores cultivados pelo grupo e por isso buscam garantir um espaço para essa memória.

Assim, existe uma efetiva luta por parte das pessoas desse espaço em prol da garantia de permanência da memória de Willy Barth, pois este personagem, tal como foi mostrado anteriormente, integra elementos que são valorizados pela comunidade, fazendo com que ocorra a identificação entre Barth e as pessoas da região. Sendo assim, a luta pela conservação da memória de Barth é também a luta pela manutenção dos valores e atitudes defendidas pelo mesmo.

Neste sentido, observa-se que as diferentes falas relacionadas aos monumentos não estão vinculadas apenas às instituições ligadas ao poder público, pois não são apenas estas que se manifestam favoravelmente pela construção desses monumentos: tais iniciativas têm o respaldo da população, sendo defendidas por diversos membros das comunidades dessa região. Este é mais um expressivo elemento que mostra que as práticas de Barth tiveram uma aceitação junto a seu grupo, fato que é intensificado após sua morte, quando a comunidade passa a reivindicar a instauração de monumentos públicos em homenagem a Willy Barth.

A preocupação com a conservação desta memória pode ser identificada na seguinte narrativa:

O que aconteceu aqui em Marechal Rondon foi o seguinte: nós tínhamos uma praça – a praça central chamada Brasil – e com o falecimento do seu Willy, eu era prefeito naquele tempo, eu entrei com um projeto de lei na câmara pedindo para que se mudasse o nome, de praça Brasil para praça Willy Barth e [o projeto] foi aprovado com unanimidade. Então, também fizemos um busto em homenagem a ele, prá ficá,

como se diz, mais eternizado aqui em Marechal Rondon (...) e no dia da inauguração tinha uma multidão.¹¹²

Como pode-se notar através do texto acima, a necessidade de "eternizar" a imagem de Barth é descrita como justificativa para a mudança do nome da praça e a construção posterior de um busto. Destaca-se a receptividade que tal iniciativa encontra junto à comunidade, pois, seguindo estas manifestações, outro membro do grupo destaca a comoção pública provocada por ocasião da inauguração deste lugar da memória:

No dia da inauguração da praça Willy Barth lembro que Arlindo Lamb discursou. Só que o discurso não foi até o fim: ele chorou, a maioria do povo chorou, porque na hora que tiraram o manto que cobria o busto dele, sei que começaram os aplausos e começaram as lágrimas também. Dava a impressão que ele tava até presente... Eu era uma menina, mas você sente, porque via meu pai, minha mãe chorando (...). Na verdade, todo mundo estava chorando.¹¹³

FOTO 7 – Praça e busto que homenageiam Willy Barth (Mal. C. Rondon, 1996).



FONTE: Arquivo da Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon.

¹¹² LANIBERTY, Alberto A. Op. cit. (Doc. n.º 07).

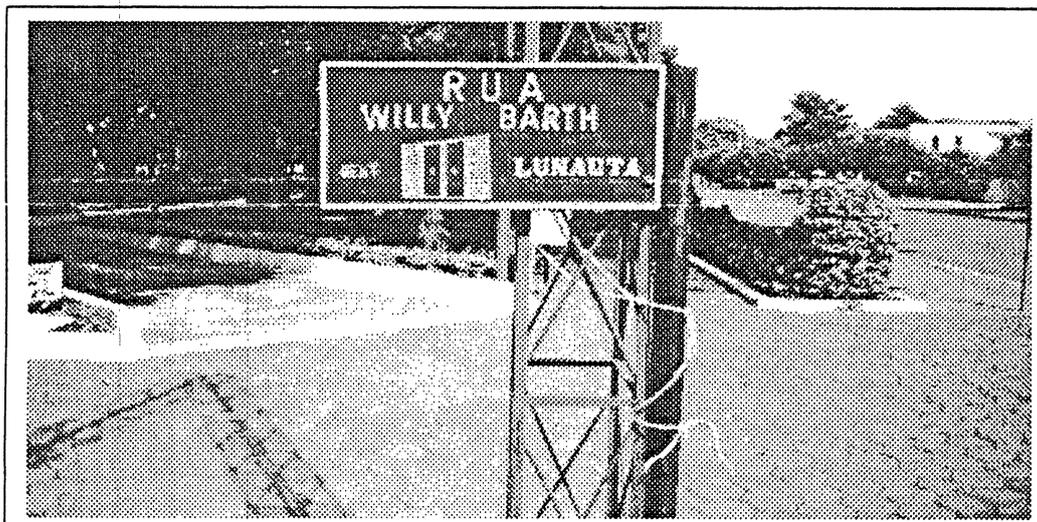
¹¹³ PETER, Neusa. Op. cit. (Doc. n.º 12).

As narrativas acima mostram as condições nas quais a comunidade recebeu esses monumentos: com entusiasmada satisfação. Esta recepção favorável aos monumentos pode ser visualizada com maior intensidade em outra fala:

Todos os lugares prestaram homenagem, todos os municípios, todos os distritos. Em todos os lugares têm coisa com o nome dele. Aqui em Pato Bragado, a rua principal tem o nome dele. Eu achei por bem – porque eu era vereador pelo distrito de Pato Bragado – prestar uma homenagem ao Willy e entrei com um projeto na câmara dos vereadores e (...) todo mundo achou justo. Falei no nome dele no dia e não teve partido político que falou contra ele. Foi merecedor disso aí. Ficô presente na memória.¹¹⁴

Desta forma, percebe-se que as práticas discursivas consensuais de Barth possuem efetiva inserção junto ao seu grupo, revelando-se enquanto uma das expressões políticas que permanecem nas ações de indivíduos que “vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, noticiar atas, porque essas operações não são naturais.”¹¹⁵

FOTO 8 – Placa que identifica a rua principal do Município de Pato Bragado (1999).



Fonte: Arquivo particular.

¹¹⁴ SCHROEDER, Volnei. Op. cit. (Doc. n.º 10).

¹¹⁵ NORA, Pierre. Op. cit., 1981, p. 13.

Percebe-se que esses monumentos são espaços que expressam imagens que integram uma simbologia na qual imbricam-se sentimentos de um dado grupo em relação a seu líder, pois “os monumentos, enquanto ‘lugares de uma memória’ permitida e louvada, têm uma ligação visceral com o poder, o que é bastante óbvio. Entretanto, essa ligação, velada pelas tentativas de se universalizar sua mensagem, é matizada por uma séria de fatores.”¹¹⁶

Assim sendo, a construção de monumentos públicos que garantem o espaço de Barth junto à memória do Oeste paranaense busca garantir a propagação de suas atividades em meio ao processo de colonização através de sua caracterização como significativo exemplo para a comunidade, de tal forma que “morreu, mas seu nome e figura permanecem imortais, lembrados não só em Toledo, mas em todos os recantos do Oeste, onde as ruas, praças, logradouros, bibliotecas, museus e outras instituições o consagram através de placas de frontispícios de todas as dimensões.”¹¹⁷ Para corroborar estas palavras, Neusa Peter enfatiza que “depois da morte dele [Barth], não tinha festa ou missa que não era citado o nome dele. Inauguração, qualquer coisa, o nome dele sempre vinha em primeiro lugar. Homem como esse não tem mais pro Oeste.”¹¹⁸

Então, diante dessa envolvente inserção, os monumentos públicos que retratam imagens desse personagem – tendo uma linguagem particular, porém de inserção coletiva – são visualizados pelo seu grupo como um “exemplo incontestável”, onde os monumentos públicos tornam-se uma reivindicação do seu grupo.

¹¹⁶ DUTRA, Eliana de Freitas (Org.). *BH: Horizontes históricos*. Belo Horizonte: Editora Com Arte, 1996, p.329.

¹¹⁷ SILVA, Oscar [et al]. Op. cit., p. 84 (Doc. n. ° 01).

Esta circunstância é descrita com maior nitidez na luta empreendida entre a comunidade e a família de Barth na reivindicação dos "restos mortais" deste personagem, como mostram os trechos de um artigo do jornal *A Voz do Oeste*: "existem homens que em razão do seu trabalho, do que fizeram em prol de um povo ou de uma região, deixam de ser patrimônio de suas próprias famílias, para passarem a pertencer ao povo e à região que tanto beneficiaram."¹¹⁹ Deste modo, essas nostálgicas palavras afirmam que Barth deixa de pertencer à sua família, pois, como benfeitor da comunidade, passa a pertencer a ela. Assim, sua família é o seu grupo, o que mostra a intensidade de sua inserção regional, assim como o valor que a coletividade conferia ao mesmo. Barth é descrito ainda como um imortal que irá desenvolver atividades junto a Deus, pois:

Ninguém jamais poderá esquecer do grande Willy Barth, eterno exemplo de fé no futuro desta região, de trabalho e coragem para a realização desse futuro. Ele nos deixou cedo demais. Por certo, Deus o queria junto a Si para outras missões. E ficamos privados dele. E, o que mais nos entristece, ao povo e à própria terra: seus restos não repousam aqui, nesse Toledo a que tanto amou, por quem tanto fez. Encontram-se lá longe, em Caxias do Sul (...). O nosso recado, gente, é sugerir que se peça à ilustre D. Diva, suas filhas e genros, que nos deixem trazer o nosso Willy, para junto de nós. Para que permaneça bem perto de todos que saudosamente o relembram e pranteiam. Para que sirva de exemplo aos nossos filhos e aos que não o conheceram. Exemplo de probidade, de trabalho, de amor, de dedicação. E então, não só este povo, como a própria terra, se sentirão revitalizados ao abrigarem em si, junto a si, as cinzas do nosso grande pioneiro!¹²⁰

Desta maneira, este discurso confirma a existência de uma disputa entre a família e a comunidade para obter as cinzas de Barth, bem como as formas do poder simbólico que circulam em torno desse personagem. Com isto, evidencia-se a sacralização desse personagem porque "Deus chamou-o para desenvolver outras atividades desejadas por ele"; tal aspecto mostra seu poder de persuasão, pois os

¹¹⁸ PETER, Neusa. Op. cit. (Doc. n.º 12).

¹¹⁹ A VOZ DO OESTE (Jornal). Toledo, ano IV, n.º 67, 29/06/1972 (Documento n.º 23).

¹²⁰ *Idem*.

monumentos públicos são vistos como uma necessidade na medida em que servem de exemplo de “probidade, de trabalho, de amor, de dedicação” para nossos filhos e aos que não o conheceram”. Diante disso, percebe-se a existência de fatores particulares que compõem a linguagem que estes monumentos possuem, servindo de exemplo para a comunidade local para que não seja esquecido e nem “desobedecido”.

Nota-se que estes monumentos não são inocentes, pois integram imagens que intentam atingir a coletividade, que, no caso da disputa dos restos mortais de Willy Barth, vai mais além, mostrando seu envolvimento com o grupo e consequentemente sua relevância junto a esse espaço, principalmente quando a discussão da reivindicação do seu túmulo vai parar na câmara dos vereadores da cidade de Toledo. Com isso, evidencia-se o apelo coletivo, visualizado ainda a partir do requerimento apresentado pelo poder legislativo deste município:

Considerando que tal sugestão retrata o desejo sincero de quantas pessoas que amam verdadeiramente Toledo e representa ato de plena justiça e reconhecimento ao trabalho e dedicação do valoroso WILLY BARTH, REQUER: Seja oficiado à ilustre Sra. Diva Barth, suas filhas e genros, para que nos deixem trazer os restos mortais do pioneiro Willy Barth, junto de nós, a exemplo do que foi feito com o Imperador D. Pedro I. [Além disso, o requerimento solicita que] seja (...) oficiado ao Exmo. Sr. Egon Pudell, DD. Prefeito Municipal de Toledo, solicitando para que o mesmo construa um monumento sepulcral na praça que leva o nome do saudoso pioneiro, perto de todos que o lembram.¹²¹

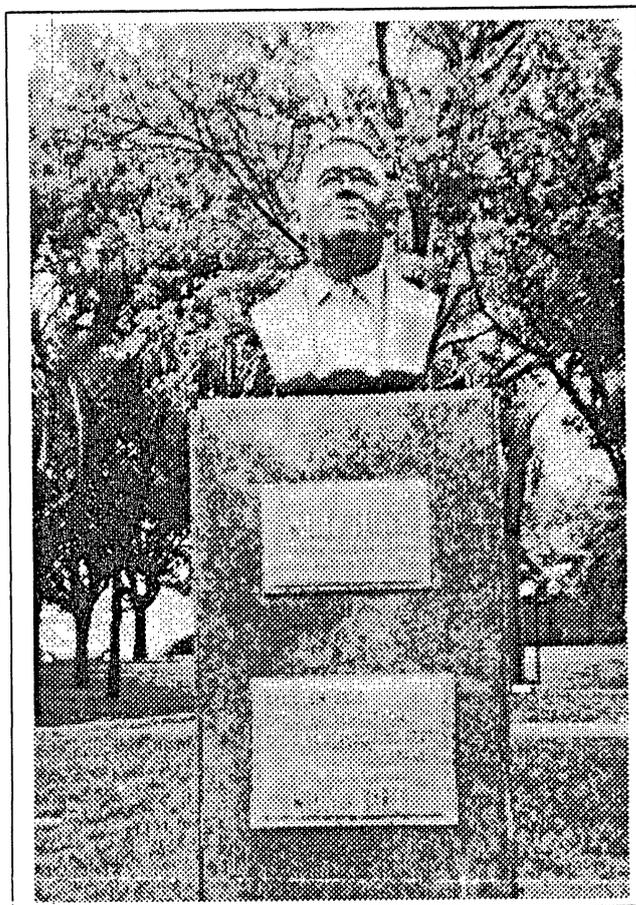
Desta forma, percebe-se a permanência da atuação heróica de Willy Barth para que todo o sistema de valores também permaneça marcado pelo seu selo. Para tanto, é preciso que as imagens de Barth, mais do que uma representação de

¹²¹ “25 Anos de Câmara Municipal (Toledo – Paraná 1952-1977)”. Toledo: Museu Willy Barth, 1977. p. 41 (Documento, n.º 24).

concreto (monumentos), conservem um papel de formação e renovação do conjunto de saberes, crenças, atitudes e valores de que é constituída esta comunidade sociocultural, que por eles e neles transmitem, ensinam e atualizam os ensinamentos do líder.

Assim sendo, esse herói mítico é revisitado através de um grande número de homenagens que se encontram no Oeste paranaense, forjando a constituição de lembranças sobre Barth que objetivam o “reviver” dessa memória através de sua glorificação, tornando-a presente a partir, principalmente, dos monumentos que guardam para as gerações futuras a sua memória “eternizada”.

FOTO 9 - Busto construído na Praça Willy Barth, localizada em Toledo (1962).



FONTE: Arquivo particular.

Neste sentido, o culto aos monumentos após a morte de um personagem que conseguiu adquirir tamanha expressão é a vontade de fazer circular “o sangue de um morto nas veias dos vivos”, entre outros aspectos que possuem forte interferência junto à conduta social de um grupo, tornando-o símbolo de sua comunidade.

Tal aspecto possui maior evidência a partir dos discursos que circulam em torno dos monumentos que se referem a Barth, como pode ser visualizado a partir da criação da “Medalha Willy Barth” estabelecida por um decreto da Câmara dos Vereadores da cidade de Toledo:

O PREFEITO DO MUNICÍPIO DE TOLEDO, Estado do Paraná, no uso de suas atribuições legais e em conformidade com o que dispõem a Lei nº 1.042/81 e o artigo 2º do Decreto nº 161/87, DECRETA: Art. 1º – fica outorgada a 'MEDALHA WILLY BARTH' nas comemorações dos 39 anos de Toledo, às seguintes personalidades toledanas: I - Edílio Ferreira, servidor público municipal, pelos notáveis serviços prestados em prol da comunidade toledana, à causa da educação e da cultura, tendo sido o idealizador da casa da cultura e do Conselho Municipal de Cultura; II - Ondy Hélio Niederauer, pioneiro, contador da Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S.A. (MARIPÁ), com mais de 40 anos de trabalho dedicado às causas da gente desta terra.¹²²

O significado que esta medalha revela está relacionado com a premiação oferecida pela comunidade local a quem desenvolve atividades que possuem reflexos das práticas de Barth, ou seja, a medalha nesse caso é um exemplo do exemplo de uma personalidade que compõe os costumes e as crenças que dignificam as pessoas que exercem atividades em “prol da comunidade” como fazia Willy Barth.

¹²² Decreto nº 0548/91 “Outorga a ‘Medalha Willy Barth’ à personalidade toledana”. Toledo: Museu Willy Barth. 1991 (Documento n.º 25)

Seguindo esta linha de raciocínio, outro monumento traz no seu bojo, narrativas que expressam atividades desempenhadas por Barth, observáveis na documentação que justifica a denominação da rodovia Willy Barth que liga as cidades de Toledo e Marechal Cândido Rondon:

Ao propormos o presente Projeto de Lei, denominando a Rodovia BR 467 - Willy Barth, procuramos fazer justiça à memória do maior pioneiro no desbravamento e colonização da região Oeste paranaense, por onde cruza a referida estrada federal. (...) De gênio dinâmico, alegre e extrovertido, compreensivo e afável, Willy Barth mudou a feição da incipiente colonização e da nascente cidade de Toledo. Organizou a exportação das madeiras, implantou novas indústrias (cerâmicas, fundição, serrarias, marcenarias, oficinas mecânicas, etc.) e motivou o comércio, até então praticamente inexistente. (...) Na obra empresarial, era o administrador de pulso firme, sem nunca despir a grandeza de alma, que ostentou até morrer. Nunca soube ter inimigos na vida social, nos negócios e nem na política. Não soube jamais o que era dificuldade. Se dificuldade fosse um obstáculo para a colonização ou para Toledo, fazia o possível e o impossível, pois Willy Barth dava exemplo para tudo. De espírito aberto e ecumênico, iniciou a implantação de cada localidade ou povoado plantando uma igreja ao lado de uma escola. Auxiliou, com elevados recursos, congregações e ordens religiosas, seminários, igrejas e sacerdotes. Graças a Willy Barth, a cidade de Toledo, por volta de 1957, passou a ser a cidade-líder do Oeste paranaense, com melhores recursos e condições de vida do que todas as outras, inclusive Foz do Iguaçu e Cascavel. Em 1958, graças ao seu apoio extraordinário e a firmeza de Willy Barth, a cidade de Toledo transformou-se em sede do novo Bispado de Toledo. Portanto, nada mais justo do que batizarmos a BR 467- hoje uma verdadeira espinha dorsal da economia do Oeste paranaense com o seu nome: RODOVIA WILLY BARTH!¹²³

Neste sentido, esse lugar da memória que integra o monumento que se refere a Barth tem um sentido que expressa uma identidade, aliada a seu nome, mas também constantemente aberto sobre a extensão de suas significações.

Assim, os monumentos aos mortos vivem essa vida plural, onde o sentimento de pertencimento dos membros de seu grupo enquadra-se com muitas das suas qualidades, sendo que no caso de Barth, este possui várias como visto na narrativa supracitada, pois, “dava exemplo para tudo”, sendo uma pessoa “de gênio dinâmico, afável, extrovertido”, mudando a “feição da incipiente colonização”, onde “nunca

¹²³ SENADO FEDERAL (Projeto de lei) Op. cit. (Doc. n.º 15).

soube ter inimigos na vida social, nos negócios e nem na política” e se por acaso “dificuldade fosse um obstáculo para a colonização (...) fazia o possível e o impossível”. Além disso, possuía um espírito “ecumênico”, confortando os membros de seu grupo, construindo assim em cada localidade “uma igreja ao lado de uma escola”. Com isso, “Toledo transformou-se em sede do novo Bispado”. Enfim, “graças a Willy Barth” Toledo “passou a ser a cidade-líder do Oeste paranaense”.

Neste sentido, percebe-se diversos sentimentos que Barth despertava e por este motivo a comunidade vê os monumentos como uma homenagem que deve servir de exemplo, ou seja, as atividades desempenhadas por Barth na região devem continuar a propagar-se, mesmo após a sua morte, onde os monumentos públicos existem não só como homenagens, mas também como ações que devem pertencer a seu grupo.

FOTO 10 – Placa que homenageia Willy Barth (Mal. C. Rondon, 1965).



FONTE: Arquivo particular.

A luta pela permanência das ações de Barth torna-se mais contundente na medida em que são consideradas as placas inscritas junto aos bustos que carregam suas imagens, localizadas nas praças centrais das cidades de Toledo e Marechal Cândido Rondon que, por sua vez, também possuem a denominação de Willy Barth. A primeira a ser apresentada é a placa encontrada na praça Willy Barth na cidade de Toledo: "A WILLY BARTH, presença eterna em nossa saudade, a homenagem do povo toledano"¹²⁴. Ainda neste mesmo busto, encontram-se as seguintes expressões: "CREIO EM DEUS. CREIO NA DEMOCRACIA. CREIO NA GRANDEZA DO OESTE PARANAENSE."¹²⁵ Este último trecho procura reproduzir frases ditas por Willy Barth e que eram uma espécie de lema, de filosofia de vida do líder.

Ainda neste sentido, semelhantes manifestações podem ser observadas na cidade de Marechal Cândido Rondon, onde também encontra-se um busto que tem no seu centro uma placa com os seguintes dizeres: "O MUNICÍPIO DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON ETERNIZA NO BRONZE A FIGURA MARCANTE DO DESBRAVADOR WILLY BARTH. HOMENAGEM DO POVO AO COLONIZADOR DO MUNICÍPIO, O BENFEITOR DA COLÔNIA, O PRECURSOR DO PROGRESSO."¹²⁶

Com isso, percebe-se que este lugar da memória identifica a Barth como "morto-vivo", porque a vontade de "eternizar" a sua memória garantiu o seu envolvimento com o grupo, tanto no presente quanto no futuro. Estes monumentos aparentemente são locais estritamente materiais, mas, como afirma Pierre Nora, "só é lugar da memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica".¹²⁷

¹²⁴ Extraído da placa encontrada junto ao busto de Willy Barth na cidade de Toledo (Documento n.º 26).

¹²⁵ *Idem.*

¹²⁶ Extraído da placa encontrada junto ao busto de Willy Barth na cidade de Marechal Cândido Rondon (Documento n.º 27).

¹²⁷ NORA, Pierre. *Op. cit.*, p.21.

Desta forma, percebe-se que estes locais são “investidos de uma aura simbólica” que objetiva imortalizar este personagem e busca revelar ações que simbolizam a própria existência da comunidade, tal como expresso em um artigo jornalístico que comenta a trajetória histórica da Praça Willy Barth da cidade de Marechal Cândido Rondon:

Considerada um marco histórico, a Praça Willy Barth acompanha a trajetória da história de Marechal Cândido Rondon. Ao planejar a organização dessa cidade, Willy Barth, diretor da MARIPÁ, determinou a doação de áreas de terra para a construção das igrejas e a instalação de praças, sendo que as praças teriam que ser em frente às igrejas. Percebe-se que o planejamento da cidade visava manter a tradição cultural da população, onde a religião e o lazer tinham seu espaço garantido. Em vista disso, existe hoje na área central da cidade a Praça 'Willy Barth', em frente à Igreja Evangélica Marthin Luther (...) em memória ao inesquecível colonizador e fundador de Marechal Cândido Rondon.¹²⁸

Neste mesmo sentido, uma das placas encontradas no interior do Museu Histórico Willy Barth, entre outras frases, destaca que “na era do pioneirismo, muitas vezes ouvimos um Willy exaltado exclamar: ‘Nós vamos fazer disto aqui uma coisa bem grande...!’ Pois hoje, vendo a coisa, ficou bem maior do que ele imaginava.”¹²⁹

Desta forma, através das narrativas supracitadas, percebe-se que a simbologia que integra as homenagens a Willy Barth faz com que o seu grupo preserve atividades que eram objetivadas pelas práticas discursivas deste personagem em vida, o que mostra que os monumentos públicos auxiliam na perpetuação de suas ações, apresentando Barth como um sujeito mítico devido ao

¹²⁸ PASQUINI (Jornal). “A praça”. Ano V, n.º 202, 04/10/1999 [Marechal Cândido Rondon], p. 10 (Documento n.º 28).

¹²⁹ Extrado da placa encontrada junto à Sala Willy Barth no Museu Histórico da cidade de Toledo (1999) (Documento n.º 29).

fato de seu grupo privilegiar a constituição desse(s) espaço(s) na memória da ocupação da região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa, buscou-se apresentar cenas representativas da constituição de um mito político durante as duas primeiras décadas da colonização e ocupação do Extremo Oeste paranaense, não tendo como pretensão fazer destas cenas um ensaio biográfico sobre Willy Barth, direcionado apenas à história de vida pessoal, mas apresentar aspectos interligados às pressões socioculturais que envolveram tal agente em relação ao seu grupo, enfocando atributos reconhecíveis tanto interna quanto externamente a este meio.

Para tanto, foram explorados documentos, tanto orais quanto impressos, que viabilizassem a análise de variados ângulos da atuação de Willy Barth, procurando destacar questões educacionais, religiosas, econômicas, étnicas e culturais presentes no convívio social das comunidades que ocuparam esse espaço, observando as implicações entre a postura política de Barth e as pessoas desta região.

Apesar da aparente obviedade, cabe ressaltar que o diálogo estabelecido neste objeto de estudo não se encontra esgotado. Sendo assim, esta pesquisa, além de contribuir com a presente discussão, busca apresentar possibilidades no que se refere à novas temáticas a serem exploradas futuramente.

Objetivando a compreensão de atributos que fizeram desse personagem uma expressão junto às comunidades oestinas, foram eleitos momentos que se tornaram marcos históricos, relacionados às práticas e construções sociais verificadas durante e após a passagem de Barth pela região, que, por sua vez, aparecem em várias narrativas analisadas, fazendo com que sejam visualizadas como fatos expressivos que colaboraram para a configuração das imagens que Barth adquiriu neste espaço. Assim sendo, o trabalho também buscou mostrar como estes elementos são representativos da permanência deste personagem junto às memórias que narram a colonização do Oeste do Paraná.

Com o desenvolvimento da pesquisa, percebeu-se que Willy Barth foi um homem de seu tempo, pois encontrava-se informado sobre os movimentos que circulavam junto ao universo político que se manifestavam tanto a nível nacional como mundial, e, dessa forma, extrapolavam os limites do Oeste paranaense, de tal maneira que suas idéias podem ser consideradas como estando imbricadas com as situações que se encontravam além das fronteiras desta região.

Assim, entre os principais fatos que movimentavam este momento histórico pode-se destacar a adoção de formas políticas oriundas do governo Vargas, que, entre outras características, evidenciam-se nas práticas paternalistas que Barth assume diante de seu grupo, adquirindo uma relativa reciprocidade e indicando uma sensibilidade política que procurava “confortar” os sentimentos das pessoas deste meio, atitude que mostra as entranhas de um poder local que gira em torno deste personagem.

Ademais, Barth encontrava-se atualizado com relação aos conflitos existentes entre os sistemas capitalistas e comunistas que, neste período, disputavam o campo

político mundial, fato que fez com que assumisse uma postura contrária ao comunismo devido aos riscos políticos e econômicos que poderiam surgir junto ao projeto de colonização. Esta preocupação aparece com maior nitidez na abordagem de questões – religiosas, políticas, educacionais, entre outras – presentes tanto nas suas falas como nas narrativas que retratam suas ações.

Inseridas neste contexto, suas práticas enfocavam reflexões sobre os problemas agrários que se manifestavam no Brasil e no exterior. Este pode ser considerado como um dos fatores que ameaçavam diretamente aos projetos privados de colonização, já que direciona as atenções para o questionamento do direito à propriedade privada. Deste modo, justificado claramente devido às especificidades que comportava o processo de colonização, estas orientações comunistas eram duramente combatidas por Barth, vistas a seu modo como uma ameaça para o mundo.

Tendo conhecimento desta movimentação política, entre outras manifestações vinculadas ao seu tempo, Barth alia suas práticas a fatores que agitam a política fora deste espaço, o que faz com que suas ações nesta região sejam caracterizadas pelo amálgama entre especificidades locais e movimentos políticos extra-locais.

Assim sendo, a expressão que este personagem adquiriu junto ao seu grupo passa a integrar variados fatores, pois, por estar bem informado sobre o seu tempo, Barth destaca-se neste meio, sendo que as comunidades encontravam-se num estágio de relativo isolamento no que se refere ao universo político que extrapolava seu espaço. Além disso, os colonos tinham investido consideráveis esforços no projeto de colonização buscando a ascensão social baseada principalmente na aquisição de terras para eles e para seus filhos, tendo uma idéia convicta de fixar

raízes neste espaço, tratando-se então de um projeto material e cultural que norteava a vida destas pessoas. Há que se ressaltar ainda o fato de que estas pessoas não tinham como voltar para suas terras de origem, encontrando-se numa região na qual não possuíam grande assistência social por parte do poder público ou outra forma de auxílio fora dos moldes da colonizadora.

As peculiaridades apontadas acima, vinculadas a um projeto colonizatório privado “em pleno sertão”, faz com que os colonos busquem proteção junto a alguém ou alguma instituição. Willy Barth é a figura que contempla as características necessárias para servir de amparo em meio às adversidades presentes neste espaço. Alicerçado em seu carisma pessoal, que integrava elementos particulares como também possuía reflexos de um paternalismo getulista, Barth despertava a confiança dos colonos. Desta forma, assumindo uma posição de destaque público diante de seu grupo, apresentava idéias nada inocentes que se entrelaçavam com a prosperidade do projeto de colonização e sua carreira política particular.

Neste contexto, que até então apresentava uma relação na qual os conflitos entre Barth e as comunidades locais estavam sendo “bem” administrados, ocorre a circunstancial morte deste personagem, num momento em que as pessoas da região tinham-no como o principal sujeito deste espaço, através do qual estas buscavam auxílio tanto de caráter particular como coletivo. Este período mostra-se enquanto um momento no qual tinha-se formado uma unidade que girava em torno deste personagem devido ao relativo isolamento em que se encontravam os colonos.

Estas questões, aliadas aos caracteres específicos assumidos pela morte no universo cristão, fazem com que Barth seja considerado como o principal “homem da região”, representante legítimo dos “desejos” de sua comunidade, aspecto que facilita a compreensão da proteção que as pessoas de seu grupo – independentemente do

estrato social a que pertencessem – dedicam à memória de Willy Barth, através de narrativas que glorificam suas ações. Aos olhos de seu grupo, sua atuação adquire uma intensidade tamanha que chega a ser comparado a um “Deus na terra”, pois as pessoas sentem-se abandonadas pelo seu “pai”.

Desta forma, buscou-se apresentar motivos e formas que mostram faces desta “coesão” que existe em torno deste personagem, entendido como fator de minimização das relações conflituosas existentes neste espaço. Tal atitude não era exclusividade apenas de Barth, como visto no segundo capítulo, mas está relacionada aos diversos produtores de memórias, como ressaltado no terceiro capítulo. Assim, Barth para sua comunidade, além de um homem, é um valor sociocultural.

Percebe-se, então, que a partir do enfoque de variegadas narrativas – oriundas tanto das falas de Barth quanto de indivíduos que comentam suas atividades –, suas ações possuem efetiva inserção e respaldo na organização deste espaço, fator que é identificado com maior clareza junto aos movimentos que caracterizam a existência de um esforço coletivo em prol da sobrevivência de sua memória, esforços estes que podem ser observados tanto nas narrativas vinculadas às instituições locais como também pelas outras faces sociais que integram o extremo Oeste paranaense.

Elementos contraditórios podem ser encontrados nesta “unanimidade”, ou seja, para as pessoas deste meio ou com quem Barth estabeleceu relações, seja direta ou indiretamente, tornou-se necessário construir uma unidade em torno deste personagem, pois ao tecer comentários favoráveis sobre a atuação de Willy Barth, as pessoas em certa medida passavam a identificar-se com suas ações.

Com isso, todo este ufanismo e nostalgia que circula em torno de Barth indica para o fato de que quando de sua morte, a comunidade não perde apenas o diretor da Maripá, o prefeito de Toledo, mas perde parte de sua esperança pessoal relacionada a um ideal de vida que visualizava objetos concretos. Assim, com a sua morte, molda-se como um dos importantes resíduos de suas memórias e com o transcorrer dos anos, adquire o sentido de um mito moderno que apresenta elementos concretos e simbólicos, profanos e sagrados, nas memórias que o recordam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

a) Documentos produzidos por Willy Barth utilizados no Capítulo II

Documento n.º 1:

BARTH, Willy. *Mensagem do dia do colono*. Toledo: Museu Willy Barth, 1961.

Documento n.º 2:

BARTH, Willy. *Mensagem do dia 7 de setembro*. Toledo: Museu Willy Barth, 1961.

Documento n.º 03:

BARTH, Willy. *Mensagem redigida por ocasião da renúncia de Jânio Quadros*. Toledo: Museu Willy Barth, 1961.

Documento n.º 04:

BARTH, Willy. *Discurso proferido como paraninfo da 1ª turma de formandos de segundo grau do Colégio La Salle de Toledo*. Toledo: Museu Willy Barth, 1961.

Documento n.º 5:

BARTH, Willy. *Carta para o governador*. Toledo: Museu Willy Barth, 1951.

Documento n.º 6:

BARTH, Willy. *Discurso do Dia do Trabalho*. Toledo: Museu Willy Barth, 1961.

b) Documentos produzidos sobre Willy Barth utilizados no Capítulo III

Documento n.º 01:

SILVA, Oscar [et al]. *Toledo e sua história*. Toledo: Prefeitura Municipal, 1988.

Documento n.º 02:

ARQUIVO Público do Paraná. "Discurso de Lyrio Bartoli na Câmara dos Deputados em Brasília". 12 de junho de 1968 [Dossiê – 0551, Cx. 062 – DOPS].

Documento n.º 03:

MONAIS, Adaril. *Carta enviada à Família Barth*. Toledo: Museu Histórico Willy Barth, 1962.

Documento n.º 04:

KUHN, Wilson Carlos. *Biografia de Willy Barth*. Toledo: Museu Histórico Willy Barth, 1978.

Documento n.º 05:

NEUGEBAUER, Osvaldo Hildebrando *Entrevista*. Toledo, fevereiro de 1999.

Documento n.º 06:

CARTA enviada por empresários de Buenos Aires à família Barth. Toledo: Museu Histórico Willy Barth. 1962.

Documento n.º 07:

LAMBERTY, Alberto Antônio. *Entrevista*. Marechal Cândido Rondon, fevereiro de 1999.

Documento n.º 08:

A VOZ do Oeste (Jornal). Toledo, n. 67, ano IV, 25 de julho de 1971. Toledo: Museu Histórico Willy Barth.

Documento n.º 09:

LAMB, Arlindo A. *Decreto Municipal*. Prefeitura Municipal de Mal. C. Rondon, 1962.

Documento n.º 10:

SCHROEDER, Volnei. *Entrevista*. Marechal Cândido Rondon, fevereiro de 1999.

Documento n.º 11:

VON BRAUGHTER (Família). *Entrevista*. Marechal Cândido Rondon, fevereiro de 1999.

Documento n.º 12:

PETER, Neusa. *Entrevista*. Marechal Cândido Rondon, fevereiro de 1999.

Documento n.º 13:

LAMB, Arlindo A. *Mensagem dirigida ao povo de Marechal Cândido Rondon*. Prefeitura Municipal, 1963.

Documento n.º 14:

PUDELL, Egon. *Carta do 6º Aniversário do falecimento de Barth*. Toledo: Museu Histórico Willy Barth, 1969.

Documento n.º 15:

SENADO Federal (Projeto de lei). "Dá a denominação de 'Willy Barth' à rodovia BR 467". Brasília, 1985.

Documento n.º 16:

DÉCADA (Revista trimestral). Ano I, n.º 03. Toledo, 25-07-1974.

Documento n.º 17:

CARTA da comunidade de General Rondon a Willy Barth (Natal de 1954). Toledo: Museu Histórico Willy Barth, 1954.

Documento n.º 18:

CARTA da comunidade de General Rondon a Willy Barth (Comemorações de Ano Novo). Toledo: Museu Histórico Willy Barth, 1954.

Documento n.º 19:

PAWELKE, J. *Ficando rico no oeste do Paraná*. Marechal Cândido Rondon: Igreja Martin Luther, 1970.

Documento n.º 20:

O OESTE (Jornal). N.º 4, 1953.

Documento n.º 21:

REVISTA Policial. Toledo: Museu Histórico Willy Barth, 1961.

Documento n.º 22:

O ALENTO (Jornal). Ano II, n.º 95, Mal. C. Rondon.

Documento n.º 23:

A VOZ do Oeste (Jornal). Toledo, ano IV, n.º 67, 29/06/1972.

Documento n.º 24:

"25 Anos de Câmara Municipal (Toledo – Paraná 1952-1977)". Toledo: Museu Willy Barth, 1977.

Documento n.º 25:

Decreto n.º 0548/91. "Outorga a 'Medalha Willy Barth' à personalidade toledana". Toledo: Museu Willy Barth, 1991.

Documento n.º 26:

Placa encontrada junto ao busto de Willy Barth na cidade de Toledo.

Documento n.º 27:

Placa encontrada junto ao busto de Willy Barth na cidade de Marechal Cândido Rondon.

Documento n.º 28:

PASQUIM (Jornal). "A praça". Ano V, n.º 202, 04/10/1999 [Marechal Cândido Rondon].

Documento n.º 29:
Placa encontrada junto à Sala Willy Barth no Museu Histórico da cidade de Toledo
(1999).

c) Entrevistas

LAMBERTY, Alberto Antônio. *Entrevista*. Marechal Cândido Rondon, fevereiro de 1999.

NEUGEBAUER, Osvaldo Hildebrando. *Entrevista*. Toledo, fevereiro de 1999.

PETER, Neusa. *Entrevista*. Marechal Cândido Rondon, fevereiro de 1999.

SCHROEDER, Verno. *Entrevista*. Marechal Cândido Rondon, fevereiro de 1999.

VON BRAUGHTER (Família): *Entrevista*. Toledo, fevereiro de 1999.

d) Entrevistas consultadas

SCHMIDT, Ricardo. *Entrevista*. Marechal Cândido Rondon: CEPEDAL, agosto de 1995.

TECKER, Bertoldo. *Entrevista*. Marechal Cândido Rondon: CEPEDAL, junho de 1989.

WENDER, Valter. *Entrevista*. Marechal Cândido Rondon: CEPEDAL, abril de 1994.

WINCLER, Alessandra. *Entrevista*. Marechal Cândido Rondon, junho de 1998.

e) Obras Citadas

ANSART, Pierre. *Ideologias, conflitos e poder*. Rio de Janeiro: Zahar Ediores, 1987.

AZEVEDO, Fernando A. *As ligas camponesas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

BACZKO, Bronislaw. "Imaginação social". In: *Enciclopédia Einaudi*. v. 5. Porto: Imprensa Nacional, 1984.

BENDIX, Reinhard. *Max Weber: um perfil intelectual*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

BENEVIDES, Cezar. *Camponeses em marcha*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

- BOBBIO, Norberto; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Brasília: Editora da UNB. v. 2, 1997.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- BRUIT, Héctor H. *Revoluções na América Latina: o que são revoluções? México e Bolívia, Cuba e Nicarágua*. São Paulo: Atual, 1988.
- BURKE, Peter. *O mundo como teatro: estudos de antropologia histórica*. Lisboa: Difel, 1992.
- CARVALHO, José Murillo de. *A formação das almas: o imaginário das repúblicas no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- COLENACHI, Maria Cristina. "Movimento camponês do Sudoeste do Paraná: aspectos polêmicos". *História: questões e debates*. Ano 8, n. 14-15 [Curitiba], dez./1987, pp. 147-160.
- COLOGNESE, SILVIO A.; SCHALLEMBERGER, Erneldo. *Migrações e comunidades cristãs: o modo-de-ser evangélico-luterano no Oeste do Paraná*. Toledo: Edt, 1994.
- CUNHA, Luiz A.; GÓES, Moacyr D. *O golpe na educação*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- DIÁRIO Oficial do Estado do Paraná – (E. U. do Brasil), n.º 2041, ano 9. Curitiba, 30/03/1939.
- DUTRA, Eliana de Freitas (org.). *BH: Horizontes históricos*. Belo Horizonte: Editora Com Arte, 1996.
- ELIADE, Mircea. *Mitos e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- . *Mitos, sonhos e mistérios*. Lisboa: Edições 70, 1981.
- . *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ENDERS, Armelle. "Les lieux de mémoire: dez anos depois". *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Ano 11, v. 6, Semestral Janeiro – Junho de 1993.
- FERREIRA, Vicente. *O Paraná e seus municípios*. Maringá: Memória Brasileira, 1996.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

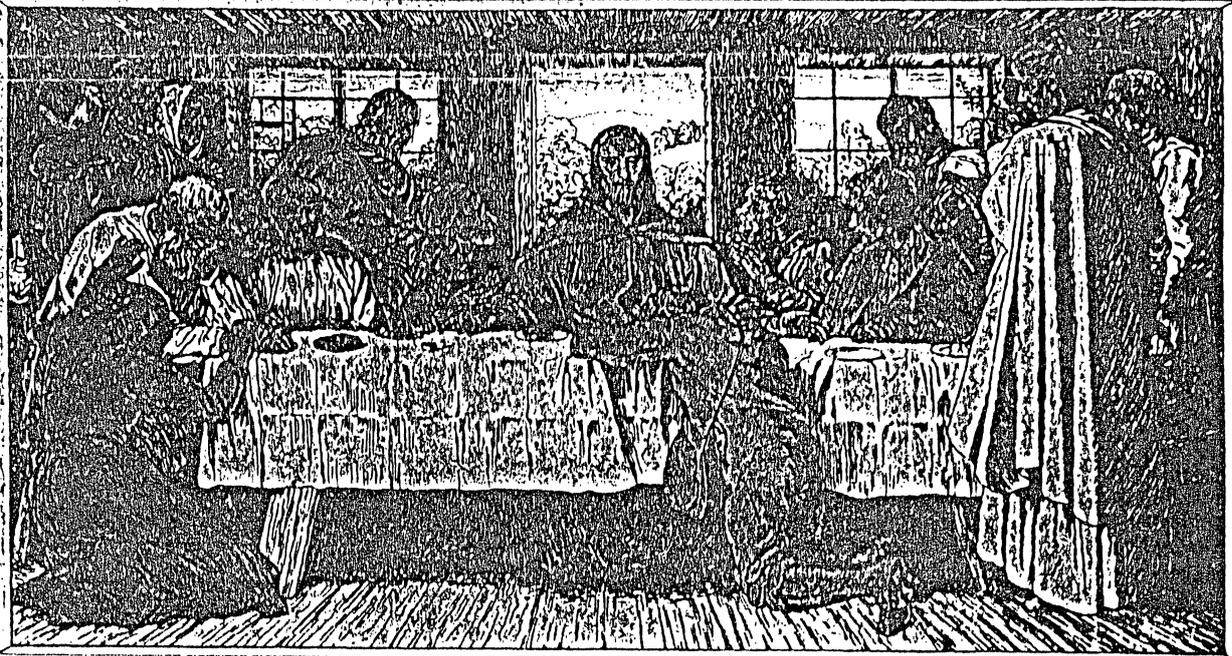
- GREGORY, Valdir. *Os euro-brasileiros e o espaço colonial: a dinâmica da colonização do Oeste do Paraná nas décadas de 1940 a 1970*. Niterói, 1997. Tese (Doutorado em História) - UFF.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. *Anais do I Congresso de Ciências Humanas das Universidades Federais de Minas Gerais*. São João del Rei, maio de 1993.
- GÜTHS, Lia Dorotéia. *Do mapeamento geo-ambiental ao planejamento urbano de Marechal Cândido Rondon (Pr): estudo de caso (1950-1997)*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Florianópolis – UFSC. 1999.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JANOTTI, Maria de Lourdes M. *O coronelismo: uma política de compromissos*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- KUHN, Wilson Carlos. *Biografia de Willy Barth*. Toledo: Museu Histórico Willy Barth, 1978 (Mimeo).
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- . "Memória". In: *Enciclopédia Einaudi*. v. I. Porto: Imprensa Nacional, 1984.
- LINHARES, Maria Y. (Org.). *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- MACCARI, Neiva. *Migrações e Memória: a colonização do Oeste paranaense*. Curitiba, 1999. Dissertação (Mestrado em História) – UFPR.
- MATOS, Olgária C. F. "Construção e desaparecimento do herói: uma questão de identidade nacional". *Tempo Social* [São Paulo], 6 (1-2), 1994.
- MICELI, Paulo. *O mito do herói nacional*. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 1994.
- MOURA, Margarida M. *Camponeses*. São Paulo: Ática, 1986.
- NIEDERAUER, Ondy H. *Relatório de atividades da Máripa*. Toledo: Museu Histórico Willy Barth, 1955 (mimeo).
- . *Toledo no Paraná: a história de um latifúndio improdutivo, sua reforma agrária, sua colonização, seu progresso*. Toledo: Grafo-Set, 1992.
- NORA, Pierre. "Entre memória e história: o problema dos lugares". Trad. Yara Aunkhoury. *Projeto História* (Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História/PUC-SP). São Paulo, 1981.
- (Org.). *Les lieux de la Mémoire*. Paris: Gallimard, 1984.

- NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.
- OBERG, Kalervo. *Toledo: um município da fronteira Oeste do Paraná*. Rio de Janeiro: Edições SSR, 1960.
- PESSOA, Fernando. *Eu profundo e os outros eus*. Seleção poética. 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1978.
- POLLAK, Michael. "Memória e identidade social". *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n.º 10, 1992.
- RANGER, Terence; HOBBSAWM, Eric. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- RIBEIRO, Ivan de O.; CEZAR, Paulo B.; BESANOSIK, Roberto I. *Modernização e diferenciação social na agricultura brasileira: um estudo no Extremo Oeste do Paraná*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/Fundação Getúlio Vargas, 1981 (Projeto de Evolução Recente e Situação Atual da Agricultura Brasileira – PERSAGRI II).
- ROCHA, Everaldo P. G. *O que é mito*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- ROMANELLI, Otaíza de O. *História da educação no Brasil (1930-1973)*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- SAATKAMP, Venilda, *Desafios, lutas e conquistas: história de Marechal Cândido Rondon*. Cascavel: Assoeste, 1984.
- SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.
- SILVA, Oscar; MACIEL, Clori F.; BRAGAGNOLLO, Rubens. *Toledo e sua história*. Toledo: Prefeitura Municipal de Toledo, 1988.
- VERNANT, Jean-Pierre. "A bela morte e o cadáver ultrajado". *Revista Discurso* [São Paulo] n. 9, nov./1978.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 4ª ed. São Paulo: Pioneira, 1985.
- . *Ensaios de sociologia*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- WOLF, Joel. "'Pai dos Pobres' ou 'Mãe dos Ricos'? Getúlio Vargas, industriários e construções de classe, sexo e populismo em São Paulo, 1930-1954". *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol. 14, nº 27, [1994]: 27-60.

f) Bibliografia ancilar

- BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- . *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*. Trad. Maria L. X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- CASSIRER, Ernest. *O mito do estado*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno*. Trad. José A. Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.
- ELIAS, Norbert. *Mozart, sociologia de um gênio*. Trad. Sérgio G. de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- IPARDES - Fundação Edison Vieira. *O Paraná reiventado: política e governo*. Curitiba, 1989 (Projeto História Política do Paraná - Convênio IPARDES/ SEPL/FUEM).
- LENHARO, Alcir. *A sacralização da política*. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 1986.
- MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.
- SCHREINER, Davi Félix. *Cotidiano, trabalho e poder: a formação de uma cultura do trabalho no Extremo Oeste do Paraná*. Cascavel: EDUNIOESTE, 1996.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- TOMAZI, Nelson Dacio. *"Norte do Paraná": história e fantasmagorias*. Curitiba, 1997. Tese (Doutorado em História) - UFPR.
- WACHOWICZ, Rui C. *Obrages, mensus e colonos: história do Oeste paranaense*. Curitiba: Vicentina, 1982.

ANEXOS



Psalm 119, 7
Wie wird ein
Jüngling seinen
Weg unsträflich gehen?
Wenn er sich hält nach deinen Worten.

Willi Barth,

geboren 20. Juni 1906 getauft 21. Juli 1906

konfirmiert

in der deutschen evangelischen Kirche zu *Toronto Alegre*

am 27. November 1921

Körn. T. 16

Gottschald, Pfarrer

ANEXO 02 - RELAÇÃO DOS ACIONISTAS DA MARIPÁ

N.º	NOME DO ACIONISTA	N.º DE AÇÕES
001	Adelino Formighieri	82
002	Adelqui Formighieri	83
003	Alberto Dalcanale	7.425
004	Albino Egon Dietrich	429
005	Alcebiades Formighieri	82
006	Alcides Heck	429
007	Alfredo Paschoal Ruaro	6.666
008	Almerinda Teixeira Pacini	363
009	Almiro Formighieri	83
010	Amábile Tomazi Formighieri	83
011	Angelo Pedro Cassol	990
012	Armando Da Mattos Miller	330
013	Arno Rodolfo Haase	165
014	Arthur Fischer	281
015	Astrid Renaux	1 650
016	Atilio Formighieri	82
017	Bernardino Zelindo Barbieri	83
018	Caetano Célia	330
019	Carlos Frederico Walther	825
020	Célia Pacini de Andrade	380
021	Cid Marcondes de Albuquerque	429
022	Clécio Zenni	36
023	Cleny Maria Becker	134
024	Cristiano Huber Filho	165
025	Curt Bercht	7 062
026	Dagmar Sylvia Renaux	206
027	Diva Margarida Becker Zenni	132
028	Domingos Alves da Silveira	37
029	Edgar Hug Bercht	1 254
030	Edgar Ritte	330
031	Edmundo Descheimer Kessler	330
032	Egon Werner Bercht	3.934
033	Erich Walter Bueckmann	660
034	Eugênia Bohrer Ritter	660
035	Ewaldo Henrique Ritter	495
036	Felício Salvador Célia	660
037	Fernando de Azevedo Moura	1.815
038	Fernando Descheimer Kessler	330
039	Ficagna Etério Arcangelo	83
040	Frederico Barletta Célia	165
041	Gastão Frein	198
042	Gerhard Louis Júlio Wetzel	198
043	Giacomo Fornazari	462
044	Guilherme João Fabrin	330

Fonte: MACARI, Naira. Migrações e Memória: a colonização do Oeste paranaense. Curitiba, 1999. Dissertação (mestrado História) UFPR.

045	Guilherme Renaux	330
046	Hélia Pacini	330
047	Helia Valeria Alberts	220
048	Herbert Müller	1.045
049	Hugo Adalberto Kessler	330
050	Hugo Benno Haase	660
051	Ilza Kessler Caldas	330
052	Iony Roeche Bercht	495
053	João Carlos Renaux Bauer	33
054	Jorge Carlos Augusto Fayet	759
055	Jorge Guilherme Schilling	825
056	José Barletto Célia	165
057	José Francisco Becker	134
058	Júlio Gertum de Azevedo Bastian	1.980
059	Leonardo Júlio Perna	2.632
060	Leopoldina S.A. - Administração e Comércio	924
061	Luiz Dalcanale Filho	2.079
062	Maria Luiz Renaux	1.650
063	Marino Soares	19
064	Mauricio Strosts	330
065	Odílio Lourenço Barbieri	165
066	Ondy Hélio Niederauer	36
067	Paulo Fayet	858
068	Pedro Formighieri	82
069	Raul Bés	1.884
070	Rodolfo Renaux Bauer	198
071	Roberto Diehl	220
072	Rosalino Estevão Barbieri	165
073	Severino Barbieri	231
074	Toledo Roberto Borne	825
075	Waldir Luis Becker	132
076	Werner Diehl	99
077	Werner Katz	99
078	Werner Erich Gros	312
079	Willy Barth	3.641
080	Zita Kessler Antunes da Cunha	330
081	Zulmir Antônio Ruaro	660

ANEXO 03

FONTE: MUSEU HISTÓRICO WILLY BARTH. TOLEDO. 1999.

Exmo. Sñr.

W I L L Y B A R T H

DD. Diretor da MARIPÁ

Toledo - Paraná

O povo das Colonias, das Chácaras e da Sédo de Gal. Rondon vem transmitir-vos os mais sinceros votos para um Feliz Natal e Prospero Ano Novo.

Desejamo-lhes, como Chefe e Pai da Fazenda Britania, uma administração proficua e a realização de todos os seus planos.

Externamos os nossos cordiais agradecimentos por tudo que fizestes para o desenvolvimento da nossa zona e por todo carinho dispensado a cada um de nós.

Nas horas de preocupações pedimos lembrar-vos de que este povo aqui sempre estará ao vosso lado lutando junto para a solução de todos os vossos problemas.

Pedindo recomendações á vossa distinta familia, firmamo-nos com cordiais saudações.

General Rondon, natal de 1954.

ass) Ruppel, A. S. de S. L.

Miguel S. S. de S. L.

Jose Feiden

Amelia Feiden

Maldi Winter

Ell. M. Winter

Willy E. Winter

Emma Pretini

Henrique S. de S. L.

Huldo Reschke
Theoy D. Hümer
Elsa D. Hücher
Agnes Bünker
Edwin F. G. Gerber
Judo St. J. J. J. J.
Frag. J. J. J. J.
Kudlo St. J. J.
Adeline Link
Eduardo Reschke
Olga Reschke
Eduardo S. S. S. S.
W. J. J. J.
Beatriz Lillmer
Kugenio Möller
Wilibaldo P. J. J.
Gervino Vicari
Margarida Schmidt
Heno Monch
Gnita J. Monch
Heigo Bergmann
Eva Bergmann
Paulo Wache
Dda Guilhermina Wache
Armando Kochenbach
Arvino Ernesto Wolfart
Wahya Wolfart
Rodolfo Carlos Hassmer
Heolwig Thurn Gutboff
Balduino N. Scheffler
Antonio St. J. J. J. J.
Walter Werner
Edmundo St. J. J. J. J.
Fernando Wache

Alfredo Nier
Miguel de Schneider
Ernesto Erich Ritscher
Eugenio Pfeiffer
Franz Eitel Köttner.
Berthold Gustoff
Mose Lindenberg
Rudolf A. Schneider
Amanda J. Schneider
Edith L. Schneider
Adolfo O. L. Stey
Carlos O. A. Vorpägel.
Raimundo Böne
Jorge Pizyorek
Leo Bogmann
Eugenio Böne
Albino Beraga
Egidia Beraga
Selge Stey
Benno Weirich
Alicia Weirich
Annela Galij
Emilio Hartleben
Rubin Vorpägel
Rinaldo J. Kengrat
Ottomar Stemann
Ewald Guillelmo Stey
Pastor Themo Rheinheimer
Rudolpho G. Tommy
Arnoldo Bauer
Arthur Borschke
Eugen Petersen
Arnoldo Reshke

Eduardo Gustavo Köttner
Raimundo He del
Waldemar Tommy
Isomalda Weirich
Ernesto G. Weirich.
Silfredo O. G. Weirich
Oscar Kiefer
Herrn Kiefer
Herbert Ritscher
Frederico Loschinsky
Wilma Loschinsky
Arthur Max Jore.
Eugenia Weirich
Georgina Weirich
Stella Böne
Herrn Bernhard Weirich
Ruth Borschke
Emmilo K. J. Steh
Alfredo Stey
Eugenio A. Borschke
Rudy Omar von Borstel
Wally von Borstel
Waldemar Zimmer
Herrn Zimmer
Erwin Singer

Alti Alberto Weimann
Arixa S. Weimann
Alberto Bötke
Johann Marzinhowski
Arg. Heimerdinger
Frederico B. Heimerdinger
Emilio Gull
Privaldo Lambert
Julius Lambert
Waldo Stern
Osmar Albino Seara
Carlos G. Weimann
Reinoldo Schwingel
Eugênio S. Sandoval
Walter Reinhardt
Caetano Sauer
Edgar Engelmann
Jesús Brachmann
Suzinha Ludwig
Alberto Carlos Sauer
Elmer Sauer
Edrino Sauer
Lucia Sauer
Alonso J. de Brito
Ritrich J. de Brito
Eduardo Figueiredo de Brito
Alice Figueiredo de Brito
Fidelino Rastbach
Wilhelm Reinhardt
Guilherme Sauer
Piero Ruppenthal
Franklin Gunnwald
Rinaldo Ludwig